

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Medicina de Lisboa



# O Duplo Padrão Sexual no masculino: uma perspectiva transgeracional portuguesa

**Mestrando:** Nuno Miguel Heitor de Matos Mendes Marques

Curso de Mestrado em Sexualidade Humana – 2ª Edição

2011

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Medicina de Lisboa



# O Duplo Padrão Sexual no masculino: uma perspectiva transgeracional portuguesa

**Mestrando:** Nuno Miguel Heitor de Matos Mendes Marques

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Rui Xavier Vieira

*Todas as afirmações efectuadas no presente documento são da exclusiva responsabilidade do seu autor, não cabendo qualquer responsabilidade à Faculdade de Medicina de Lisboa pelos conteúdos nele apresentados.*

Curso de Mestrado em Sexualidade Humana – 2ª Edição  
2011

*A impressão desta Dissertação foi aprovada pelo Conselho Científico da Faculdade de  
Medicina da Universidade de Lisboa em reunião do dia 19 de Julho de 2011.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Ao meu Orientador, Professor Doutor Rui Xavier Vieira, que, com toda a sua vasta experiência e conhecimentos na área da Sexologia, sempre me apoiou e se disponibilizou para me ajudar na elaboração desta Tese;*

*Ao Professor Doutor Nuno Cachadinha, docente da cadeira de Organização e Gestão de Obra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pela grande amabilidade e disponibilidade demonstradas no apoio à recolha dos dados em meio universitário;*

*À Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pela facilitação das condições de aplicação dos Questionários respeitantes a esta Tese;*

*A todos os sujeitos que participaram na elaboração desta Tese, por permitirem algum progresso científico, ainda que modesto;*

*A toda a minha família, e em particular ao meu irmão, a quem dedico esta Tese.*

## ÍNDICE

RESUMO .....	1
INTRODUÇÃO.....	3
A sexualidade como um produto histórico-cultural e a diferença entre géneros .....	3
As origens do Duplo Padrão Sexual .....	7
O “Birth Control” e o surgimento do feminismo.....	9
As várias teorias na problemática do Duplo Padrão Sexual .....	11
As teorias evolucionistas .....	11
A teoria psicanalítica.....	12
As teorias da aprendizagem social .....	13
A teoria da androginia .....	14
A teoria de John Money e o conceito de “mapa” .....	16
As teorias do construcionismo social .....	17
A teoria dos <i>scripts</i> sexuais .....	18
O Duplo Padrão Sexual no Ocidente contemporâneo.....	22
O Duplo Padrão Sexual : a controvérsia empírica .....	26
O Duplo Padrão Sexual como um conceito multidimensional .....	28
Percepção Social da Existência do Duplo Padrão Sexual .....	29
Aceitação Pessoal da Existência do Duplo Padrão Sexual .....	31
Evidências a favor de um Padrão Sexual Singular.....	33
Evidências a favor do Duplo Padrão Sexual .....	36
O caso do Padrão Sexual Invertido .....	37
Os instrumentos de medida do Duplo Padrão Sexual: suas limitações e novas propostas .....	40
A Satisfação Sexual .....	42
A satisfação sexual e a satisfação marital .....	45
Idade, Género e Satisfação Sexual .....	46
Factores Individuais na Satisfação Sexual .....	48
Factores Relacionais na Satisfação Sexual.....	49
Factores Culturais na Satisfação Sexual.....	51
MÉTODO .....	52
Delineamento do Estudo .....	52
Design da investigação .....	53
Sujeitos.....	53
Material .....	55
O Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual.....	56
O Índice de Satisfação Sexual .....	65
Procedimento .....	67
Procedimento para com Autores e Instituições .....	67

Procedimentos de Medida .....	68
Hipóteses.....	70
RESULTADOS .....	71
Caracterização da Amostra e Estatísticas Descritivas .....	71
Propriedades Psicométricas dos Instrumentos .....	72
Resultados das Hipóteses.....	73
CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS .....	77
O critério da Liberdade Sexual .....	77
A avaliação do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho .....	78
O critério “Número de Parceiros Sexuais” e o Duplo Padrão Sexual .....	78
Análise à dimensão qualitativa do estudo.....	79
Acerca dos resultados obtidos: o papel das medidas além da média.....	80
DISCUSSÃO.....	83
LIMITAÇÕES DO ESTUDO E DIRECÇÕES FUTURAS .....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	89
ANEXOS.....	100
Anexo I :	
Folha de Rosto dos Questionários .....	101
Anexo II :	
Termo de Consentimento Informado.....	102
Anexo III :	
Contactos com Autores e Instituições.....	103
Anexo IV :	
Índice de Satisfação Sexual .....	104
Anexo V :	
Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual.....	105
Anexo VI :	
Output SPSS – Estatística Descritiva do Grupo 1 .....	106
Anexo VII :	
Output SPSS –Estatística Descritiva do Grupo 2 .....	107
Anexo VIII :	
Output SPSS - Valores de <i>alpha</i> -Cronbach dos instrumentos.....	108
Anexo IX :	
Output SPSS – Hipótese A:	
T-teste sobre a igualdade de valores médios (Total ISS).....	109
Anexo X :	
Output SPSS - Hipótese A :	
Teste de Correlação Linear de Pearson (Global) .....	110

Anexo XI :	
<i>Output</i> SPSS - Hipótese A : Teste de Correlação Linear de Pearson (Total ISS x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Positiva).....	111
Anexo XII :	
<i>Output</i> SPSS - Hipótese A : Teste de Correlação Linear de Pearson (Total ISS x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Nula ou Negativa) .....	112
Anexo XIII :	
<i>Output</i> SPSS - Hipótese A : Teste de Correlação Linear de Pearson (Total ISS igual ou superior a 30 pontos x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual) .....	113
Anexo XIV :	
<i>Output</i> SPSS – Hipótese B : T-teste sobre a igualdade de valores médios (Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual) .....	114
Anexo XV :	
<i>Output</i> SPSS - Hipótese B : Teste de Correlação Linear de Pearson (Idade x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual) .....	115
Anexo XVI :	
<i>Output</i> SPSS - Hipótese C, Sub-hipótese C1 : Média da variável “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” (Global) .....	116
Anexo XVII :	
<i>Output</i> SPSS - Hipótese C, Sub-hipótese C2 : Médias das variáveis “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” e “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” no Grupo 1 .....	117
Anexo XVIII :	
<i>Output</i> SPSS - Hipótese C, Sub-hipótese C3 : Médias das variáveis “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” e “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” no Grupo 2 .....	118
Anexo XIX :	
<i>Output</i> SPSS - O indicador “Liberdade Sexual” (Global) .....	119
Anexo XX :	
<i>Output</i> SPSS - O indicador “Liberdade Sexual” (Grupo 1) .....	120
Anexo XXI :	
<i>Output</i> SPSS - O indicador “Liberdade Sexual” (Grupo 2) .....	121
Anexo XXII :	
<i>Output</i> SPSS - A dimensão “Percepção do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho” (Global) .....	122
Anexo XXIII :	
<i>Output</i> SPSS - A dimensão “Percepção do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho” (Grupo 1) .....	123
Anexo XXIV :	
<i>Output</i> SPSS - A dimensão “Percepção do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho” (Grupo 2) .....	124
Anexo XXV :	
<i>Output</i> SPSS - O indicador “Número de Parceiros Sexuais” (Global) .....	125
Anexo XXVI :	
<i>Output</i> SPSS - Teste de Correlação Linear de Pearson (Número de Parceiros Sexuais x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual) .....	126
Anexo XXVII :	
Lista de vocábulos utilizados para descrever homens e mulheres que tenham tido muitos parceiros sexuais .....	127

Anexo XXVIII :	
<i>Output</i> SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese A (Global) .....	128
Anexo XXIX :	
<i>Output</i> SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese A (Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Positiva) .....	129
Anexo XXX :	
<i>Output</i> SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese A (Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Nula ou Negativa) .....	130
Anexo XXXI :	
<i>Output</i> SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese B .....	131
Anexo XXXII :	
<i>Output</i> SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese C .....	132



## **RESUMO**

A relação entre géneros tem condicionado a expressão da sexualidade ao longo das diversas épocas históricas. A presente investigação visa analisar a evolução do fenómeno de duplo padrão sexual e relacioná-lo com o conceito de satisfação sexual, no que concerne ao caso português. Para tal, foram comparadas duas amostras do sexo masculino, com homens dos 20 aos 30 anos e dos 40 aos 50 anos, avaliando-se a possibilidade de um certo “efeito de geração” na transmissão de padrões sexuais. Os resultados mostraram que, contrariamente ao que era esperado, a satisfação sexual não estará relacionada com a defesa pessoal do duplo padrão sexual, e também que nos encontramos num período de abandono do duplo padrão sexual em favor dum padrão mais igualitário entre ambos os sexos. Porém, tal transição tem sido feita muito lentamente uma vez que, embora ambos os grupos reconheçam a existência social do duplo padrão sexual, os homens mais jovens revelam estar mais apegados ao duplo padrão sexual relativamente aos homens mais velhos. Tais resultados podem ser vistos à luz dum certo receio masculino acerca da emancipação da mulher, e também de uma certa necessidade de normatividade social. Por fim, são apontadas algumas sugestões para a intervenção clínica, considerando os resultados obtidos.

**PALAVRAS-CHAVE :** Duplo padrão sexual; satisfação sexual; sexo; género; saúde sexual

## **ABSTRACT**

The relationship between both genders has conditioned different ways concerning the expression of sexuality. This investigation analyzed the evolution of the sexual double standard and its relations with sexual satisfaction, concerning the Portuguese context. To do so, two different male samples were compared : one aged within 20-30 years and the other aged within 40-50 years, considering the possibility of a certain “transgenerational effect” in transmitting sexual standards. The results show that sexual satisfaction is not correlated with the social acceptance of the sexual double standard, and that we are in a time of transition concerning the latter: we are abandoning the sexual double standard in order to establish a more igualitarian one. However, this transition has not been made on an effortless way: although both groups recognize the social pervasiveness of the sexual double standard, younger men are more attached to the sexual double standard, when compared to older ones. Such results can be seen in a way of a certain “masculine fear” about women’s emancipation, and the need of a social adequateness. In the end, some suggestions are made considering the results.

**KEYWORDS :** Sexual double standard; sexual satisfaction; sex; gender; sexual health

## INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos da História da Humanidade, a sexualidade sempre surgiu como um fenómeno transversal aos mais variados domínios de expressão, como sejam a música, o cinema, a literatura ou a expressão artística. Se pensarmos, por exemplo, na Vénus de Willendorf do tempo da Idade da Pedra ou na imensa torrente de erotismo e pornografia existentes hoje em dia na indústria cinematográfica, facilmente compreendemos a força da sexualidade sobre as sociedades actuais e passadas. Em seguida, efectuaremos uma breve resenha histórica acerca das complexas relações entre sociedade e sexualidade, demonstrando que ambas se inter-influenciam mutuamente.

### *A sexualidade como um produto histórico-cultural e a diferença entre géneros*

Um dos grandes defensores da ideia da sexualidade como um produto de estruturas culturais foi o filósofo francês Michel Foucault<sup>1</sup> que, influenciado pelas ideias de Claude Lévi-Strauss, em especial pela ideia da existência de estruturas que regulamentam o funcionamento dos grupos e sociedades humanas enquanto tais, se focalizou no fenómeno da sexualidade humana e a sua relação com a cultura e a sociedade.

Foucault procura mostrar que a sociedade precisa da sexualidade para se construir e, mais ainda, para se perpetuar enquanto estrutura, envolvendo relações de poder. Assim, considera o discurso histórico como o grande factor modelador da sexualidade humana. Para este autor, a sexualidade é um objecto ao serviço do conhecimento, com fins sociais fortemente manipulados pelo poder: o Ocidente fala, classifica, discursa, para controlar. Portanto, para Foucault, **a sexualidade é socialmente construída**. No seu entender, “*a sexualidade não é aquilo de que o poder tem medo, mas aquilo de que se serve para o seu exercício*”.

Então, o poder, para Foucault, dá-se de uma forma plural, através de um conjunto de práticas sexuais, que são recodificadas historicamente, ao sabor das conveniências do poder: é quem manda que decide o que “convém” ou não. De acordo com este ponto de vista, o poder é uma estrutura de relações organizada e de carácter coordenado e hierárquico, operando segundo um “dispositivo”, uma estrutura de elementos heterogéneos que responde às necessidades da época em que está inserida. Terá uma natureza essencialmente estratégica, estando intimamente ligada ao poder e à tessitura deste em determinado momento histórico.

Nesta linha, concordo com o pensamento de Alferes<sup>2</sup> quando afirma que “*o sistema sexual e o sistema social interpenetram-se a tal ponto que se torna uma tarefa impossível procurar isolar uma entidade autónoma, não contaminada pela história e pela cultura, chamada sexualidade*”. Assim, a sexualidade, bem como os ditames a ela associados serão, mais do que um mero determinismo biológico, um produto da cultura em função da época a que se reportam: o dimorfismo entre sexos será, pois, corroborado em função de estruturas culturais.

Giddens<sup>3</sup> vem reforçar este ponto de vista, defendendo que as diferenças entre homens e mulheres assentam em estruturas culturais e nas normas sociais e não no determinismo biológico, e Richardson<sup>4</sup> acrescenta que “*as relações sexuais simultaneamente reflectem e perpetuam a subordinação da mulher. A preocupação não é tanto o modo como a sexualidade feminina é afectada pela diferença de géneros mas, essencialmente, como é que as construções patriarcais da sociedade constroem a mulher em diversos aspectos da sua vida*”.

É neste contexto que autores como Gagnon e Simon<sup>5</sup> salientam que, do conjunto das várias realidades sociais que servem de “palco” dinamizador das interacções, as crenças sociais relativas à sexualidade constituem um subgrupo desse todo que, num determinado momento histórico-cultural, assumem-se como reguladores sociais das experiências sexuais partilhadas

pelos “actores” sociais. Então, nesta linha, poderemos pensar que, ao longo dos diversos períodos históricos, e também devido a influências de vária ordem (entre as quais a própria Igreja Católica) se foram produzindo acontecimentos que, directa ou indirectamente, contribuíram para a consolidação das diferenças de género e levaram à construção de um *Duplo Padrão Sexual*, conceito criado em 1964 por Reiss<sup>6</sup> para se referir a um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para cada um dos géneros, sendo que aos homens seria concedida uma maior liberdade sexual relativamente às mulheres. Tendo sido pioneira nos estudos acerca dos padrões de comportamento sexual pré-marital, Reiss<sup>6,7</sup> propôs uma teoria sociológica da sexualidade para mostrar que a sexualidade humana é determinada pelos *scripts* culturais, para utilizar a terminologia de Gagnon e Simon<sup>5</sup>.

Reiss<sup>6,7</sup> considera que, em cada cultura ou momento histórico-cultural, podem existir diversos tipos de padrões sexuais: o **padrão abstinência**, em que a actividade sexual pré-marital é proibida para ambos os géneros; o **duplo padrão sexual clássico** ou ortodoxo, em que a actividade sexual pré-marital é proibida à mulher e aceite no caso do homem; e o **duplo padrão sexual condicional**, em que a actividade sexual pré-marital é aceite no caso do homem e também no caso da mulher, mas somente se esta desenvolver tal actividade no contexto duma relação duradoura e com envolvimento afectivo. Em termos históricos, podemos verificar que, anteriormente à liberalização das atitudes e comportamentos sexuais ocorridos a partir dos anos 60 (em especial com a emancipação feminina através do Maio de 1968 em França), predominava nas sociedades ocidentais um duplo padrão sexual clássico, ou seja, era concedida muito maior liberdade sexual ao homem relativamente à mulher, a quem não era permitido ter relações sexuais antes do casamento e muito menos fora dele. Assim, apenas no caso do homem era permitido (e até encorajado) cunhar as suas experiências

afectivas dum carácter sexual, ao passo que, para a mulher, tal procedimento acarretava a vergonha e a culpabilização por parte da sociedade, no entender de Herold e Mewhinney<sup>8</sup>. Neste ponto, importa realçar também a importante distinção entre *sexo* e *género*: segundo Alves<sup>9</sup>, o conceito de “género” é introduzido na Psicologia na década de 70, precisamente para dar conta do carácter social e culturalmente construído das diferenças entre homens e mulheres – o “género” pode ser entendido como o significado social atribuído ao “sexo” (que, por sua vez, é determinado biologicamente). Ora, se a natureza do “género” tem raízes psicossociais, este não se esgotará nos ditames biológicos, nem será necessariamente determinado por estes. Porém, de acordo com Oliveira e Amâncio<sup>10</sup>, durante muito tempo o “género” continuava a ser tratado como se da variável “sexo” se tratasse, ocorrendo aquilo a que estes autores designaram por um fenómeno de “biologização do género”.

### ***As origens do Duplo Padrão Sexual***

Que acontecimentos foram responsáveis pelo acentuar da polaridade entre os géneros? Muito embora o sistema primordial da sexualidade humana tenha sido o matriarcado, ainda que já muito longínquo (a Vénus de Willendorf da Era Paleolítica é disso exemplo), onde a mulher e a terra eram quase sacralizadas, porque ambas são geradoras de vida, verificamos que os sistemas patriarcais têm vindo a marcar posição na crescente polaridade homem/mulher em termos de padrão sexual. Segundo autores como G. Duby e M. Perrot<sup>11</sup>, na Antiguidade Clássica a diferença entre os géneros assentava no duplo padrão sexual: a mulher era relegada à procriação e intervinha no lar devido à sua capacidade maternal, porém sempre subjugada ao homem. Este, por sua vez, disfrutava de uma permissividade sexual sancionada pelas normas sociais vigentes naquela época. A mulher era privada do seu corpo e da sua sexualidade e tinha no homem a sua única “salvação” para a descendência. O sistema judaico-cristão também funcionava sensivelmente assim, circunscrevendo a mulher à esfera do casamento e da procriação, permitindo apenas o sexo pós-marital e com fins procriativos. De acordo com Badinter<sup>12</sup>, a mulher era observada pelo “outro” como um objecto de “triplo estatuto”, tendo a função de garantir a ascensão dos jovens cavaleiros à classe aristocrática concedendo-lhes três coisas: o seu nome de família, a sua sexualidade e o seu ventre: “*ao desposar uma mulher, o marido toma posse do seu ventre (...) assegurando assim a continuação da linhagem*”. A mulher era, pois, confinada à esfera da procriação no interior do casamento. Era, também, prática corrente os varões nobres trazerem para o seu lar os filhos bastardos sem que isso levasse à desagregação familiar; porém, quando o oposto se verificava a mulher era excomungada pela prática de “sexo ilícito”, segundo Beauvoir<sup>13</sup>. Predominava, pois, um padrão sexual assente na infidelidade permitida ao homem e condenada nas mulheres.

Diversos autores consideram que, desde o Paleolítico (muito embora haja polémica, pois alguns autores defendem que o duplo padrão sexual era norma nesta altura, ao passo que outros sustentavam uma relação de igualdade entre sexos), passando pelo *pater familia* romano, do cavaleiro medieval ao camponês do séc. XVIII, várias foram as civilizações que se edificaram sob o primado do poder patriarcal, levando à implementação e perpetuação do duplo padrão sexual.

Desde o século XV até ao século XIX, este estado de coisas não sofreu grandes alterações: muito embora, durante o Renascimento e devido a alguns “espíritos iluminados”, se viesse a defender igual liberdade a homens e mulheres, verificou-se que a mensagem latente trazia consigo a ideia duma falsa igualdade, pois a mulher e a sexualidade feminina continuavam muito limitadas à reprodução no contexto do matrimónio, segundo Nogueira<sup>14</sup>.

No final do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, os progressos científicos e tecnológicos vieram reduzir os encargos da mulher e possibilitaram uma progressiva abertura desta ao exterior; apesar disso, na segunda metade do séc. XIX continuava o domínio patriarcal, com a limitação da mulher à prática reprodutiva e ao papel maternal no interior do contexto matrimonial. Voltando a Foucault, este acentua as ligações promíscuas entre sexualidade e poder através daquilo a que chamou *scientia sexualis*, uma “ciência do sexo”, que mais não fazia do que perpetuar o puritanismo e os bons costumes, colocando o sexo ao serviço do poder instituído; para este autor, haveria um certo equívoco naquilo a que chamou uma “hipótese repressiva”, visto que a ideia que presidia ao uso da repressão não era a repressão em si, mas sim o controlo do indivíduo e da população: o sexo era para ser usado numa perspectiva utilitária, ao serviço do poder e da economia, procurando a construção de sociedades economicamente úteis.



### ***O “Birth Control” e o surgimento do feminismo***

No final do séx. XIX surgiu, além do movimento feminista, a primeira organização neomalthusiana, fundada em Inglaterra no ano de 1877 e que promovia o controlo da natalidade através de práticas contraceptivas, “contra a dupla moral sexual e pela maternidade consciente”, no dizer de Badinter<sup>12</sup>. Este fenómeno generalizou-se e passaram a haver campanhas sistemáticas a favor de relações sexuais seguras, através de meios contraceptivos.

No intervalo de tempo entre as duas Grandes Guerras, os partidários das políticas de controlo da natalidade foram perseguidos pelos partidários das políticas mais totalitárias (fascismo e nazismo), que defendiam tenazmente o poder patriarcal e voltavam a limitar a mulher ao lar e à maternidade, apenas permitindo o sexo pós-marital e com fins reprodutivos. Nessa época, a mulher seria tão-somente, segundo Badinter<sup>12</sup>, um “*animal que procria e cujo universo se limita à família*”, tendo a mulher um papel primordial no garante da descendência. O mesmo se passava em Portugal, sob a égide do Estado Novo: um dos grandes lemas de Salazar era, aliás, “*Deus, Pátria e Família*”.

De acordo com Beauvoir<sup>13</sup>, a queda do fascismo originou nova contestação quer dos movimentos feministas quer das camadas mais jovens, que questionavam as atitudes e comportamentos sexuais mais tradicionais. Mais tarde, com o advento do Maio de 1968 em França, os filhos da “geração patriarcal” revoltaram-se contra o conservadorismo e buscaram a revalorização do amor, dos afectos e das atitudes face à sexualidade. Assistiu-se, nesta altura, a um novo vigor do controlo da natalidade, bem como a entrada em vigor nalguns países do direito à interrupção voluntária da gravidez (como por exemplo, nos EUA, em França ou Inglaterra). Quebra-se a relação de causalidade entre sexualidade e procriação e é devolvido à mulher o direito de dispor plenamente do seu corpo e de controlar totalmente a

sua sexualidade, rompendo-se, assim, com a moralidade sexual tradicional, que confinava a mulher à procriação e à maternidade.

A este propósito, Bettelheim<sup>15</sup> afirma que *“o medo da gravidez é a base principal para a moralidade sexual tradicional. A liberdade sexual para os rapazes, a nível implícito e explícito (...) era de facto uma forma de proteger a moralidade sexual das moças”*. Ora, rejeitando-se a causalidade sexo-procriação, a possibilidade de praticar a extraconjugalidade “socialmente aceite” está agora em ambos os sexos, e deixa de ser um “privilégio” exclusivo do homem: o padrão sexual aproxima-se mais do que se convencionou chamar de “padrão sexual singular”, onde a liberdade sexual é igual para ambos os sexos.

Passa, então, a aumentar o número de divórcios, as atitudes e práticas sexuais vão-se diversificando na forma e no contexto, uma vez que a sexualidade (em especial, a sexualidade feminina) abandona o espartilho do casamento. Conforme diz Badinter<sup>12</sup>, *“os jovens casais já não se apressam a casar para ter uma vida sexual regular, uma vez que é cada vez mais bem aceite pela sociedade que vivam juntos sem serem casados”*. Assiste-se, pois, ao aparecimento generalizado de relações sexuais pré-maritais, relações sexuais casuais, relações sexuais com vários parceiros, práticas de sexo oral e anal, entre outros fenómenos. Tudo isto em gritante contraste com a sociedade e moralidade sexual tradicionais, para a qual o sexo pré-marital é estritamente proibido às mulheres. Assim, se antes homem e mulher se casavam para poderem ter relações sexuais, a partir da “revolução sexual” a perspectiva inverteu-se radicalmente – o sexo passou a estar dissociado do casamento, e o primeiro deixou também de levar necessariamente ao último.

### ***As várias teorias na problemática do Duplo Padrão Sexual***

Até ao momento, colocámos a questão da diferença entre géneros de um ponto de vista essencialmente social, defendendo que a sociedade “molda” os papéis sexuais conforme lhe é mais conveniente. Mas será que as diferenças entre os sexos se podem explicar apenas com base no determinismo social? Em seguida, apresentaremos diversas concepções teóricas que tentam explicar a origem das diferenças entre os sexos.

#### **As teorias evolucionistas**

Segundo Milhausen e Herold<sup>16</sup>, estas teorias preocuparam-se sobretudo com a procura de uma explicação biológica que pudesse justificar as naturais diferenças entre homens e mulheres. As correntes teóricas pós-darwinistas centraram-se na função dos comportamentos e defenderam que a reprodução tinha a função de garantir a *fitness*, ou seja, uma reprodução bem sucedida garantia a continuidade do património genético entre os indivíduos com maior aptidão biológica. Portanto, a finalidade da sexualidade seria essencialmente a *reprodução diferencial*, ou seja, o macho mais bem apetrechado geneticamente e que conseguisse a reprodução com várias fêmeas garantiria a passagem do seu património genético à próxima geração. No caso da mulher, a utilidade da sexualidade feminina encontrava-se no êxito reprodutivo e em cuidados maternos de qualidade com vista a assegurar uma descendência óptima, um pouco na linha daquilo a que Gilligan<sup>17</sup> chamou de “orientação para o cuidado”. Conforme a Biologia e a Etologia têm demonstrado, o investimento na descendência é muito maior nas mulheres do que nos homens, estando estes últimos voltados para a quantidade [de fêmeas a fecundar, ultrapassando outros machos no processo e maximizando os seus atributos

reprodutivos] e as primeiras para a qualidade [do património genético masculino recebido e, por conseguinte, na perpetuação dos melhores genes na descendência]. Basta atentar, por exemplo, na quantidade de gâmetas por ejaculação masculina, em comparação com a quantidade de gâmetas femininos por ovulação.

Deste modo, as teorias evolucionistas preocuparam-se essencialmente não tanto com o quê e porquê, mas mais com a função, ou seja, com a **utilidade** da sexualidade nos dois sexos, sendo que as características físicas e biológicas da mulher explicariam, por si só, a dicotomia entre os géneros e, consequentemente, de papéis e comportamentos sociais desempenhados. A ideia de dualidade entre os sexos é, pois, mantida.

### **A teoria psicanalítica**

Na sua obra *“Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”*, Freud<sup>18</sup> descreveu o Homem como um conjunto de forças activas e passivas que coexistem em simultâneo, com homens e mulheres semelhantes nas suas características. Porém, nesta teoria a noção do feminino continua a ser muito redutora, porquanto a mulher é vista como um elemento caracterizado pela “passividade”, distinto do impulso libidinal masculino, caracterizado pela ideia de “actividade”.

Já no entender de McDougall<sup>19</sup>, o próprio conceito de “feminino” é produto de uma construção cultural e, portanto, susceptível de mudanças conforme as épocas e momentos históricos em que se insere e que, por isso, não se deverá adoptar uma leitura psicanalítica “cega”, uma vez que esta se apresentaria muito descontextualizada. Defende também que a sexualidade feminina ocidental tal como é vista pela Psicanálise nos impõe, em certa medida, um modelo baseado na genitalidade adulta e heterossexual, o que acaba por colocar a

sexualidade feminina, novamente, na órbita da mera procriação. Parece haver, pese embora o carácter revolucionário da Psicanálise na época do seu surgimento, ainda um certo androcentrismo, secundarizando a mulher e a sua sexualidade. Existirá, portanto, uma clara influência do modelo patriarcal em relação à psicanálise e no modo como olha para a sexualidade feminina.

### **As teorias da aprendizagem social**

Estas teorias consideram, muito sucintamente, que a construção das identidades feminina e masculina resultam de um processo de aprendizagem por imitação ou modelagem. Assim, as crianças aprendem vendo e fazendo como os mais velhos; copiam, pois, as atitudes e comportamentos dos agentes de socialização, que incentivam e reforçam os comportamentos da criança caso estes vão no sentido do seu papel de género, e tomam uma atitude oposta caso vão contra o papel de género. Esta teoria foi questionada por autores como Neto<sup>20</sup>, que argumentam que a criança assume um papel demasiado passivo no seu processo de aquisição do papel de género.

Neste sentido, merece ser destacado o papel das teorias cognitivo-desenvolvimentistas, que introduzem a noção de “período crítico”, durante o qual a criança está mais predisposta a internalizar uma “noção de permanência da pertença sexual”, segundo Amâncio<sup>21</sup>. E será principalmente no seio da família que a criança vai interiorizando os papéis tidos como pertencentes ao seu sexo, retendo a noção do “ser homem” e do “ser mulher” através da interiorização dos conteúdos dos temperamentos correspondentes ao seu sexo como sendo traços de personalidade.

Ainda segundo esta autora, as mulheres viam-se em desvantagem neste processo relativamente aos homens, uma vez que o leque de traços e comportamentos adequados ao sexo feminino seria consideravelmente mais reduzido e socialmente menos favorável, relativamente ao sexo masculino.

### **A teoria da androginia**

O conceito de androginia (proveniente do grego *Androgynos* e do latim *Androgynu*) significa, etimologicamente, “aquilo que é comum a ambos os sexos”, que conjuga as características de ambos os sexos, segundo Machado<sup>22</sup>.

Contrariamente aos modelos acima expostos, o grande objectivo desta teoria não era explicar as causas da dicotomia entre sexos, mas sim eliminar as normas socioculturais que restringem os comportamentos admissíveis à sexualidade feminina. Este modelo postulava que a diferença entre géneros se devia a um processo de socialização, através do qual se verificaria uma aquisição de “lentes de género” através das quais nós vemos o mundo e vemo-nos também a nós próprios, visão essa que é “clivada” em masculino e feminino. No dizer de Winstead, Derlega e Rose<sup>23</sup>, essas “lentes de género” são uma representação metafórica das crenças do indivíduo em determinado momento histórico-cultural, organizando a percepção individual em torno das diferenças homem-mulher e contribuindo, por isso, para uma polarização entre os géneros. Do conjunto de “lentes” ou crenças sociais que sustentam e fomentam as diferenças sexuais entre géneros, foram identificadas três principais, a saber: 1) ambos os géneros têm diferenças aos níveis psicológico e sexual; 2) os homens exercem um maior domínio por serem distintamente superiores; e, por último, 3) as características que garantem a superioridade masculina são naturais.

Tais princípios subjazem a sociedades de tipo androcêntrico, onde a superioridade masculina funciona como princípio normativo das condutas sociais desviantes. Tal dimorfismo é inculcado às crianças desde o nascimento, através da aquisição destas “lentes de gênero” androcêntricas.

Este modelo nega também qualquer tipo de ligação entre as noções de “sexo” e “gênero”, referindo que um indivíduo não tem, necessariamente, de adoptar um papel rigidamente definido, podendo ter comportamentos consentâneos ou não com o seu sexo, conforme os momentos e os contextos em que se encontra inserido (pode ser ora agressivo [como um homem] ora carinhoso [como uma mulher]). Para este modelo, os indivíduos com personalidades andróginas (com comportamentos pertencentes a ambos os sexos) possuiriam mesmo uma auto-estima mais elevada relativamente aos indivíduos cujos comportamentos assentam exclusivamente no leque admitido aos membros do seu sexo.

Contudo, a teoria da androginia, mesmo integrando os diferentes aspectos pertencentes a ambos os sexos num só tipo de personalidade, continua a reconhecer as diferenças tradicionais entre masculinidade e feminilidade que ditam o dualismo entre géneros.

## A teoria de John Money e o conceito de “mapa”

O psicólogo neozelandês John Money<sup>24</sup> defendia que os estereótipos culturais, em especial os “estereótipos sexuais” (definições socialmente construídas daquilo que significa ser homem ou mulher), garantiam a coesão social através da atribuição e cumprimento de papéis sociais comumente partilhados e interiorizados por cada indivíduo, no cerne da sua identidade de género. Assim, o indivíduo, desde muito cedo na vida, vai interiorizando esquemas sexuais do que é ser homem ou mulher com base em estereótipos sociais, agindo em função deles. Desta forma, o indivíduo mostra aos outros, por meio das suas atitudes e comportamentos, qual é o seu papel sexual (este conceito é definido por Burr [citado por Alves<sup>9</sup>] como “*um conjunto de normas, expectativas e características de comportamentos considerados como socialmente adequados à pertença a um determinado grupo de sexo*”). Money introduz igualmente a noção de “identidade sexual”, referindo-se a esta como o senso de si mesmo como sendo homem ou mulher; apesar desta ideia ser uma construção social, esta teoria considera que factores como a história de vida, as características físicas e psicológicas (como por exemplo os traços de personalidade) também contribuem para definir o papel sexual de cada indivíduo. Este autor defende igualmente que as mudanças ocorridas com o advento do progresso tecnológico, as duas Grandes Guerras e os métodos de controlo da natalidade do início do século XX originaram profundas alterações nos estereótipos culturais assentes na definição tradicional dos papéis sexuais. Money chama, pois, a atenção para a necessidade de construir aquilo a que chamou um *mapa*, definido como uma representação social dos comportamentos sexuais tidos como normativos e socialmente aceites para cada um dos géneros num determinado período histórico-cultural, o que permite ao indivíduo orientar-se social e sexualmente e também perceber quais são as opções em aberto, tomando em consideração o momento e o contexto sociocultural em que está inserido. Em suma, os estereótipos de



género, socialmente partilhados, indicam quais são as atitudes e comportamentos característicos de homens e mulheres, em função do género e do contexto sociocultural.

De acordo com Nogueira<sup>14</sup> e Amâncio<sup>21</sup>, esta teoria, embora forneça algumas explicações pertinentes em termos do processo de socialização e sua importância para a formação dos estereótipos sociais não parece, ainda assim, ter sucesso em esclarecer quer a origem das diferenças entre os géneros quer o sistema social a partir do qual se reproduz e mantém essa diferença.

### **As teorias do construcionismo social**

Estas teorias centram-se na análise dos mecanismos sociais através dos quais o masculino se transforma em masculinidade e o feminino em feminilidade, ou seja, no entender de MacInnes<sup>25</sup>, o objectivo destas teorias passa por conhecer o mecanismo de interligação entre sexo (biológico) e género (psicológico).

Nesta linha, a noção de género não será um atributo individual, mas sim uma aquisição construída ao longo das diversas interações sociais. A passagem do “sexo” ao “género” será resultado das relações e interações sociais que são estabelecidas com os outros; nesta abordagem sublinha-se, contudo, o carácter contraditório das noções de “sexo” e de “género”, pois estes podem funcionar distinta ou simultaneamente numa determinada situação ou interação social: uma pessoa pode, portanto, adoptar diferentes perspectivas de género conforme os aspectos predominantes das categorias num determinado momento. E isto porque o género é conceptualizado a três níveis distintos: o nível **social**, onde o género é conceptualizado como relação de poder, indicando o modo como o poder público, a comunicação social e os discursos científicos participam na construção social de género; o

nível **interpessoal**, onde o género é tido como um conjunto de processos que indicam qual o comportamento a adoptar pelo homem ou pela mulher nas interacções sociais; e o nível **individual**, que diz respeito às atitudes, comportamentos e interesses que distinguem a masculinidade da feminilidade.

De acordo com esta teoria, Richardson<sup>4</sup> refere que a dicotomia entre géneros, ao estender-se às esferas pública e privada, irá influenciar vários aspectos da vida das pessoas, em especial a sexualidade, que também é aqui entendida como um produto histórico-cultural. Esta teoria não descarta a importância da fisiologia para a sexualidade, realçando porém que o corpo físico só ganha estatuto sexual quando lhe é atribuído um significado nesse sentido aos três níveis acima referidos (social, interpessoal e individual). Portanto, padrões, comportamentos e atitudes sexuais podem variar no tempo e no espaço, assumindo significados distintos consoante a cultura e o período histórico em que estão definidos.

### **A teoria dos *scripts* sexuais**

John Gagnon e William Simon<sup>5</sup> introduziram a teoria dos *scripts* sexuais, definindo um *script* (em português, “guião”) como um plano de acção mentalmente construído e que serve de indicador para a acção, determinando as directrizes de uma nova situação, considerando-se para tal o significado de situações semelhantes havidas no passado. Analogamente à noção de mapa proposta por Money, os *scripts* são, de acordo com Gagnon<sup>26</sup>, esquemas cognitivos formulados pelo indivíduo com base no momento presente, na recordação de experiências passadas e nas expectativas que têm face ao futuro. É realmente como um mapa: as direcções são dadas, mas não é especificado tudo o que deve ser feito. Os *scripts* são, pois, concebidos como pertencendo a três níveis distintos: num primeiro nível, as encenações culturais, que

dizem respeito a normas colectivas de regulação da vida social; a um segundo nível, os *scripts* interpessoais, ligados ao modo como os sujeitos se adaptam às expectativas normativas decorrentes das interacções sociais. Assim, numa dada situação, o indivíduo, através da representação do seu *script* e da concepção implícita dos *scripts* dos outros, procurará uma postura de “compromisso” entre os seus desejos e as expectativas dos outros. Finalmente, a um terceiro e último nível situam-se os *scripts* intrapsíquicos, o depositário interno das fantasias e desejos; a função destes *scripts* é reorganizar simbolicamente o real de forma a possibilitar a realização dos desejos pessoais interligando, assim, a fantasia e a realidade da forma o menos conflituosa possível. Os autores consideram que os *scripts* têm importâncias variáveis conforme as sociedades e as experiências individuais, ou seja, existem sempre vários níveis e tipos de *scripts* em jogo a todo o momento sendo que, quanto maior o número de *scripts* numa dada sociedade, mais provável será o surgimento de novos *scripts* em substituição dos antigos e, por conseguinte, mais provável será a existência de mudanças nos tecidos social, interpessoal e intrapsíquico (devendo a mudança iniciar-se primeiro ao nível individual e depois colectivo).

Aplicando esta teoria ao comportamento sexual humano, Gagnon e Simon<sup>5</sup> defendem que o ser humano aprende não só o significado do “acto sexual” e quais os objectos e pessoas que lhe causam desejo sexual, como também aprende a decifrar os sinais preditores da necessidade de “ter sexo”. A sexualidade, para estes autores, concretiza-se através da aprendizagem dos *scripts* sexuais, em que estes atribuem um significado social à função biológica. Assim, o acto sexual apenas se concretiza se o *script* sexual estiver completo e for desencadeado por um dos actores sociais (não se concretizando na falta de elementos que compõem o *script* sexual ou na ausência de comportamentos contextualmente concordantes com ele).

Assim, os *scripts* sexuais constituem-se com a mesma finalidade dos *scripts* sociais (dos quais são um subgrupo): ou seja, responder a uma necessidade de orientação face às acções a empreender de forma a que sejam socialmente normativas. Apesar disto, muitos *scripts* sexuais não provêm directamente do seu *script* cultural. Nesta linha teórica, Tiefer<sup>27</sup> recorre metaforicamente ao conceito de *script* para explicar o carácter planeado e aprendido da sexualidade sendo que, no entender desta autora, os *scripts* sexuais interligam também os componentes da experiência sexual com os aspectos não-sexuais intrínsecos à actividade sexual (como por exemplo, objectos com carácter erótico para o sujeito). Voltando a Gagnon e Simon<sup>5</sup>, só quando tais experiências sexuais assumem um significado para o indivíduo e para o todo social é que essa dimensão adquire relevo na vida social.

Para obter esta “síntese final”, os *scripts* sexuais acedem aos três níveis de *scripts* – sociais, interpessoais e intrapsíquicos – de forma a obter uma solução final congruente quer com aquilo que os indivíduos esperam deles próprios e das interacções sociais quer com aquilo que é socialmente esperado. Caso ocorra incongruência entre os vários níveis de *scripts*, poderão surgir comportamentos não-normativos, ou seja, contrários às normas sociais e, por conseguinte, não-adaptativos para o indivíduo. Assim, em cada experiência sexual devem estar presentes os vários níveis do *script* sexual para que o acto sexual tenha lugar, atribuindo-se um significado cultural ao acto fisiológico para que este possa assumir, finalmente, o carácter de experiência “sexual”.

Os elementos estruturantes dos *scripts* sexuais podem ser definidos sob diversos aspectos: o que fazer com a sexualidade, com quem, quando, onde e porquê. Estas questões têm-se mantido um pilar estruturante das normas sociosexuais admissíveis em cada época e momento histórico; então, em resposta a tais aspectos, os indivíduos aprendem e aplicam os seus *scripts* sexuais.

*Quem* são os possíveis parceiros sexuais? Esta escolha é feita com base nas normas sociais. A maioria das pessoas escolhe um parceiro sexual do sexo oposto e sensivelmente com a mesma idade, muito embora as escolhas a este nível estejam condicionadas por factores sociais, étnicos ou religiosos, entre outros;

*Que* actividades sexuais são permitidas? O beijo é considerado uma actividade adequada para a maior parte das pessoas a quem foram reconhecidos os respectivos parceiros sexuais, e o acto sexual é considerado um acto comum para o *script* sexual de indivíduos heterossexuais que mantêm um relacionamento marital.

*Quando* é apropriado ter relações sexuais? Na maioria das sociedades ocidentais, a prática de relações sexuais só é considerada adequada a partir duma determinada faixa etária (as convenções sociais mais conservadoras postulam que a actividade sexual apenas deverá ter lugar a indivíduos casados e maiores de 18 anos).

*Onde* é adequado ter relações sexuais? Será fundamental que a actividade sexual decorra num contexto privado, sob pena dos actores sexuais serem descobertos e punidos pela sociedade pela prática de actos “contrários à moral e aos bons costumes”.

*Porque é que* as pessoas têm relações sexuais? Em resposta a esta questão, devem ser consideradas inúmeras variáveis, com base na história pessoal de cada indivíduo, sua religião, estatuto sociocultural, entre outras. Como já vimos, o sexo pode ter uma função meramente procriativa (visando a reprodução da espécie) ou também uma função recreativa (com o objectivo de dar e receber prazer).

Em síntese, a teoria dos *scripts* sexuais de Gagnon e Simon procura mostrar que os *scripts* adquiridos por cada indivíduo e transmitidos de uns para outros sempre moldaram o significado, o contexto e o modo de expressão da sexualidade, variável conforme as culturas e

as épocas históricas: o tipo de padrão sexual e de moral sexual aceites em determinada época histórica podem não o ser na seguinte.

Na actualidade, embora se assista ao surgimento de uma nova moral sexual, assente na igualdade sexual entre géneros, a verdade é que o pensamento mais conservador continua ainda fortemente arraigado, defendendo o duplo padrão sexual e condenando a mulher pela prática de certos comportamentos sexuais (particularmente o sexo pré-marital, o sexo casual ou com um elevado número de parceiros), de acordo com Hite<sup>28</sup>. Isto é especialmente verdadeiro nos tempos que atravessamos, visto que a entrada em cena da infecção pelo VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana) parece ter revigorado a alma daqueles que advogam uma moral sexual marcadamente conservadora. Para Prazeres<sup>29</sup>, “*ao contrário das expectativas que haviam sido criadas regressou, a reboque, a retórica bolorenta sobre a sexualidade*”.

### ***O Duplo Padrão Sexual no Ocidente contemporâneo***

Como já vimos, os *scripts* sexuais estão inseridos num determinado momento, sob um determinado contexto, de acordo com os ditames culturais e sociais vigentes. Assim, com as transformações sociais que ocorreram ao longo dos tempos (desde a Era Paleolítica, passando pelos Impérios Romano, Otomano, Revolução Industrial, Guerras Mundiais, entre outros) assim se foi também alterando o conjunto de normas de acordo com as quais determinados comportamentos sexuais eram ou não aceites socialmente, o que levou a que certos comportamentos aceites numa época pudessem não o ser noutra. O Padrão Sexual foi, assim, variando conforme as épocas históricas, e tendo como grandes veículos transmissores de

geração em geração os pais, o grupo de pares, a escola e os meios de comunicação, no entender de Gagnon<sup>26</sup>. O processo de aprendizagem dos comportamentos sexuais tido como socialmente aceites ou não inicia-se na infância e prolonga-se pela adolescência, até à idade adulta.

De acordo com Giddens<sup>3</sup>, a sociedade ocidental continua a preconizar um marcado dimorfismo entre géneros, reflectindo ainda uma grande ligação a um conservadorismo patriarcal; portanto, os meninos e meninas aprendem desde muito cedo as regras de género definidas pelo *script* sexual vigente ( o que é “próprio dum homem” e o que é “próprio duma mulher”).

Os pais e a família, enquanto fontes primordiais de influência sobre os filhos, são as primeiras fontes de transmissão do papel de género aos filhos – verifica-se, por exemplo, que recorrem a adjectivos socialmente estereotipados para descreverem os seus filhos, conforme o género de cada um deles. Contudo, a partir da adolescência e durante a primeira fase da adultícia, o primado é do grupo de pares; os amigos da mesma faixa etária são a fonte essencial no que respeita ao veicular de atitudes e comportamentos sexuais. Isto mesmo foi verificado por Júlio Machado Vaz<sup>30</sup> na sua tese de doutoramento sobre as atitudes e comportamentos sexuais de jovens universitários. Este primado tem, segundo este autor, alguns riscos, em especial a possível prática de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis. O papel dos *mass media*, em especial da televisão, também tem vindo a ser referido como uma poderosa fonte de influência no que concerne ao vincar das diferenças entre os géneros, no entender de Machado Vaz, Vilar e Cardoso<sup>31</sup>.

De acordo com McCary<sup>32</sup>, à medida que os jovens vão crescendo, a grande maioria começa a pôr em causa os padrões de conduta sexual defendidos e impostos pelos pais, sentindo cada vez mais a necessidade de obter o seu próprio espaço e de construir o seu próprio *script*

sexual. Então, a coabitação com as figuras parentais poderá exercer influência no modo como os jovens concebem e implementam as suas atitudes e comportamentos sexuais, na medida em que os jovens que já não vivem com os pais terão, presumivelmente, mais espaço para construir e exercer o seu próprio *script* sexual, relativamente aos jovens que ainda coabitam com as figuras parentais. Para este autor, uma outra variável que exerce forte influência no modo como se obtêm e implementam as atitudes sexuais é a pertença religiosa e, tal como nos estudos efectuados no estrangeiro, também em Portugal se observou que a pertença religiosa do indivíduo tinha uma grande influência sobre as atitudes e comportamentos face à sexualidade. Por exemplo, Pais<sup>33</sup> encontrou uma forte correlação entre as variáveis “pertença religiosa” e “número de parceiros sexuais”, defendendo que a iniciação sexual entre jovens cristãos terá lugar mais tardiamente, quando comparados com os jovens sem religião. Observou ainda que os católicos, praticantes ou não, sublinhavam a importância das práticas sexuais terem lugar apenas após o matrimónio. Nesta linha, também Vasconcelos<sup>34</sup> verificou que a pertença religiosa tinha influência sobre a aceitação ou não dum parceiro que tivesse tido anteriormente muitos parceiros sexuais: os católicos, praticantes ou não, manifestavam significativamente mais reservas quanto à aceitação dum parceiro que tivesse tido relações sexuais com muitas pessoas, relativamente aos respondentes sem religião. Já no estrangeiro, Gall, Mullet e Shafighi<sup>35</sup> verificaram que a identificação religiosa tinha influência sobre a permissividade sexual: as mulheres crentes eram sexualmente menos permissivas relativamente aos homens crentes e às mulheres não crentes.

Além das variáveis “coabitação” e “pertença religiosa”, Milhausen e Herold<sup>16</sup> propõem o estudo da variável “tipo de relação amorosa”, crendo que o tipo de relação amorosa mantida poderá influenciar as suas atitudes e comportamentos sexuais. Em solo nacional, Vasconcelos<sup>34</sup> defende que os inquiridos casados ou que mantêm uma relação estável com



uma pessoa são menos permissivos face a determinados comportamentos sexuais relativamente àqueles que não mantêm qualquer tipo de relação amorosa.

Numa outra investigação, Milhausen e Herold<sup>36</sup> chamam a atenção para uma possível correlação entre o número de parceiros sexuais e o nível de julgamento face a determinados comportamentos sexuais: quanto maior o número de parceiros sexuais tido por uma mulher, maior o nível de aceitação face a um homem que também tenha tido muitos parceiros sexuais.

Em suma, constata-se que as regras de conduta face à sexualidade raramente têm sido semelhantes para ambos os géneros, parecendo ter existido desde tempos imemoriais uma tendência para se adoptar aquilo a que se chamou de *Duplo Padrão Sexual* (em que os homens gozam de maior permissividade sexual relativamente às mulheres), para utilizar a terminologia de Reiss.

Em Portugal, as coisas não foram, logicamente, muito diferentes: até meados dos anos 70, a sociedade portuguesa assistiu, amordaçada pela política fascista do salazarismo, a uma moral sexual fortemente conservadora e defensora acérrima do duplo padrão sexual, porque confinadora da mulher a um papel servil e secundário face ao homem e ao seu primado: o homem é que trabalhava e trazia o dinheiro para casa garantindo, desta forma, não apenas o sustento da mulher como uma certa “vassalagem” desta. Porém, com a chegada dos ecos do Maio de 68 francês a território nacional, a que se somou o descontentamento civil e militar pela política colonialista e autoritária do Estado Novo, foram criadas as condições para o derrube da ditadura – segundo autores como Vilar<sup>37</sup>, só a partir do 25 de Abril de 1974 é que a liberalização da sexualidade adquiriu uma visibilidade significativa no nosso país.

### ***O Duplo Padrão Sexual : a controvérsia empírica***

A partir da década de 60, diversos estudos têm-se debruçado sobre a questão do duplo padrão sexual e chegado a conclusões muito díspares – ao passo que algumas investigações têm mostrado que o duplo padrão sexual tem vindo a perder força nas sociedades actuais (ver Gentry e College<sup>38</sup>), noutras os dados empíricos recolhidos continuam a sugerir a permanência do duplo padrão sexual na actualidade, pelo menos na sua forma condicional (ou seja, às mulheres é permitido o envolvimento sexual pré-marital desde que o façam numa atmosfera de compromisso emocional), por exemplo em Alferes<sup>2</sup>. Noutras ainda, alguma controvérsia tem surgido no que diz respeito à presença, sequer, de algum tipo de duplo padrão na sociedade actual sugerindo-se, ao invés disso, que os comportamentos sexuais de ambos os géneros tendem a convergir para aquilo a que se chamou de *padrão sexual singular*, onde é concedida a mesma liberdade sexual a ambos os géneros.

A que se deve esta discrepância de resultados? Alguns autores, como Sprecher, McKinney e Orbuch<sup>39</sup>, pensam que a metodologia de investigação utilizada está na base desta discrepância, enquanto que outros, como Milhausen e Herold<sup>16</sup>, crêem que tal se deve ao modo como o conceito de “duplo padrão sexual” é operacionalizado.

Assim, Sprecher, McKinney e Orbuch<sup>39</sup> sustentam que algumas investigações não têm em consideração a influência do contexto relacional na prática dos comportamentos sexuais; assim, nos questionários a usar deve-se, no entender destes autores, modificar sistematicamente o sexo do sujeito-alvo e as situações sexuais em que ambos os géneros estão envolvidos, de forma a poder discriminar-se a influência da variável “género” e diminuir um possível efeito de “desejabilidade social” nas respostas dos inquiridos, de acordo com Alves<sup>9</sup>.

Já Milhausen e Herold<sup>16</sup> sugerem uma redefinição do conceito de “duplo padrão sexual” a partir da introdução de novas premissas que facultem, por um lado, o alargamento do significado que define o conceito e, por outro lado, permitam incluir outros aspectos para além do número de parceiros sexuais. Assim, ao concebermos a operacionalização do conceito de “duplo padrão sexual” devemos ter em conta três premissas fundamentais; o comportamento sexual, a avaliação dos homens e mulheres que levam a cabo determinados comportamentos sexuais e, por último, as preferências pessoais relativas às características dum hipotético parceiro sexual.

Segundo Sack, Keller e Hinkle<sup>40</sup>, as mulheres mostram maior predisposição para se envolverem em experiências sexuais onde exista envolvimento afectivo, ao passo que os homens optam maioritariamente por encontros sexuais casuais. Também Milhausen e Herold<sup>16</sup>, ao conceptualizarem o duplo padrão sexual segundo o indicador “nível de liberdade sexual”, constataram que os homens gozavam de maior liberdade sexual relativamente às mulheres confirmando, assim, a existência do duplo padrão sexual.

Em Portugal, os primeiros estudos efectuados nesta área sublinham a existência de um duplo padrão sexual: segundo Vicente<sup>41</sup>, o número dos que defendem a virgindade feminina antes do casamento é muito mais elevado relativamente àqueles que defendem a virgindade masculina nas mesmas circunstâncias (defendendo-se, deste modo, um duplo padrão sexual na sua forma clássica). Porém, outras investigações, como o estudo desenvolvido por Alferes<sup>2</sup>, assinalam a existência de um duplo padrão sexual não na sua forma clássica, mas sim condicional, ou seja, o afecto será um pré-requisito para uma plena vivência da sexualidade por parte das mulheres; os homens permanecem, um pouco na linha do estudo de Sack, Keller e Hinkle<sup>40</sup>, mais predispostos a experiências sexuais sem afecto face às mulheres.

### ***O Duplo Padrão Sexual como um conceito multidimensional***

Ao longo da exposição que fizemos até agora, temos apresentado diversos estudos que parecem consubstanciar e alimentar a polêmica acerca da origem e da estrutura do conceito de “duplo padrão sexual”. Já demos acima uma ideia acerca das suas possíveis *origens* (através das poderosíssimas influências sociais e culturais que parecem mantê-lo e perpetuá-lo até aos dias de hoje) e, em seguida, iremos debruçar-nos mais pormenorizadamente acerca da questão que remete para a *estrutura* deste conceito.

No entender de Milhausen e Herold<sup>16,36</sup>, o conceito de “duplo padrão sexual” deve, no sentido de ser mais amplamente compreendido e melhor estudado, ser concebido de uma forma multidimensional e não monolítica. Assim, para estes autores, o “duplo padrão sexual” comporta duas dimensões distintas – uma relacionada com a percepção social (o modo como a pessoa crê que a sociedade pensa face à existência ou não dum duplo padrão sexual), e outra ligada à aceitação pessoal (o modo como a pessoa pensa acerca da existência ou não dum duplo padrão sexual). Em seguida, abordarei mais em pormenor cada uma destas dimensões do duplo padrão sexual.

## Percepção Social da Existência do Duplo Padrão Sexual

Como vimos anteriormente, os *scripts* sexuais fornecem as directrizes que orientam e modulam culturalmente os comportamentos sexuais aceitáveis para cada um dos géneros, consoante as épocas e momentos históricos. De igual modo, observámos que os indivíduos podem conceber e levar a cabo padrões de comportamento sexual não-normativos, ou seja, fora daquilo que é expectável e até aceitável à luz de determinada época, cultura e sociedade (muito embora tenhamos observado igualmente que tais comportamentos poderão não ser adaptativos para o indivíduo, em termos sociais). Assim, poderemos conceber o duplo padrão sexual como tendo duas dimensões – uma ligada à percepção social da sua existência, e outra ligada à aceitação pessoal da sua existência.

Mark e Miller<sup>42</sup>, ao definirem o conceito de duplo padrão sexual como uma maior permissividade sexual do homem relativamente à mulher, destacam precisamente essa dupla dimensão e uma certa interactividade entre ambas as dimensões: “*se o duplo padrão é mantido pelas pessoas como algo normativo, tal deve ter consequências observáveis ao nível do julgamento pessoal*”. Assim, as pessoas podem considerar pessoalmente que o duplo padrão sexual não existe (e procederem, por conseguinte, à igualdade de tratamento pessoal a ambos os géneros no que diz respeito à permissividade sexual) e, ao mesmo tempo, admitir que a sociedade ainda sustenta e mantém alguma forma de duplo padrão sexual, quer clássica quer condicional.

Algumas investigações que avaliaram a percepção social da existência do duplo padrão sexual concluíram que o contexto social exerce ainda uma influência determinante sobre a vivência dos comportamentos sexuais por intermédio de ambos os géneros. Por exemplo, Milhausen e Herold<sup>36</sup> constataram que a maioria das participantes expressava a sua concordância face à existência social de um estilo relacional assente num duplo padrão sexual. Estes autores

introduziram novas conceptualizações na definição clássica de duplo padrão sexual (assente numa maior liberdade sexual concedida ao homem, por comparação com a mulher), em especial diversos novos indicadores de que é exemplo o indicador “número de parceiros sexuais”. Com base neste indicador, estes autores verificaram que a maioria das mulheres acreditava que a sociedade aceitava mais facilmente um homem que tenha tido muitos parceiros sexuais, comparativamente a uma mulher nas mesmas condições. E quando questionadas acerca do aspecto clássico do duplo padrão sexual (baseado no indicador “nível de liberdade sexual”), a maioria admitiu que o homem goza de maior liberdade sexual face à mulher. Ou seja, independentemente do critério utilizado para conceber o fenómeno de duplo padrão sexual (o número de parceiros sexuais ou a liberdade sexual), estes autores constataram que a maioria dos inquiridos sustentava um duplo padrão sexual.

Investigações mais antigas chegaram também a conclusões semelhantes no que à percepção social do duplo padrão sexual diz respeito: Muehlenhard<sup>43</sup> constatou que muitas raparigas recusam ter relações sexuais com um dado rapaz (quando na realidade desejariam fazê-lo) com receio de serem socialmente condenadas e rotuladas de “promíscuas”. Assim, parece que a percepção social do duplo padrão sexual influencia especialmente o comportamento sexual das mulheres jovens. Tal foi constatado também por Hillier, Harrison e Warr<sup>44</sup> relativamente às atitudes e comportamentos sexuais de jovens australianas no que concerne ao uso de contraceptivos, em especial o uso do preservativo: as jovens ficavam “mal vistas” ao propor o uso de preservativo, por vários motivos – mas, muito especialmente, pelo facto de que o homem podia ficar a ter conhecimento da sua vida sexual passada havendo, além do receio da gravidez indesejada e do perigo de contrair infecções sexualmente transmissíveis, a grande preocupação em não ficar com “má reputação”.

Em síntese, parece que o modo como a sociedade observa e sanciona o comportamento sexual de homens e mulheres exerce uma influência significativa sobre o modo como as pessoas concebem e levam a cabo a sua sexualidade. Milhausen e Herold<sup>16</sup> defendem, com base numa possível contradição entre a percepção social e o julgamento pessoal da existência do duplo padrão sexual, o estudo concomitante destas duas dimensões no mesmo indivíduo.

### **Aceitação Pessoal da Existência do Duplo Padrão Sexual**

Milhausen e Herold<sup>16</sup> consideram que, embora pareça existir unanimidade relativamente à percepção social da existência do duplo padrão sexual (com a grande maioria dos inquiridos a defender que o duplo padrão sexual ainda persistirá nas sociedades actuais, pelo menos na sua forma condicional), os estudos que se servem do “método de percepção das pessoas inquiridas” como técnica de investigação parecem mostrar que a maioria das pessoas aceita pessoalmente a emergência de novos padrões de comportamento sexual, assentes num padrão sexual singular (em que a liberdade sexual é concedida de igual modo a homens e mulheres). Esta técnica tinha como objectivo avaliar o julgamento dos inquiridos face à ocorrência de determinados comportamentos sexuais, sendo que para tal era necessário fazer variar sistematicamente o sexo do sujeito-alvo, a idade dos sujeitos, o tipo de contexto relacional, as características de personalidade e o nível de atractividade. Assim, era possível inferir indirectamente o nível de permissividade dos sujeitos face aos comportamentos sexuais praticados por ambos os géneros. Como exemplo de trabalhos onde este paradigma foi utilizado, temos como referência os estudos de Sprecher, McKinney e Orbuch<sup>39</sup> no estrangeiro e o estudo de Alferes<sup>2</sup> em Portugal.

Porém, esta técnica apresentava também algumas limitações, sendo a principal o facto dos sujeitos inquiridos apenas avaliarem o sujeito do sexo oposto, ficando o efeito da variável “género” difícil de predizer, de acordo com Milhausen e Herold<sup>16</sup>. Os estudos baseados neste paradigma apresentaram resultados contraditórios uns com os outros – alguns estudos apontam para a existência de um duplo padrão sexual (pelo menos na sua forma condicional) ao passo que outros apontam para a existência de um padrão sexual singular (preconizando igual liberdade sexual para ambos os géneros).

Por vezes, tais discordâncias podem ser encontradas dentro do mesmo estudo, consoante as variáveis que estão a ser avaliadas. Deste modo, apresentarei em seguida uma súmula de evidências que apontam para a ausência de qualquer duplo padrão sexual na sociedade actual (sugerindo-se a existência de um padrão sexual singular), para posteriormente apresentar outras que apontam para a existência dum duplo padrão sexual ao nível das atitudes pessoais. Debruçar-me-ei, igualmente, sobre um fenómeno muito interessante que vem surgindo nalgumas investigações – o **padrão sexual invertido**, que se caracteriza por uma maior permissividade sexual concedida às mulheres, por comparação com os homens.



### **Evidências a favor de um Padrão Sexual Singular**

Hendrick e Hendrick<sup>45</sup>, com o objectivo de medir as atitudes sexuais e o nível de permissividade sexual, fizeram variar os contextos relacionais que serviam de “palco” para o acto sexual levado a cabo por ambos os géneros. Os resultados obtidos indicaram que ambos os sexos foram julgados negativamente por se terem envolvido num relacionamento sexual casual, sendo os homens vistos como “jogadores” e as mulheres como “sexualmente dependentes”. Nesta linha, Sprecher<sup>46</sup> obteve conclusões similares, quando procurou estudar de que modo os padrões sexuais eram afectados pelo sexo do sujeito-alvo, idade, relevância pessoal e tipo de respostas dadas por ambos os géneros. Constatou que, se as experiências sexuais decorriam num contexto de envolvimento afectivo, havia uma atitude de permissividade sexual significativa para com ambos os géneros – o que iria mais no sentido de um padrão sexual singular (e não de um duplo padrão sexual). Já Sprecher, McKinney e Orbuch<sup>39</sup> constataram que os jovens de ambos os sexos partilham, cada vez mais, os mesmos *scripts* sexuais, havendo igual julgamento acerca da conduta sexual para homens e para mulheres (atitude que se aproxima significativamente, mais uma vez, de um padrão sexual singular).

Num estudo acerca das atitudes e comportamentos sexuais de jovens universitárias, Milhausen e Herold<sup>36</sup> avaliaram não apenas a sua percepção relativamente à presença do duplo padrão sexual ao nível social, mas também a sua aceitação pessoal do duplo padrão sexual: para avaliar este último aspecto foi pedido às inquiridas que enunciassem um conjunto de palavras que descrevessem um homem e uma mulher que tivessem tido anteriormente muitos parceiros sexuais. Verificou-se que ambos os sexos eram julgados negativamente pelo facto de terem tido muitos parceiros sexuais (defendendo, novamente, a existência de um padrão sexual singular). Além disso, as inquiridas consideraram que as características

pessoais de cada sujeito eram mais importantes e influentes na escolha dum potencial parceiro sexual, relativamente ao nível de experiência sexual que esse parceiro pudesse ter.

Noutra investigação, foi mesmo possível encontrar algumas evidências não de um duplo padrão sexual, nem tão-pouco de um padrão sexual singular, mas sim de um **padrão sexual invertido** (em que os homens são julgados mais severamente do que as mulheres, em circunstâncias similares para ambos os géneros). Assim, Milhausen e Herold<sup>16</sup> analisaram os julgamentos pessoais efectuados por jovens universitárias e chegaram à surpreendente conclusão de que os homens eram avaliados mais negativamente face às mulheres quando ambos os géneros praticavam os mesmos comportamentos sexuais, o que parece favorecer a ideia de um padrão sexual invertido (onde as mulheres gozariam de maior liberdade sexual relativamente aos homens). Porém, ao avaliarem com maior detalhe os pares de afirmações produzidos pelas inquiridas, os investigadores concluíram que a maioria dos julgamentos proferidos vão de encontro a um padrão sexual singular. As jovens inquiridas referiram que desencorajariam quer a melhor amiga quer o melhor amigo de sair com um homem ou com uma mulher (respectivamente) que tivesse tido anteriormente dez parceiros sexuais; do mesmo modo, as inquiridas, quando lhes foi pedido para descreverem um homem e uma mulher que tivessem tido anteriormente muitos parceiros sexuais, responderam com uma avaliação igualmente negativa para ambos os sexos, apoiando a ideia de um padrão sexual singular. Estas, embora revelem alguma preocupação com a sua reputação sexual, não ocultam o seu desejo sexual num grupo de homens ou mulheres nem escondem o número de parceiros sexuais ao seu melhor amigo ou ao seu novo parceiro (contrariando, pois, a hipótese da existência de um duplo padrão sexual). Segundo estes autores, os homens e as mulheres tendem a desenvolver atitudes que vão, cada vez mais, ao encontro de um padrão sexual singular assente num modelo relacional dito conservador ou restritivo (na medida em que,

muito embora se aprove a igualdade de oportunidades e de liberdade sexual entre homens e mulheres, se continuem a julgar negativamente alguns comportamentos sexuais, como o sexo com vários parceiros em simultâneo). Aliás, a própria noção de “duplo padrão sexual” parece trazer implícita a ideia de que certos comportamentos sexuais continuam vedados às mulheres, de acordo com Alves<sup>9</sup>. Apesar disso, esta tendência para uma singularização do padrão sexual estará, no entender de Milhausen e Herold<sup>16</sup>, a contribuir para uma mudança nos *scripts* sexuais actuais: *“o enfoque em comportamentos sexuais mais seguros, despoletados pelo receio de contrair doenças sexualmente transmissíveis, em especial o VIH/SIDA, bem como alterações nas crenças acerca da igualdade entre géneros, estão a facilitar o desenvolvimento dum padrão sexual singular. Pode acontecer que os scripts sexuais tenham mudado a tal ponto que o sexo no contexto de relações de longo prazo e emocionalmente cometidas sejam mais valorizadas quer para homens quer para mulheres”*.

Na Europa, também parece verificar-se a rejeição do duplo padrão sexual por parte dos jovens: numa investigação levada a cabo por Weinberg, Lottes e Shaver<sup>47</sup>, que tinha por objectivo avaliar a influência das características socioculturais sobre as atitudes sexuais de jovens suecos e norte-americanos, constatou-se que os jovens suecos aceitavam a presença de um padrão sexual singular em diversos domínios, especialmente ao nível da sexualidade pré-marital. Já os jovens americanos, embora aprovassem a igualdade entre ambos os géneros, impunham restrições ao nível da expressão da sexualidade.

## **Evidências a favor do Duplo Padrão Sexual**

Contudo, se nas evidências empíricas acima relatadas podemos encontrar resultados que apontam para a emergência de um padrão sexual singular, também é possível encontrar evidências noutras investigações que apoiem a existência de um duplo padrão sexual. Como exemplos, Gentry e College<sup>38</sup> verificaram que as mulheres eram avaliadas mais negativamente por terem tido muito parceiros sexuais, relativamente aos homens; já Mark e Miller<sup>42</sup> referiram que as mulheres com atitudes conservadoras avaliavam mais negativamente uma mulher que tenha tido relações sexuais casuais, relativamente a um homem na mesma situação. Uma outra investigação de Weinberg, Lottes e Shaver<sup>48</sup> mostra que os jovens americanos são particularmente conservadores no que concerne à prática de determinados comportamentos sexuais, como o sexo com muitos parceiros em simultâneo ou com um carácter eminentemente casual, advogando um duplo padrão sexual.

Também Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> reportam resultados algo contraditórios nas suas investigações: embora a maioria dos inquiridos avaliem negativamente homens e mulheres que tenham tido anteriormente muitos parceiros sexuais (suportando a ideia da existência de um padrão sexual singular), numa análise qualitativa das respostas foi possível encontrar, ainda que muito tenuemente, evidências de um duplo padrão sexual: as mulheres que tinham tido muitos parceiros sexuais eram maioritariamente descritas através de termos bastante negativos como “promíscua”, ao passo que os homens na mesma situação eram tidos como “jogadores”, um vocábulo com uma conotação menos negativa.

No que concerne a estudos efectuados em Portugal, Alferes<sup>2</sup> constatou que, muito embora pareça existir uma convergência acentuada entre as atitudes de ambos os sexos, quer ao nível da importância dada ao prazer sexual quer ao nível da idade considerada adequada para a primeira relação sexual (o que sugere uma evolução no sentido de um padrão sexual singular),

as atitudes pessoais dos inquiridos vão de encontro a um duplo padrão sexual na sua forma condicional.

Em suma, nos resultados das várias investigações enunciadas conclui-se que **os julgamentos pessoais dos inquiridos podem diferir não apenas relativamente à percepção social que [os inquiridos] têm da existência ou não do duplo padrão sexual, como também tais julgamentos variam consideravelmente conforme as variáveis em causa**: podem apoiar quer um duplo padrão sexual, quer um padrão sexual singular (a maioria das investigações sugere que é este o padrão mais apoiado), ou até mesmo um padrão sexual invertido, onde as mulheres desfrutam de maior liberdade sexual do que os homens.

### **O caso do Padrão Sexual Invertido**

Segundo Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> e Sprecher, McKinney e Orbuch<sup>39</sup>, o *padrão sexual invertido* caracteriza-se por uma **menor permissividade em relação aos comportamentos sexuais praticados pelos homens**, ou seja, estes são julgados mais negativamente do que as mulheres relativamente à prática de determinadas actividades sexuais.

Sprecher, McKinney e Orbuch<sup>39</sup> encontraram algumas evidências de um padrão sexual invertido quando estudavam o efeito correlacional das variáveis actividade sexual, sexo-alvo e parceiro ideal para um encontro amoroso. Os resultados indicaram que os homens mais desejados para um encontro sexual tinham de ter um nível moderado de actividade sexual, e as mulheres mais desejadas para um encontro amoroso eram aquelas cujo nível de actividade sexual era tido como elevado. Ou seja, havia maior tolerância face à actividade sexual feminina relativamente à masculina.

Para a explicação destes resultados, os investigadores levantaram duas possibilidades: uma primeira sugere que haverá um certo “princípio de reciprocidade” num encontro amoroso: os homens poderão contribuir mais do ponto de vista financeiro do que as mulheres (por exemplo, pagando as contas) e estas, por sua vez, poderão oferecer em troca o seu envolvimento sexual. A segunda possibilidade baseia-se nos *scripts* sexuais, ou seja, num encontro amoroso os homens desejam ter relações sexuais e, por isso, procuram uma mulher com um nível elevado de actividade sexual, ao passo que as mulheres defendem que o envolvimento sexual deverá surgir na continuação dos encontros amorosos preferindo, por essa razão, um homem cujo nível de actividade sexual será apenas moderado. Weinberg, Lottes e Shaver<sup>47</sup> encontraram também evidências de um padrão sexual invertido, pois as jovens mulheres suecas iniciavam a sua vida sexual mais cedo relativamente aos homens suecos. Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> encontraram igualmente evidências da existência de um padrão sexual invertido, pois a maioria das jovens inquiridas afirmou que desencorajaria mais depressa uma melhor amiga de sair com um homem com dez parceiras sexuais anteriores relativamente a um melhor amigo nas mesmas circunstâncias; as mulheres parecem, pois, julgar mais severamente um homem sexualmente experiente relativamente a uma mulher na mesma situação.

Ao estudarem o comportamento sexual no local de trabalho, Hendrix, Rueb e Steel<sup>49</sup> verificaram que o julgamento pessoal de cada participante relativamente ao assédio sexual no local de trabalho ia de encontro a um padrão sexual invertido, pois os homens que praticaram o assédio sexual são julgados mais negativamente face às mulheres que também o fizeram. Relativamente a este contexto, Milhausen e Herold<sup>16</sup> constataram que ambos os géneros sugeriam que os homens eram quem mais devia ter cuidado relativamente a “piadas”,

comentários sobre sexo, e aproximações a um colega de trabalho do sexo oposto (o que apoia a ideia de um padrão sexual invertido).

Outras investigações apoiam também a ideia de que as mulheres avaliam cada vez mais negativamente os comportamentos sexuais praticados pelos homens. Edmonds e Cahoon<sup>50</sup> verificaram que as mulheres vêem os homens como revelando uma maior aceitação dos “mitos de violação” (os mitos de violação são atitudes e crenças, em geral falsas, acerca do fenómeno de violação, que são largamente difundidas e mantidas, servindo para negar ou mesmo justificar as agressões sexuais cometidas por homens contra mulheres, segundo Lonsway e Fitzgerald<sup>51</sup>). Como exemplo, se uma mulher se queixa de ter sido violada, as pessoas poderão pensar: “foi violada porque se vestiu de maneira a excitar os homens”. Estes autores consideram como uma possível explicação para tal julgamento que as mulheres poderão sentir frustradas por não conseguirem alcançar a igualdade sexual face aos homens e que, por isso, poderão emitir avaliações que não reflectirão a realidade.

### ***Os instrumentos de medida do Duplo Padrão Sexual: suas limitações e novas propostas***

O conceito de duplo padrão sexual, como já vimos acima, foi criado em 1964 por Ira Reiss, que iniciou o seu trabalho nesta área através da construção de uma escala intitulada “*Scaling of Premarital Sexual Permissiveness*” (Escala de Permissividade Sexual Pré-Marital), com o objectivo de avaliar a presença do duplo padrão sexual na sociedade americana da sua época. Para tal, criou duas formas da Escala, uma dirigida à população masculina e outra à feminina, em que a primeira forma só tinha como sujeito-alvo mulheres e a segunda homens, ou seja, cada participante avaliava apenas o sujeito do sexo oposto.

Esta foi a maior limitação apontada a esta escala, pois não eram avaliados atitudes e comportamentos sexuais por sujeitos-alvo de ambos os sexos. Milhausen<sup>52</sup> salientou que a técnica de investigação desenvolvida por Reiss se centrava apenas no nível de aceitação pessoal, por parte de cada indivíduo, de determinada atitude ou comportamento. Ou seja, não era propriamente avaliado o julgamento pessoal de cada sujeito, mas sim o nível de aceitabilidade que este revelava face à atitude ou comportamento em questão, o que pode ser contaminado por um efeito de desejabilidade social, não reflectindo necessariamente um julgamento pessoal genuíno.

A própria “técnica de percepção das pessoas inquiridas” apresentava igualmente algumas limitações, nomeadamente o facto de se limitar às avaliações dos julgamentos dos inquiridos relativamente aos comportamentos sexuais praticados por sujeitos do sexo oposto não sendo, assim, possível discriminar o efeito da variável “género” (uma vez que não se conhece o julgamento pessoal do respondente face a um comportamento desempenhado por um indivíduo do mesmo sexo).

Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> justificaram, como já vimos acima, a pertinência de se abordar em simultâneo ambas as dimensões do duplo padrão sexual – a percepção social tida pelos



inquiridos e o julgamento pessoal que esses mesmos inquiridos têm. Tal investigação ganha ainda mais sentido na medida em que foi verificado, por estes mesmos autores, que essas duas dimensões do duplo padrão sexual podem não ser concordantes (uma pessoa pode perceber como válida a existência do duplo padrão sexual a nível social e, simultaneamente, não o advogar pessoalmente). Assim, de acordo com estes autores, será fundamental estudar o fenómeno do duplo padrão sexual tendo como critério não apenas a percepção social que os inquiridos fazem acerca do fenómeno, como também as atitudes e julgamentos pessoais dos mesmos. É igualmente importante alterar o cenário onde ocorrem determinados comportamentos sexuais e analisar o sexo do sujeito-alvo (fazendo variar o género que está em questão sob determinado contexto, de forma a que seja possível avaliar o efeito de género).

No sentido de tentar colmatar estas limitações, estes autores construíram um instrumento que se propõe medir em simultâneo ambas as dimensões do duplo padrão sexual; tal instrumento ficou conhecido como Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual.

### *A Satisfação Sexual*

Nas páginas acima, tratámos um pouco das perspectivas passadas e actuais acerca do fenómeno do Duplo Padrão Sexual, considerando também que as sociedades (pelo menos as sociedades ocidentais) se regeram essencialmente por uma cultura de patriarcado, em que os homens detinham o poder sobre as mulheres e a posse dos seus corpos, de forma a garantir a sobrevivência da linhagem. A mulher estava, pois, restringida ao lar e às “alegrias da maternidade”, no dizer de Badinter<sup>12</sup>. Os *scripts* sexuais vigentes ao longo dos tempos estiveram sempre muito definidos em função desta assimetria de poder nas relações homem-mulher, a qual definia, construía e perpetuava sociedades. De acordo com Claude Lévi-Strauss<sup>53</sup>, “*a necessidade de se regular a distribuição das mulheres e não a dos homens decorre do facto das mulheres, como esposas, se constituírem como um valor essencial à vida do grupo, tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista social*”. Assim, parece que, historicamente falando, nunca terá havido muito espaço para que o homem escutasse e compreendesse os desejos, os anseios e as necessidades de satisfação da mulher (quer sexuais quer de qualquer outro tipo).

Porém, essencialmente a partir dos anos 60 e 70 (em especial após o Maio de 1968 e, em Portugal, com o advento do 25 de Abril de 1974), as mulheres têm vindo a reclamar mais igualdade de oportunidades e têm atacado ferozmente o domínio do patriarcado, passando a reclamar e a deter cada vez mais o domínio do seu corpo e da sua sexualidade, até então muito prisioneira dos ditames patriarcais. Como afirma López (citado por Prazeres<sup>29</sup>), “*a sexualidade não é reduzida à genitalidade, reconhecendo-se a amplitude do mapa corporal, e as dimensões psicológicas e sociais da sexualidade; tampouco se restringe à finalidade de procriação, defendendo que esta deve corresponder a uma decisão livre e responsável (...) sem estar, necessariamente, associada à situação conjugal*”.

Assim, não será de admirar que, ao longo das últimas décadas, a própria Sexologia se tenha vindo a interessar muito pelo fenómeno da satisfação sexual, concebida como uma das mais importantes dimensões da sexualidade. Levine<sup>54</sup> assinala precisamente a importância desta dimensão, colocando-a lado a lado com as dimensões da identidade sexual (género, orientação, intenção) e do funcionamento sexual (desejo, excitação, orgasmo, resolução). As pessoas não têm apenas desejo e um corpo que as conduz ao orgasmo, mas também reflectem sobre o conforto e a facilidade com que conduzem as suas vidas sexuais e sobre o comportamento sexual dos companheiros: estas reflexões são parte da capacidade de integrar a vida sexual nos relacionamentos não-sexuais e nas próprias expectativas de vida.

Muito embora não exista grande consenso no que diz respeito à definição e operacionalização do conceito de “satisfação sexual”, esta poderia definir-se, segundo Byers, Demmons e Lawrance<sup>55</sup> como *“uma resposta afectiva que surge pela avaliação dos aspectos positivos e negativos associados às próprias relações sexuais”*. Pegando nesta definição, Parish e colaboradores<sup>56</sup> assinalaram cinco factores fundamentais para a satisfação sexual: primeiramente, as **práticas e comportamentos sexuais** (um maior repertório de técnicas e comportamentos sexuais, assim como um maior envolvimento em actividades sexuais sem coito, são preditores de maior satisfação sexual); segundo, os **aspectos socio-emocionais da relação com o parceiro** (a satisfação estaria positivamente correlacionada com o desejo sexual, a satisfação global com o parceiro e o bem-estar marital); terceiro, **conhecimentos, atitudes e valores em relação à sexualidade** (fortes valores religiosos, atitudes sexuais conservadoras, baixos conhecimentos acerca da sexualidade e pouca assertividade sexual estariam ligados a uma baixa satisfação sexual); em quarto lugar, a **saúde e vitalidade** físicas (na medida em que doenças como a depressão, patologias coronárias, saúde física precária ou pouca vitalidade estariam ligadas a uma menor satisfação sexual) e, por último, **barreiras**

**ambientais** (como a falta de intimidade, também causadora de uma menor satisfação sexual).

Nesta linha, Pechorro<sup>57</sup> considera que é frequente encontrarem-se pessoas que estão profundamente insatisfeitas com a sua vida sexual apesar de não sofrerem de qualquer disfunção sexual, talvez porque já não gostam do companheiro ou porque sentem uma grande monotonia na sua vida sexual. O oposto também é possível (ou seja, encontrar pessoas com disfunção sexual que reportam satisfação sexual), talvez porque não saibam que a sua sexualidade pode funcionar melhor ou porque dão mais importância a outros aspectos da vida, relativamente à sua sexualidade.

A dimensão “satisfação sexual” tem sido fonte de inúmeras confusões e equívocos na área da Sexologia, e isto porque uma avaliação objectiva da sexualidade humana é extraordinariamente difícil, uma vez que se trata de um fenómeno altamente idiossincrático estando, por isso, pejado de inúmeros aspectos e significados individuais, que só muito dificilmente podem ser acedidos e mensurados de um ponto de vista científico. Não obstante esta ideia, a satisfação sexual continua a ser vista com profundo interesse, a tal ponto que, no entender de Davis e Petretic-Jackson<sup>58</sup>, a satisfação sexual será o factor psicológico que mais tem sido avaliado na área das disfunções sexuais.

## A satisfação sexual e a satisfação marital

Numa dada relação, o casal tende a criar um determinado *script* sexual (para usar a terminologia de Gagnon e Simon), definido como uma sequência de comportamentos que, em geral, levam ao coito; tal *script* tenderá a ser seguido aquando de interacções sexuais futuras entre os membros desse casal.

Geralmente, a satisfação sexual e a satisfação conjugal costumam estar positivamente correlacionadas (valores altos de uma normalmente correspondem a valores altos de outra, e o mesmo para valores baixos); de acordo com Reiss e Lee (citados por DeLamater<sup>59</sup>), os homens e mulheres que relatam estar satisfeitos com os seus relacionamentos sexuais também relatam estar satisfeitos com os seus relacionamentos maritais. Porém, no que às causas imediatas da insatisfação sexual diz respeito, foram encontradas diferenças entre homens e mulheres (que parecem esbater-se com a idade) – para as mulheres, a qualidade emocional das interacções sexuais parece exercer a influência mais importante sobre as suas avaliações do relacionamento sexual (sugerindo mais necessidade de amor, afecto e carinho), ao passo que para os homens o critério mais importante na avaliação dos seus relacionamentos sexuais passa mais pela quantidade das interacções sexuais (sugerindo mais necessidade de frequência e variedade de interacções sexuais).

Nesta linha, um estudo efectuado por Legkauskas e Stankevičiene<sup>60</sup> com casais da Lituânia procurou investigar possíveis correlações entre a satisfação marital e diversos outros factores, como sejam a idade do surgimento da primeira relação sexual pré-marital, experiência sexual pré-marital, o número de parceiros sexuais pré-maritais e experiência de coabitação pré-marital. Os resultados mostraram que, embora não tivesse sido encontrada qualquer correlação entre a idade de surgimento da primeira relação sexual pré-marital e a satisfação marital de homens e mulheres, as mulheres que reportavam ter iniciado a sua vida sexual mais

precocemente e tido mais parceiros sexuais pré-maritais experimentavam menor satisfação marital relativamente aos outros grupos (não tendo sido tal correlação encontrada no grupo masculino). Estes resultados podem explicar-se, como vimos acima, à luz do fenómeno de duplo padrão sexual: os homens seriam encorajados e socialmente “recompensados” por terem um número elevado de parceiros sexuais pré-maritais, ao passo que as mulheres seriam condenadas pela mesma conduta (Milhausen e Herold, citados por Legkauskas e Stankevičiene<sup>60</sup>).

### **Idade, Género e Satisfação Sexual**

No entender de Cardoso<sup>61</sup>, o padrão de resposta sexual tende a manifestar diversas alterações ao longo da vida e, durante a senescência (processo normal de envelhecimento), a resposta sexual humana pode ir ficando mais lentificada, mas não desaparecerá. À medida que a idade vai avançando assiste-se, naturalmente, ao declínio de algumas funções fisiológicas, de acordo com Levine<sup>54</sup>: o vigor físico masculino, sexualmente representado por erecções duradouras e ejaculações muito potentes, já não está presente como outrora; e as mulheres, entretanto entradas na menopausa, já não representarão corpos particularmente jovens e atraentes para os seus companheiros masculinos. Do predomínio dos aspectos físicos passa-se à admiração do amor, companheirismo e preocupação mútuas entre os membros do casal. Segundo McCann e Biaggio<sup>62</sup>, uma idade mais avançada será um dos bons preditores de satisfação sexual no casamento, podendo muitos aspectos que dantes não eram valorizados adquirir grande importância sexual nesta etapa mais madura da vida.

Autores como Carpenter, Nathanson e Kim<sup>63</sup> afirmam que é absolutamente crucial compreender melhor o dinamismo de um conceito tão intrincado como o da “satisfação

sexual”; este conceito tem sido amplamente utilizado para explicar o bem-estar individual de homens e mulheres, além de outros factores como a estabilidade dos casamentos e de outras relações íntimas, segundo Sprecher<sup>64</sup>. Até porque, com o aumento significativo da esperança de vida, há que atender a aspectos da sexualidade madura até aqui negligenciados: diversos estudos mostram que a satisfação sexual tende a diminuir com a idade, especialmente entre as mulheres (Edwards e Booth, citados por Carpenter, Nathanson e Kim<sup>63</sup>), um fenómeno para o qual ainda não foi encontrada nenhuma explicação clara; de toda a maneira, e de acordo com Fuertes e López<sup>65</sup>, para que as pessoas se sintam satisfeitas com o seu funcionamento sexual será necessário que se cumpram várias condições: obter um grau de prazer razoável nas actividades sexuais efectivas e interessar-se cada um pelo prazer do outro; a existência de um acordo mais ou menos geral no que respeita à frequência com que desejam manter determinados contactos sexuais e outro tipo de contactos físicos não meramente sexuais; a existência de algum tipo de variação nas relações, que vá mais além da típica sequência jogos sexuais/coito; a ausência de problemas continuados na excitação sexual ou na obtenção do orgasmo; o auto-conhecimento e a aceitação da própria sexualidade, incluindo a aceitação do próprio corpo e, por fim, o conhecimento e a aceitação da sexualidade no casal (conhecendo e aceitando eventuais diferenças ao nível dos desejos, preferências e atitudes de cada um dos membros do casal).

Em seguida, considerarei um agregado de influências individuais, relacionais e culturais sobre o conceito de satisfação sexual, para finalmente interligar os conceitos de Duplo Padrão Sexual e Satisfação Sexual, referindo os objectivos do presente estudo e as hipóteses que pretendo testar.

## **Factores Individuais na Satisfação Sexual**

As alterações físicas promovidas pelo avançar da idade acabam por levar, naturalmente, à redução do desejo sexual e da intensidade da resposta fisiológica (por exemplo, ao nível da erecção e ejaculação masculinas), o que comportará reflexos ao nível da satisfação com os aspectos mais físicos da sexualidade (Segraves e Segraves, citados por Carpenter, Nathanson e Kim<sup>63</sup>). Assim, no caso masculino as maiores dificuldades a nível físico estão relacionadas com a diminuição da força da erecção e da ejaculação, do tónus muscular e da circulação sanguínea, bem como com uma menor produção de testosterona. Para as mulheres, ocorre uma menor lubrificação vaginal e um incremento de relações sexuais dolorosas.

Porém, não tem existido consenso relativamente ao modo como as mulheres são afectadas com o surgimento da menopausa: enquanto alguns estudos têm relacionado a menopausa com um aumento das relações sexuais dolorosas e uma diminuição do desejo sexual outros, como por exemplo o de autores como Barbre<sup>66</sup>, têm associado a menopausa a sentimentos de maior liberdade sexual, com o fim do fantasma da gravidez. A saúde física e mental dos parceiros, o hábito tabágico e a sensibilidade do companheiro aos sintomas menopáusicos parecem ter mais efeito sobre o funcionamento sexual feminino do que o fenómeno da menopausa em si mesmo, no dizer de Winterich<sup>67</sup>.

As doenças relacionadas com o avançar da idade, como por exemplo a diabetes ou a hipertensão arterial, também têm um elevado impacto sobre a sexualidade, reduzindo o desejo sexual e a resposta fisiológica e, por conseguinte, diminuindo a satisfação sexual. O mesmo se tem verificado relativamente a uma saúde mental pobre, no entender de Bancroft, Loftus e Long<sup>68</sup>.

As atitudes pessoais parecem também representar um importante factor preditor da satisfação sexual – por exemplo, pessoas com crenças sexuais permissivas (por exemplo, aprovação do



sexo casual) reportam maiores níveis de satisfação sexual relativamente às pessoas com crenças mais conservadoras, para Haavio-Mannila e Kontula<sup>69</sup>. Contudo, estudos mais recentes, como o de Carpenter, Nathanson e Kim<sup>63</sup>, não parecem apoiar esta ideia sugerindo que, pelo menos no caso masculino, tal não sucede obrigatoriamente: homens que aprovavam o sexo sem amor reportaram *menor* satisfação física e emocional no seu relacionamento actual relativamente aos que desaprovavam tal crença. Estes resultados poderão dever-se mais ao impacto da qualidade relacional sobre o bem-estar físico e psicológico de homens mais velhos, e não tanto ao contexto sociocultural vigente.

### **Factores Relacionais na Satisfação Sexual**

Diversos estudos nesta área têm demonstrado que os factores relacionais têm grande impacto na área da satisfação sexual: para Laumann e colaboradores<sup>70</sup>, os indivíduos casados apresentam maiores níveis de satisfação sexual relativamente aos indivíduos que são solteiros ou que moram com o parceiro. Nesta linha, Pedersen e Blekesaune<sup>71</sup> mostraram que os indivíduos comprometidos estão sexualmente mais satisfeitos relativamente aos indivíduos que não mantêm nenhuma relação estável. A qualidade do relacionamento parece também estar positivamente correlacionada com o grau de satisfação sexual, de acordo com Sprecher<sup>64</sup>.

As relações monogâmicas parecem proporcionar um nível mais elevado de satisfação sexual relativamente aos outros tipos de relacionamento, possivelmente porque se permite um maior conhecimento do corpo e das preferências sexuais do parceiro; porém, novamente no entender de Laumann e colaboradores<sup>70</sup>, membros do casal insatisfeitos com a sua vida sexual poderão procurar satisfação sexual no exterior do casal: apesar da estabilidade da relação contribuir

para um aumento da satisfação sexual, a partir de determinada altura o chamado “efeito novidade” desaparece, e a familiaridade com o parceiro pode tornar o sexo rotineiro ou mesmo aborrecido. Os estereótipos culturais sugerem que o prazer sexual feminino é mais dependente de factores relacionais relativamente ao caso masculino; contudo, alguns estudos parecem evidenciar que os homens de meia-idade e até mais velhos relatam ser mais importante o romantismo e a sensibilidade do parceiro para com eles relativamente à satisfação sexual, e isto de uma forma mais vincada relativamente às mulheres.

Aquilo que os casais fazem sexualmente (os seus *scripts* sexuais, usando a terminologia de Gagnon e Simon) constitui também um importante componente relacional da satisfação sexual. Haavio-Mannila e Kontula<sup>72</sup> mostraram que as pessoas com actividade sexual mais frequente reportam maiores níveis de satisfação sexual face às pessoas que se envolvem mais raramente nestas actividades. De igual modo, a variedade dos comportamentos sexuais também parece influenciar positivamente o grau de satisfação sexual: indivíduos que apresentam um reportório mais restrito de técnicas e comportamentos sexuais referem menor satisfação sexual relativamente aos indivíduos mais “aventureiros”.

## **Factores Culturais na Satisfação Sexual**

Dado o extremo ênfase colocado na juventude em termos da sexualidade, com a correspondente exaltação da virilidade e do vigor juvenis, é possível que os casais mais velhos se sintam, por assim dizer, inibidos ou mesmo envergonhados no que concerne à expressão da sua sexualidade. Isto será especialmente assim no caso feminino, uma vez que o já referido “duplo padrão sexual” instrui as mulheres para se cingirem a uma postura mais recatada no que à sexualidade diz respeito, ao passo que aos homens cabe a maior quota-parte da iniciativa e da liberdade sexuais.

Estudos efectuados no nosso País (Alferes<sup>2</sup>; Leal, Carvalho e Ramos<sup>73</sup>) mostram um progressivo abandono do chamado “duplo padrão sexual” na sua forma clássica, em favor de um “duplo padrão sexual” de tipo condicional (onde as mulheres já usufruem de maior liberdade sexual, sendo-lhes permitida a sexualidade pré-marital no contexto dum relacionamento duradouro<sup>2</sup>) ou mesmo de um padrão sexual singular (com igual liberdade sexual para ambos os géneros<sup>73</sup>).

## MÉTODO

### *Delineamento do Estudo*

Na sequência de estudos já efectuados em Portugal, poderemos concluir que o Duplo Padrão Sexual (pelo menos na sua forma clássica) ainda parece existir a um nível social (ou seja, no modo como cada pessoa inquirida pensa que a sociedade iria reagir face a homens e mulheres no mesmo contexto sexual) mas parece já não existir ao nível dos julgamentos pessoais (os inquiridos respondem pessoalmente de forma a rejeitar o duplo padrão sexual).

Estes estudos, porém, apenas lançam luz sobre o fenómeno dum ponto de vista essencialmente feminino e em contexto universitário; alguns estudos efectuados no estrangeiro parecem mostrar que os homens ainda avaliam mais severamente a infidelidade feminina face à masculina<sup>72</sup> mas, a nível nacional, não parece existir ainda nenhuma investigação com o propósito de conhecer especialmente o ponto de vista masculino face ao duplo padrão sexual e à satisfação sexual. Assim, com o presente estudo, pretendo averiguar não apenas a evolução do conceito de duplo padrão sexual e sua eventual expressão dum ponto de vista masculino (através de dois grupos de homens com idades distintas), como também o grau de satisfação sexual percebido por cada um dos grupos, procurando-se investigar possíveis correlações entre a existência do duplo padrão sexual e o grau de satisfação sexual.

### ***Design da investigação***

A investigação realizada tem carácter transversal, quantitativo, e não-experimental sendo de tipo comparativo, correlacional e descritivo, com o objectivo de conhecer e compreender a atitude dos participantes relativamente à presença de um duplo padrão sexual, o seu grau de satisfação sexual e possíveis correlações entre o duplo padrão sexual e o grau de satisfação sexual.

### **Sujeitos**

Os participantes foram seleccionados com base nos seguintes critérios: serem do sexo masculino e terem entre 20 a 30 anos ou entre 40 e 50 anos (no sentido de se poder observar mais claramente a existência ou não de algum “efeito de geração”). Optei por dividir os participantes em dois grupos, um dos quais com indivíduos dos 20 aos 30 anos (doravante designado Grupo 1) e outro com indivíduos dos 40 aos 50 anos (doravante designado por Grupo 2).

A amostra é, pois, constituída exclusivamente por indivíduos do sexo masculino e provenientes da zona da Grande Lisboa. Assim, constituíram-se dois grupos distintos, de dimensões sensivelmente idênticas, num total de  $n = 262$  sujeitos. Um dos grupos era composto por sujeitos situados na faixa etária dos 20 aos 30 anos ( $n_1 = 132$ ), e o outro por sujeitos situados na faixa etária dos 40 aos 50 anos ( $n_2 = 130$ ). O grupo de sujeitos situado na faixa etária dos 20 aos 30 anos foi seleccionado e observado no contexto duma instituição de Ensino Superior, designadamente a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Assim, o investigador deslocou-se à instituição no sentido de obter os dados *in loco*, tendo estes sido obtidos no decurso de um tempo lectivo, sendo que o docente da cadeira, gentilmente, cedeu algum do tempo lectivo para a aplicação dos questionários. A sessão de aplicação decorreu no dia 14 de Outubro de 2010 e demorou cerca de 40 minutos.

Previamente à aplicação dos questionários, foi lido em voz alta o conteúdo de uma folha de rosto presente em cada um dos questionários distribuídos (ver Anexo I) salientando o contexto e os objectivos da investigação, e alertando igualmente cada um dos sujeitos de que os conteúdos apresentados remetiam para questões do foro íntimo de cada um e que, caso não se sentissem à vontade para responder, poderiam não participar na investigação e devolver prontamente o questionário. É de salientar que nenhum dos sujeitos se recusou a participar na investigação. Em seguida, houve lugar ao conhecimento e assinatura de um termo de consentimento informado, salientando a estrita confidencialidade e anonimato a que os dados obtidos estariam sujeitos (ver Anexo II).

Relativamente ao grupo constituído por indivíduos dos 40 aos 50 anos, a recolha de dados baseou-se em contactos informais, através de pessoas conhecidas pelo investigador, no sentido de se obterem dados de outras pessoas que com este não tivessem qualquer tipo de relação prévia. De igual forma, o procedimento teve lugar em moldes semelhantes ao da amostra com estudantes universitários: o investigador deslocou-se aos diversos locais de aplicação (habitualmente, na residência dos sujeitos ou em locais onde fosse assegurada total privacidade) no sentido de esclarecer os objectivos da investigação, a confidencialidade e anonimato dos dados, e a possibilidade de recusa imediata em participar. Neste grupo, existiram algumas recusas em participar na investigação, essencialmente devido ao facto dos conteúdos abordados remeterem para questões do foro íntimo do sujeito.

Assim, foram aplicados 357 questionários na totalidade sendo que, no Grupo 1 (homens dos 20 aos 30 anos) não houve qualquer recusa em participar na investigação, e no Grupo 2 houve um total de 34 recusas. Houve também necessidade de excluir, *a posteriori*, 61 questionários pelo facto de 26 questionários estarem incompletos e de 35 questionários dizerem respeito a sujeitos virgens, tendo sido considerados válidos os casos sem nenhum tipo de relação amorosa e/ou experiência sexual recentes (situação verificada durante o mês anterior à data de aplicação). Para tal, esta ressalva também foi feita em voz alta durante a aplicação.

## **Material**

Foram administrados dois questionários de auto-resposta: O Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual (Milhausen e Herold<sup>16</sup>) e o Índice de Satisfação Sexual (Hudson<sup>74,75</sup>; Hudson, Harrison e Crosscup<sup>76</sup>). Para o tratamento estatístico dos dados, foi utilizada a versão 17.0 do programa SPSS para Windows (*Statistical Package for Social Sciencies*)<sup>©</sup>.

### *O Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual*

Os autores recorreram a diversas técnicas de investigação para conceberem um instrumento capaz de avaliar ambas as dimensões (pessoal e social) do Duplo Padrão Sexual simultaneamente. Assim, o questionário passou por diversas fases até chegar à versão final: começou por ser realizado um pré-teste numa amostra de estudantes universitários, do qual resultou a modificação de 14 itens e a exclusão de 10 itens. Posteriormente, foi ouvido o parecer de especialistas na área da sexualidade, que determinaram a validade de cada um dos itens. O questionário foi aplicado mais duas vezes a dezoito universitários, com um lapso temporal de duas semanas (avaliando-se, neste caso, a sua estabilidade temporal ou validade teste-reteste) e, por fim, foi avaliada a consistência interna do questionário, cujo valor de *alpha*-Cronbach se situou em .70, sendo considerado um bom indicador de consistência interna.

Numa primeira parte, este questionário apresenta um conjunto de indicadores, que se podem agrupar nas seguintes categorias: variáveis sociodemográficas, variáveis ideológicas, descrição comportamental e orientação sexual.

Para as variáveis sociodemográficas foram concebidas duas questões, relativas à idade e sexo dos participantes. As restantes quatro questões foram acrescentadas à versão original por parte de Leal, Carvalho e Ramos<sup>73</sup>, e versam sobre as profissões de ambos os pais, o local de residência do respondente e se mudou ou não de residência (e, em caso afirmativo, onde vivia anteriormente e há quanto tempo reside no novo local). O sujeito é também questionado acerca do seu agregado familiar (através da questão “com quem vive?”) e das suas habilitações escolares e literárias (sendo-lhe perguntado qual o ano de escolaridade [completo]).



No que diz respeito às variáveis ideológicas, Leal, Carvalho e Ramos<sup>73</sup> acrescentaram à versão original do questionário a pergunta “qual a sua religião?”.

As respostas às questões sobre a actividade religiosa deram lugar a um índice de frequência da prática religiosa que contempla sete categorias de resposta (mais do que uma vez por semana, uma vez por semana, duas ou três vezes por mês, uma vez por mês, algumas vezes por ano, uma vez por ano ou menos e, por fim, nunca).

Relativamente à descrição comportamental dos respondentes, foram colocadas três questões. As respostas à questão sobre o tipo de relação amorosa mantida geraram um índice com seis categorias de resposta, como sejam: “não tenho nenhuma relação amorosa”, “tenho encontros amorosos com mais de uma pessoa”, “tenho encontros amorosos casuais com uma pessoa”, “mantenho uma relação estável com uma pessoa”, “moro com o meu parceiro”, “mantenho um casamento ou união de facto”. Para conhecer a experiência sexual dos participantes foram formuladas três questões abertas: “com quantos parceiros diferentes já teve relações sexuais [com coito]?”, “com quantos parceiros diferentes teve relações sexuais no último ano [com coito]?”, e “com quantos parceiros teve relações sexuais apenas uma vez e numa só ocasião [com coito]?”.

Por último, a questão relativa à orientação sexual dos participantes foi operacionalizada através da questão fechada “Como descreve a sua orientação sexual?”, através de três categorias de resposta: heterossexual, homossexual e bissexual.

O questionário está organizado segundo cinco dimensões de avaliação do Duplo Padrão Sexual: Percepção Social do Duplo Padrão Sexual; Aceitação Cognitiva do Duplo Padrão Sexual; Percepção do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho; Indicador Comportamental do Duplo Padrão Sexual; e, por fim, Reputação Sexual. Dentro destas dimensões encontram-se 28 itens emparelhados, em que cada par de itens abordam o mesmo conteúdo temático - um

dos itens dirige-se ao género masculino e o outro ao género feminino, de forma a que seja possível avaliar o efeito da variável género, ou seja, a atitude do participante relativamente a um determinado comportamento sexual desempenhado por ambos os géneros (como exemplo, temos as afirmações “eu pensaria mal de um homem que visse ocasionalmente um *strip* feminino” [item 36] e “eu pensaria mal de uma mulher que ocasionalmente visse um *strip* masculino” [item 17]).

A primeira dimensão – Percepção Social do Duplo Padrão Sexual – remete para o modo como os participantes percebem a diferença entre géneros no contexto social onde vivem, ou seja, procura saber-se qual dos géneros é visto como tendo maior liberdade sexual e qual dos géneros é julgado mais severamente por ter muitos parceiros sexuais. Esta dimensão foi operacionalizada através de dois itens (item 21 - Homens que tenham tido muitas parceiras sexuais são julgados mais severamente do que as mulheres que tenham tido muitos parceiros vs. Item 33 – As mulheres que tenham tido muitos parceiros sexuais são julgadas mais severamente do que os homens) e de três questões: “quem é que acha que tem maior liberdade sexual actualmente?” (com cinco categorias de resposta: os homens têm mais liberdade sexual; os homens têm ligeiramente mais liberdade sexual; os homens e as mulheres têm a mesma liberdade sexual; as mulheres têm ligeiramente mais liberdade sexual; as mulheres têm mais liberdade sexual), “de que maneira acha que os homens, hoje em dia, têm maior liberdade sexual do que as mulheres?” (questão aberta) e “de que maneira acha que as mulheres, hoje em dia, têm maior liberdade sexual do que os homens?” (questão aberta).

No caso dos itens, a percepção social do duplo padrão sexual é avaliada com base no número de parceiros sexuais; no caso das questões, tal percepção é avaliada com base na liberdade sexual (o que, no entender dos autores do instrumento, tem enorme influência sobre a

operacionalização do conceito de Duplo Padrão Sexual, uma vez que a forma como o duplo padrão sexual é operacionalizado depende do modo como ele é mensurado, e do critério que preside a tal mensuração).

A segunda dimensão – Aceitação Cognitiva do Duplo Padrão Sexual – tem a ver com a atitude dos sujeitos relativamente a um conjunto de pensamentos propostos, que remetem para comportamentos sexuais levados a cabo por ambos os géneros. A título de exemplo, refiram-se os itens 22 e 27 : “Eu pensaria mal de um homem (uma mulher) que tivesse tido relações sexuais, mesmo que protegidas, com uma mulher (um homem) sem que estivesse envolvida emocionalmente por ela (ele)”. Pertencem a esta dimensão os itens Likert 13 a 36.

A terceira dimensão – Percepção do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho – remete para a compreensão da atitude dos participantes relativamente a um conjunto de comportamentos sexuais desempenhados por ambos os géneros num determinado local de trabalho. Para operacionalizar esta dimensão foram concebidas quatro questões (itens 37 a 40, de carácter nominal), das quais se exemplifica uma: “num local de trabalho, quem é que acha que deverá ter mais cuidado ao dizer ‘piadas’ sobre sexo?”, onde o participante tem como possíveis respostas uma dentre as seguintes quatro: os homens, as mulheres, ambos os sexos, ou nenhum dos sexos.

A quarta dimensão – Indicador Comportamental do Duplo Padrão Sexual – está ligada às atitudes dos participantes relativamente a um conjunto de afirmações e questões que sugerem a aceitação do duplo padrão sexual. Neste sentido, formulou-se o seguinte par de itens (41 e 44): “Eu desencorajaria o/a meu/minha melhor amigo/a de sair com um/uma homem/mulher

que tivesse tido dez parceiros sexuais anteriormente”. Também se operacionalizou esta dimensão através de questões abertas (Questões 68 e 69): “Que palavras utiliza para descrever um homem/mulher que tenha tido muitos parceiros sexuais?”

A quinta e última dimensão – Reputação Sexual – relaciona-se com a preocupação dos participantes relativamente à sua reputação sexual. Assim, procura compreender-se a atitude dos sujeitos relativamente a um conjunto de situações ligadas à reputação sexual do próprio respondente ou de um amigo. Para esta dimensão foram operacionalizados sete itens, cinco dos quais reportam à reputação sexual do próprio: “No que respeita a sexo, uma das coisas que me preocupa é ficar com má reputação” (item 46), “Às vezes, faço de conta que não tenho interesse em sexo, quando estou num grupo de homens / mulheres (itens 42 e 49), “Quando falo com o meu novo parceiro / com um amigo chegado sobre a minha vida sexual passada, eu posso...” (itens 63 e 64). Estes dois últimos itens têm carácter nominal e oferecem quatro categorias de resposta, como sejam de certa maneira subestimar / sobrestimar / não comentar ou revelar exactamente o número de parceiros sexuais.

Por fim, os dois últimos itens (itens 47 e 50) reportam à reputação sexual de um amigo do respondente ao questionário: “Em tempos avisei um amigo meu / uma amiga minha para evitar um potencial encontro com uma pessoa, devido à sua reputação sexual”

Os critérios de cotação definidos para o Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual variam conforme a técnica de avaliação utilizada, ou seja, consoante se tratem de respostas às sub-escalas de tipo Likert, às sub-escalas nominais ou às questões abertas.

As respostas dos participantes aos itens das sub-escalas de tipo Likert distribuem-se por um *continuum* que vai de um extremo negativo (1: discordo totalmente) a um extremo positivo (5: concordo totalmente). De salientar que para alguns itens (itens 13, 18, 25, 26, 30 e 35) a pontuação deve ser invertida, ficando deste modo num *continuum* invertido (de 1: concordo totalmente até 5: discordo totalmente).

O próximo passo a efectuar em termos dos procedimentos de cotação consiste no cálculo da diferença entre os pares de itens correspondentes, ou seja, pela subtracção dos itens femininos pelos itens masculinos (por exemplo, à pontuação obtida no item 35 [item feminino]: “eu ficaria bem impressionado com uma mulher que tivesse tido anteriormente dez parceiros sexuais” subtrai-se a pontuação obtida no seu item masculino correspondente (item 18), “eu ficaria bem impressionado com um homem que tivesse tido anteriormente dez parceiros sexuais”). O somatório dos resultados assim obtidos pela subtracção de todos os itens emparelhados fornece-nos o resultado global obtido por cada participante: se o resultado final for superior a zero indica que as respostas dadas vão no sentido de um duplo padrão sexual (maior liberdade sexual concedida ao homem por comparação com a mulher); se for igual a zero indica que apontam para um padrão sexual singular (igual liberdade sexual concedida a homens e mulheres) e, por fim, se for inferior a zero sugere que as respostas dadas vão no sentido de um padrão sexual invertido (maior liberdade sexual concedida à mulher por comparação com o homem). Voltando ao exemplo acima, uma pessoa que responda “discordo totalmente” ao item 35 (“eu ficaria bem impressionado com uma mulher que tivesse tido anteriormente dez parceiros sexuais”) e que responda “concordo totalmente” ao seu item masculino correspondente (item 18) “eu ficaria bem impressionado com um homem que tivesse tido anteriormente dez parceiras sexuais” terá uma pontuação bruta de 1 ponto no item feminino e 5 pontos no item masculino. Estando este par de itens sujeito a reversão, então 5

torna-se 1 e 1 torna-se 5, ficando: Item Feminino – Item Masculino =  $5 - 1 = 4$  (resultado final superior a zero). Assim, esta pontuação final para um par de itens sugere que, pelo menos no que a este par diz respeito, o respondente parece inclinar-se para um duplo padrão sexual, uma vez que desaprova um maior número de parceiros sexuais anteriores no caso da mulher por comparação directa com o caso do homem.

De notar que, como já foi referido, este instrumento apresenta uma parte quantitativa (itens de tipo Likert) e outra qualitativa (escalas nominais e questões abertas) estando, por isso, os resultados também em função dessa vertente. Assim, embora os resultados na dimensão “Aceitação Cognitiva do Duplo Padrão Sexual” sejam apresentados de um ponto de vista essencialmente quantitativo, já os resultados noutras dimensões do Duplo Padrão Sexual reflectem ambas as vertentes (como na dimensão “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual”). Outras dimensões merecem uma abordagem essencialmente qualitativa, como a dimensão “Percepção do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho”. A dimensão “Reputação Sexual” não foi objecto de análise na presente investigação, na medida em que optei por me centrar na questão percepção social vs. aceitação pessoal do duplo padrão sexual. De toda a maneira, a questão da reputação sexual poderá ser abordada em futuras investigações.

No que diz respeito às questões abertas (itens 66 a 69), Milhausen e Herold<sup>16</sup> construíram as seguintes categorias de resposta para as Questões 66 e 67: Duplo Padrão; Consequências Sexuais e Responsabilidades; Poder Sexual, Expressão Sexual, Direitos Legais e Orientação Sexual.

Alguns itens do Questionário (nomeadamente os itens 43, 45, 48, e 51 a 59) não foram objecto de análise estatística nesta investigação, uma vez que os autores consideraram que esses itens não eram passíveis de ser trabalhados na investigação; assim, optei por não

considerar esses itens na cotação e pontuação finais, muito embora os tivesse aplicado também.

Nesta investigação, embora tenha aplicado o Questionário tal como fizeram Leal, Carvalho e Ramos<sup>73</sup>, não levei a cabo qualquer análise de conteúdo, deste modo divergindo dos autores acima citados. Assim fiz porque optei por dar maior ênfase aos aspectos quantitativos dos instrumentos que apliquei (relativamente aos aspectos qualitativos), muito embora tais aspectos possam ser abordados mais detalhadamente em futuras investigações.

Em síntese, este instrumento avalia quer a percepção dos inquiridos relativamente à existência de um duplo padrão sexual no contexto social (no sentido de tentar compreender se essas percepções vão de encontro a um duplo padrão sexual, a um padrão sexual singular ou a um padrão sexual invertido) quer o nível pessoal de aprovação ou rejeição do duplo padrão sexual (através das respostas dos inquiridos relativamente a comportamentos sexuais praticados por elementos de ambos os géneros, podendo assim avaliar-se o efeito de género). Assim, poder-se-á compreender, tal como no caso das percepções sociais, em que medida os julgamentos pessoais dos inquiridos vão no sentido de um duplo padrão sexual, de um padrão sexual singular ou de um padrão sexual invertido.

Para os autores deste instrumento, discernindo ambas as dimensões do duplo padrão sexual será possível, não só, compreender diferentes aspectos relacionados com o duplo padrão sexual como também detectar a eventual presença de novos padrões de comportamento sexual. Os autores concluíram mesmo que “[esta técnica] *provou ser valiosa, uma vez que existem diferenças no modo como o duplo padrão sexual é percebido, dependendo da forma como ele é medido*”<sup>16</sup>.

O facto deste instrumento incluir também questões de resposta aberta e fechada permite, além do mais, compreender de que maneira homens e mulheres interpretam o conceito de duplo padrão sexual podendo, desta forma, descobrir eventuais novos comportamentos que contribuam para a redefinição do próprio conceito de duplo padrão sexual.

Apesar deste Questionário não estar aferido para a população portuguesa, Leal, Carvalho e Ramos<sup>73</sup> traduziram-no e aplicaram-no a uma amostra de estudantes universitárias portuguesas, tendo obtido um coeficiente *alpha*-Cronbach de .91, um resultado considerado muito bom em termos psicométricos. Este estudo português concluiu, um pouco à imagem do trabalho desenvolvido por Alferes<sup>2</sup>, que o duplo padrão sexual (pelo menos condicional) parece continuar a existir na sociedade portuguesa ao nível da percepção social tida pelos inquiridos, mas o mesmo já não se verifica quando se avalia a dimensão ligada aos julgamentos pessoais dos inquiridos que parecem, segundo estas autoras, ir no sentido de um padrão sexual singular (concessão de iguais oportunidades e liberdade sexual a ambos os géneros).



### O Índice de Satisfação Sexual

O Índice de Satisfação Sexual, tal como concebido por Hudson<sup>74,75</sup>; Hudson, Harrison e Crosscup<sup>76</sup> (citados por Pechorro<sup>57</sup>), é uma escala de 25 itens que mede o grau ou magnitude da insatisfação sexual no contexto de um relacionamento diádico (de casal). O Índice de Satisfação Sexual (ISS) mede os sentimentos do indivíduo quanto a um número de comportamentos, atitudes, eventos, estados afectivos e preferências associadas ao relacionamento sexual entre parceiros. Os itens foram construídos de forma a não serem ofensivos nem excessivamente invasivos da privacidade do respondente. Cada um dos itens é cotado numa escala de frequência relativa (de tipo Likert) de 1 a 7, em que os itens representam, respectivamente 1 – Nunca, 2 – Muito raramente, 3 – Poucas vezes, 4 – Algumas vezes, 5 – Bastantes vezes, 6 – A maioria das vezes, 7 – Sempre. As pontuações obtidas vão de zero a cem pontos, indicando as pontuações mais altas maiores níveis de insatisfação sexual. O ISS tem um ponto de corte clínico recomendado de 30 pontos, sendo que as pontuações acima desse valor indicam uma insatisfação sexual relacional clinicamente significativa. Este instrumento foi desenvolvido a partir das respostas de 1738 respondentes, incluindo homens, mulheres, solteiros e casados, provenientes de populações clínicas e não-clínicas, estudantes e não-estudantes, bem como níveis de ensino que iam do secundário ao universitário. Os respondentes, embora maioritariamente caucasianos, também incluíam um grupo menor de indivíduos pertencentes a outros grupos étnicos.

No que diz respeito à cotação do ISS, alguns itens (os itens 1, 2, 3, 9, 10, 12, 16, 17, 19, 21, 22 e 23) devem ser revertidos pela subtração da resposta ao item a  $K + 1$ , em que  $K$  representa o número de categorias na escala de cotação. Depois de todas as reversões apropriadas, deve calcular-se a pontuação final a atribuir a cada respondente através da fórmula  $S = [(\sum X_i - N)(100)] / [(K - 1)N]$ , em que  $X_i$  é a resposta ao item  $i$ ,  $K$  o número de

categorias de resposta, e  $N$  é o número de itens devidamente completados. As pontuações totais são válidas mesmo que o respondente não tenha respondido a todos os itens, desde que a taxa de resposta ao questionário seja de pelo menos 80%. A fórmula de cotação acima descrita permite substituir os valores em falta pelo valor de resposta média aos itens, de forma que as pontuações variem de 0 a 100 pontos, independentemente do valor de  $N$ .

Em termos de propriedades psicométricas, o ISS obteve valores de precisão *alpha*-Cronbach muito aceitáveis ao ser aplicado a três amostras heterogêneas diferentes (sempre acima de .90), indicando uma boa consistência interna. A precisão teste-reteste ou estabilidade temporal com uma semana de intervalo foi considerada boa, com um valor de .93.

Em termos de validade, o ISS foi testado através de correlações inter-escalas que demonstraram que todos os itens excepto quatro obtinham valores considerados elevados (acima de .30); esses quatro itens foram, posteriormente, substituídos por outros mais adequados. O coeficiente de validade de grupos-conhecidos ou validade discriminante, determinado pela correlação bisserial por pontos, entre os grupos-critério (com problema sexual *versus* sem problema sexual) e as pontuações do ISS foi de .76, sendo considerado bom porque demonstra que o ISS se correlaciona fortemente com o critério com o qual é suposto estar relacionado (existência de um problema sexual). No que concerne à validade concorrente, o ISS foi testado com o Índice de Satisfação Marital (*Index of Marital Satisfaction*) e com a Escala de Contentamento Generalizado (*General Contentment Scale*), tendo obtido correlações moderadas a altas (respectivamente,  $r = .68$  e  $r = .47$ ). Em termos de validade divergente, o ISS foi também testado com a Escala de Atitudes Sexuais (*Sexual Attitude Scale*), tendo obtido uma correlação baixa ( $r = .14$ ). Portanto, podemos considerar que o ISS tem uma boa validade de construto, uma vez que apresenta uma correlação forte com as medidas com as quais se deveria correlacionar, e se correlaciona fracamente com as

medidas com as quais não se deveria correlacionar. Curiosamente, Iglesias e colaboradores<sup>77</sup> constatarem, através de um estudo realizado para examinar a fiabilidade e validade do ISS, que a satisfação sexual se correlacionava positivamente com o desejo sexual em contexto diádico e também com a excitabilidade sexual, mas havia uma correlação negativa entre a satisfação sexual e o duplo padrão sexual (sugerindo que valores elevados no ISS estariam ligados a valores elevados de duplo padrão sexual, pelo que este último não será um bom indicador de saúde sexual). O conceito de “saúde sexual” foi definido pela Organização Mundial de Saúde como “um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social ligado à sexualidade não sendo, apenas, a mera ausência de doença, disfunção ou enfermidade”. Nesta linha, a saúde sexual requer uma abordagem à sexualidade e às relações sexuais positiva e respeitadora, assim como a possibilidade de ter experiências sexuais seguras e prazerosas, livres de coacção, discriminação e violência. Para que a saúde sexual seja obtida e mantida, os direitos sexuais das pessoas devem ser respeitados e protegidos, segundo Edwards e Coleman<sup>78</sup>.

### ***Procedimento***

#### **Procedimento para com Autores e Instituições**

Previamente à aplicação de ambos os instrumentos, procurei contactar os autores dos mesmos, no sentido de obter autorização e aprovação para prosseguir o estudo nos moldes que pretendia. Para tal, relativamente ao Índice de Satisfação Sexual foi enviado um *e-mail* para a editora do instrumento ([walmyr@walmyr.com](mailto:walmyr@walmyr.com)), sem que se tivesse obtido qualquer resposta. De igual modo, em relação ao Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual foram enviados *e-mails* para a Dr.<sup>a</sup> Robin Milhausen, quer para a Universidade de Guelph, no

Canadá (através de [rmilhaus@uoguelph.ca](mailto:rmilhaus@uoguelph.ca)) quer para a Universidade de Indiana, nos EUA (através de [rmilhaus@indiana.edu](mailto:rmilhaus@indiana.edu)). Também desta autora não foi possível obter qualquer resposta, pelo que se optou por prosseguir com a investigação (ver Anexo III).

No sentido de se recolherem os dados em contexto numa instituição de Ensino Superior, houve necessidade de entrar em contacto com a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Para o efeito, foi-me possível contactar a psicóloga coordenadora do Gabinete de Apoio Psicológico e Aconselhamento da Faculdade, a qual me possibilitou o acesso directo aos docentes e estes, por sua vez, aos estudantes universitários necessários à presente investigação.

### **Procedimentos de Medida**

Antes do teste de hipóteses propriamente dito, deveria proceder-se à validação de ambos os instrumentos para a população masculina portuguesa, com o correspondente estudo das suas propriedades psicométricas (nomeadamente em termos da sua precisão [através do coeficiente *alpha*-Cronbach], validade e consistência interna).

Vieira e colaboradores<sup>79,80</sup> procederam à validação do ISS para a população feminina portuguesa, ao passo que Leal e colaboradores<sup>73</sup> procederam à tradução do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual para o nosso país. Assim sendo, à data desta investigação nenhum dos instrumentos utilizados nesta investigação se encontrava validado para a população masculina portuguesa. Desta forma, optei por calcular o coeficiente *alpha*-Cronbach para ambos os instrumentos da presente investigação e depois avançar directamente para o teste das hipóteses, ficando para uma futura linha de investigação a validação destes instrumentos para a população masculina portuguesa.

Pretendeu-se, mais especificamente, através da aplicação do Índice de Satisfação Sexual (ver Anexo IV), avaliar o grau de satisfação sexual dos dois grupos averiguando, caso existam, eventuais correlações entre os resultados. Por outro lado, pretende-se, através da aplicação do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual (ver Anexo V), conhecer as componentes comportamentais e atitudinais que servem de base aos julgamentos dos participantes (ou seja, se tais comportamentos e atitudes revelam a existência de um duplo padrão sexual ou se, pelo contrário, sustentam a existência dum padrão sexual singular – ambos os sexos são olhados da mesma forma – ou até invertido – os homens julgados mais severamente relativamente às mulheres). Será que, conforme é defendido por autores como Capellà<sup>81</sup>, haverá um certo “legado transgeracional” no que aos padrões sexuais diz respeito, havendo uma “transmissão” de padrões sexuais de geração em geração ao nível do inconsciente colectivo? Ou até, como defendem autores como Alves<sup>9</sup>, se possa falar num *padrão sexual de género*, em que este decorre e é sustentado por valores e significados histórica e socialmente construídos? Na senda de estudos anteriores, como já vimos, constatou-se que, embora o Duplo Padrão Sexual continue vigente em termos da sua percepção social, parece estar a verificar-se uma mudança de padrão ao nível das camadas mais jovens no que à sua aceitação pessoal diz respeito.

A presente investigação tem por objectivos analisar se a) a insatisfação sexual, tal como é medida pelo ISS, estará de algum modo relacionada com a aceitação pessoal de um duplo padrão sexual; b) os mais jovens (na casa dos 20-30 anos) manifestam uma menor adesão pessoal ao duplo padrão sexual relativamente aos sujeitos mais velhos (na casa dos 40-50 anos) e, por último, c) se o duplo padrão sexual continua a existir em termos da sua percepção social e do seu julgamento pessoal.

### ***Hipóteses***

O presente estudo propõe-se testar as seguintes hipóteses:

**Hipótese A :** O grau de satisfação sexual dos homens que advogam pessoalmente a existência do Duplo Padrão Sexual será significativamente inferior ao grau de satisfação dos homens que não o advogam pessoalmente, independentemente do grupo a que pertençam;

**Hipótese B :** O grupo de homens dos 20 aos 30 anos revelará uma adesão pessoal ao Duplo Padrão Sexual significativamente menor, relativamente ao grupo de homens dos 40 aos 50 anos;

**Hipótese C :** O Duplo Padrão Sexual continuará a existir ao nível social, mas já não tanto ao nível do julgamento pessoal.

## RESULTADOS

Em primeiro lugar, efectuou-se a caracterização sociodemográfica da amostra, através da análise descritiva de cada uma das variáveis consideradas. Em seguida, debruçámo-nos sobre a componente psicométrica dos instrumentos utilizados (em termos da precisão tal como é medida pelo coeficiente *alpha*-Cronbach), surgindo depois os resultados das hipóteses propriamente ditas. É de salientar, também, que a dimensão do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual “Aceitação Cognitiva do Duplo Padrão Sexual” foi renomeada como “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual”, no sentido de permitir uma melhor compreensão dos resultados apresentados.

### *Caracterização da Amostra e Estatísticas Descritivas*

No que ao grupo dos jovens dos 20 aos 30 anos diz respeito (doravante designado Grupo 1), verificamos que o grupo é composto por  $n = 132$  sujeitos e apresenta uma média de idade de 23,88 anos, com um desvio-padrão em torno de 2,4 anos. Os jovens são todos residentes na área da Grande Lisboa e são todos heterossexuais e frequentadores do Ensino Superior.

A grande maioria (88,6%) afirma viver com a família nuclear (pais, irmãos, tios e/ou avós). Em termos da relação amorosa actual, metade dos inquiridos afirma ter uma relação estável com uma pessoa, e cerca de um quarto dos inquiridos afirma não ter nenhuma relação amorosa (26,5%). No que concerne à orientação religiosa, a maioria (mais de 60%) dizem-se católicos mas, curiosamente, nunca ou quase nunca vão à igreja ou praticam actividades de carácter religioso (em 68,1% dos casos). A este respeito, ver Anexo VI.

Já no que diz respeito ao grupo dos sujeitos dos 40 aos 50 anos (doravante designado por Grupo 2), este é formado por  $n = 130$  sujeitos com uma média de idade de 46,27 anos, e um desvio-padrão de 3,06 anos. Todos os sujeitos deste grupo residem na área da Grande Lisboa e são heterossexuais. No que à escolaridade diz respeito, os sujeitos apresentam-se distribuídos de forma relativamente equilibrada pelos diversos níveis de escolarização considerados, desde o Ensino Básico até à frequência / conclusão do Ensino Superior.

A grande maioria (quase 90%) vive com o cônjuge mantendo, portanto, um casamento. Mais de 85% dizem-se católicos, sendo que mais de 80% dos inquiridos deste grupo vai à igreja ou tem actividades religiosas com alguma regularidade – ver Anexo VII.

### ***Propriedades Psicométricas dos Instrumentos***

Em termos das componentes psicométricas dos instrumentos utilizados, o Índice de Satisfação Sexual apresentou um coeficiente de precisão *alpha*-Cronbach de .91 e o Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual em torno de .85 (ver Anexo VIII), sendo tais valores indicativos de uma boa precisão, pois significa que os itens que compõem ambos os instrumentos se agrupam em torno dos construtos que se propõem medir. De salientar, como já foi referido, que o coeficiente *alpha*-Cronbach no caso do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual apenas se aplica às questões de tipo Likert, e não às escalas nominais ou às questões abertas.



### ***Resultados das Hipóteses***

De seguida, passaremos à apresentação e análise dos resultados das hipóteses apresentadas, sendo que a primeira hipótese (Hipótese A) sugeria que o grau de satisfação sexual dos homens que advogam pessoalmente a existência do duplo padrão sexual seria significativamente inferior ao grau de satisfação sexual dos homens que não o advogam pessoalmente, independentemente do grupo a que pertencessem. Ou seja, esperava-se que o valor médio obtido no ISS pelos homens com valor positivo na variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” fosse significativamente mais elevado relativamente aos homens com um valor nulo ou negativo na variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual”.

Para testar esta hipótese, procedeu-se a um teste de significância sobre a igualdade de valores médios, para duas amostras independentes. Os resultados mostram que os valores médios obtidos no Índice de Satisfação Sexual dos grupos diferenciados com base na sua pontuação em termos da dimensão “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” não diferem significativamente [ $t_{260}=1,121, p>.05$ ] não se corroborando, assim, a Hipótese A. (ver Anexo IX).

No sentido de estudar mais profundamente uma eventual relação entre as variáveis “Total ISS” e “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual”, procedeu-se também ao Teste de Correlação Linear de Pearson ao nível global e ao nível de cada um dos grupos, tendo sido obtidos valores de correlação muito modestos, não se corroborando a ideia de uma eventual correlação positiva entre a defesa pessoal do duplo padrão sexual e o nível de insatisfação sexual. Ao nível global, o Coeficiente de Correlação Linear de Pearson obtido foi de  $r=-.055$  [ $p>.05$ ], (ver Anexo X) ao nível do grupo com “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” positiva foi de  $r=-.182$  [ $p<.05$ ] (embora significativo, o valor obtido é bastante baixo, sugerindo uma correlação muito fraca entre as variáveis em causa – ver Anexo XI) e ao nível

do grupo com “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” nula ou negativa foi de  $r=.015$  [ $p>.05$ ] (ver Anexo XII). Esta linha manteve-se mesmo nos casos em que o valor obtido no Índice de Satisfação Sexual foi igual ou superior a 30 pontos (deste modo representando uma insatisfação sexual clinicamente significativa – ver Anexo XIII), tendo sido obtido aqui um  $r=-.026$  [ $p>.05$ ]. Assim, podemos afirmar que não foi encontrada qualquer correlação significativa entre a aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual e o grau de satisfação sexual, na medida em que se esperava que valores elevados de insatisfação sexual estivessem de alguma forma ligados a valores elevados de defesa pessoal do Duplo Padrão Sexual.

A hipótese B sugeria que o grupo de homens dos 20 aos 30 anos (Grupo 1) revelaria uma adesão ao Duplo Padrão Sexual significativamente menor relativamente ao Grupo 2 (homens dos 40 aos 50 anos). Ou seja, esperava-se que os valores médios da variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” diferissem significativamente conforme os grupos (com o Grupo 1 a apresentar um valor médio de “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” significativamente mais baixo do que o Grupo 2). Os resultados obtidos foram estatisticamente significativos [ $t_{260}=2,043$ ,  $p<.05$ ], mas no sentido de uma maior adesão pessoal ao Duplo Padrão Sexual por parte do Grupo 1 (homens dos 20 aos 30 anos) – ver Anexo XIV. No sentido de analisar mais profundamente este resultado, efectuou-se uma Correlação Linear de Pearson entre as variáveis “Idade” e “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual”, tendo sido obtido um  $r=-.145$ , valor correlacional bastante fraco, além de negativo, muito embora seja estatisticamente significativo [ $p<.05$ ]. Ou seja, não se encontrou qualquer correlação verdadeiramente forte entre as variáveis “Idade” e “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” (no sentido em que se esperaria que um aumento da idade estivesse ligado a um aumento da defesa pessoal do Duplo Padrão Sexual). (ver Anexo XV).

A hipótese C propunha-se investigar aquilo que autores como Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> já tinham hipotetizado e observado – o Duplo Padrão Sexual parece manter-se a um nível social (ou seja, as pessoas continuam a admitir a sua existência em termos da sociedade), mas parece estar a esbater-se ao nível dos julgamentos pessoais (as pessoas, em especial os jovens, estarão a rejeitar o Duplo Padrão Sexual, preferindo um padrão sexual singular). Assim, neste estudo considerámos a hipótese de que o Duplo Padrão Sexual estará ainda presente ao nível da sua percepção social, mas já não se verificará ao nível dos julgamentos pessoais dos inquiridos. Para o efeito, considerámos três sub-hipóteses, designadas C1, C2 e C3. A sub-hipótese C1 considerava que, independentemente dos grupos a que se pertencesse, o valor médio da variável “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” seria positivo. Os resultados mostram que a média da variável “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” é, de facto, positiva ( $M = 1,12$ ) independentemente do grupo a que se pertence, corroborando a sub-hipótese C1 (ver Anexo XVI).

A sub-hipótese C2 considerava que, no Grupo 1 (20 aos 30 anos), as variáveis “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” e “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” teriam valores médios positivos e não-positivos, respectivamente. Ora, pelos resultados podemos observar que a sub-hipótese C2 foi apenas parcialmente corroborada, visto que a variável “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” apresenta, realmente, um valor médio positivo ( $M = 1,67$ ), mas que a variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” também ( $M = 3,11$ ) – ver Anexo XVII.

A sub-hipótese C3 postulava que os homens pertencentes ao Grupo 2 (dos 40 aos 50 anos) apresentassem valores médios positivos quer na variável “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” quer na variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual”. Verifica-se, neste

grupo, que ambas as variáveis em questão apresentam valores positivos ( $M = 0,56$  e  $M = 1,77$ , respectivamente), corroborando-se a sub-hipótese C3. (ver Anexo XVIII).

Em suma, a hipótese A não foi corroborada pelos dados, uma vez que não foi encontrada qualquer correlação entre a aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual e o grau de insatisfação sexual. De igual modo, a hipótese B não foi, igualmente, corroborada pelos dados, visto que o grupo de homens dos 20 aos 30 anos, contrariamente ao que era esperado, revelou uma maior adesão pessoal ao Duplo Padrão Sexual relativamente ao grupo de homens dos 40 aos 50 anos. Já a hipótese C é apenas parcialmente corroborada pelos dados, uma vez que se verifica, independentemente dos grupos, uma tendência para a manutenção da percepção social do duplo padrão sexual mas, no que concerne à aceitação pessoal do duplo padrão sexual, os indivíduos mais jovens (dos 20 aos 30 anos) parecem continuar a defendê-lo pessoalmente.

## CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

### *O critério da Liberdade Sexual*

Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> não limitaram o âmbito do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual às escalas de tipo Likert – contaram também, além de questões abertas, com o contributo de escalas nominais visando, entre outras coisas, avaliar o fenómeno do Duplo Padrão Sexual tendo como critério-chave não apenas o número de parceiros sexuais (conforme se pode ver nos itens 21 e 33 do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual) mas também o indicador “liberdade sexual”. Ora, quando este indicador (e não o indicador “número de parceiros sexuais”) é usado como um critério para avaliar o Duplo Padrão Sexual, constatamos que, ao nível global, quando confrontados com a questão “Quem é que acha que tem maior liberdade sexual actualmente?”, praticamente metade dos inquiridos defende que os homens e as mulheres têm a mesma liberdade sexual (ver Anexo XIX). Estes resultados vão, pois, no sentido de um padrão sexual singular (em que o homem e a mulher têm o mesmo grau de liberdade sexual). Estes resultados diferem dos obtidos por Milhausen e Herold<sup>16,36</sup>, que haviam encontrado evidências no sentido de um duplo padrão sexual. Este padrão sexual singular foi encontrado em ambos os grupos; não obstante, o número daqueles que defendem que o homem continua a ter maior liberdade sexual relativamente à mulher ainda é relativamente elevado. (ver Anexos XX e XXI).

### ***A avaliação do Duplo Padrão Sexual no Local de Trabalho***

No que diz respeito à avaliação do Duplo Padrão Sexual no local de trabalho, estudos anteriores<sup>16,49</sup> revelaram evidências de um padrão sexual invertido (em que os homens são julgados mais severamente do que as mulheres). Na presente investigação verificamos que, ao nível global, as respostas dadas vão no sentido de um padrão sexual singular, ou seja, considera-se que ambos os sexos devem ter cuidado com as “piadas” sexuais, comentários, aproximações e contactos físicos com colegas do sexo oposto (ver Anexo XXII).

Se estendermos a análise ao nível de cada um dos grupos, verificamos que o padrão sexual singular também surge de modo claro em cada um deles, com a maioria dos inquiridos a defender que ambos os sexos devem ter cuidado em relação à expressão de atitudes e comportamentos sexuais em contexto laboral. (ver Anexos XXIII e XXIV).

### ***O critério “Número de Parceiros Sexuais” e o Duplo Padrão Sexual***

Para além do critério “número de parceiros sexuais” estar expresso nas escalas de tipo Likert, Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> consideraram também a operacionalização deste critério através de questões abertas sobre a vida sexual passada dos respondentes (Questões 60, 61 e 62). Através da análise descritiva dessas respostas, podemos observar que, a nível global, a média de parceiros sexuais reportada à Questão 60: “Com quantos parceiros diferentes já teve relações sexuais (com coito)?” é de 5,12 parceiros, a média à Questão 61: “Com quantos parceiros diferentes teve relações sexuais no último ano (com coito)?” é de 1,54 parceiros, e a média à Questão 62: “Com quantos parceiros diferentes teve relações sexuais apenas uma única vez e em uma só ocasião (com coito)?” é de 1,34 parceiros. (Ver Anexo XXV).

Haverá alguma correlação entre o indicador “número de parceiros sexuais” tal como é reportado nestas questões e o nível de aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual? Para tal, efectuou-se um Teste de Correlação Linear de Pearson, considerando como variáveis a “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” e cada uma das questões acima referidas (correspondentes aos Itens 60, 61 e 62 do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual). Os resultados revelaram não existir nenhum tipo de correlação linear significativa entre as variáveis em questão, ou seja, o número de parceiros sexuais não estará linearmente correlacionado com a defesa pessoal do Duplo Padrão Sexual. (Ver Anexo XXVI). É interessante notar que estes resultados vão contra os encontrados por autores como Jonason<sup>82</sup>, que encontrou evidências da existência de um Duplo Padrão Sexual quando o critério utilizado era justamente o número de parceiros sexuais – os homens com muitos parceiros sexuais recebiam a avaliação mais favorável de todas, face a homens e mulheres com menor número de parceiros sexuais.

### ***Análise à dimensão qualitativa do estudo***

Para além de uma dimensão quantitativa, a presente investigação debruçou-se igualmente sobre aspectos de cariz mais qualitativo, em especial sobre as descrições que os respondentes fazem de um homem e de uma mulher que já tenha tido muitos parceiros sexuais. Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> consideraram esta uma importante dimensão para a investigação do fenómeno do Duplo Padrão Sexual, na medida em que as descrições feitas espelhariam as crenças pessoais dos respondentes (de acordo com a dimensão “Indicador Comportamental do Duplo Padrão Sexual”), procurando minimizar o mais possível a interferência do experimentador no processo, através da abertura das questões: “Que palavras utiliza para descrever uma

mulher/um homem que tenha tido muitos/muitas parceiras/parceiros sexuais?” (Itens 68 e 69 do Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual).

Pelos resultados, verifica-se que apenas 21 dos sujeitos do Grupo 1 (dos 20 aos 30 anos) e apenas 15 dos sujeitos do Grupo 2 (dos 40 aos 50 anos) responderam às questões emitindo um julgamento, sendo que todos os outros foram considerados com a categoria de resposta “Nenhum Julgamento” (ver Anexo XXVII). Da análise descritiva das respostas poderemos considerar, sem dúvida numa análise algo grosseira, que a generalidade dos vocábulos empregues para descrever uma mulher com muitos parceiros sexuais são de conotação mais negativa relativamente aos vocábulos utilizados para descrever um homem nas mesmas circunstâncias. Tais resultados parecem expressar, pois, um duplo padrão sexual, assente num julgamento mais negativo da mulher por comparação com o do homem. Tais resultados vêm corroborar a ideia de que, mesmo ao nível pessoal, o Duplo Padrão Sexual continua a ser muito observado, e isto particularmente entre o Grupo 1 (dos 20 aos 30 anos).

#### ***Acerca dos resultados obtidos: o papel das medidas além da média***

Em termos do tratamento estatístico efectuado, há que salientar que as médias obtidas sofrem, por assim dizer, de um desvio-padrão muito elevado, levando a que muitos valores estejam situados nos extremos da distribuição desempenhando, portanto, o papel de “outliers” nas distribuições. Tal facto relativiza bastante o papel da média enquanto medida a considerar para o estudo, e talvez a investigação tenha a ganhar ao considerar de forma mais pertinente o papel de outras medidas (em particular a mediana e o desvio-padrão, em sede de diagrama de extremos-e-quartis).



Analizando os diagramas de extremos-e-quartis relativamente à Hipótese A ao nível global (ou seja, considerando todos os sujeitos independentemente dos grupos), verificamos que um número considerável de sujeitos se situam nos extremos da distribuição da variável “Total ISS” e que esta variável apresenta uma mediana de 18,666(6), significando isto que metade dos casos se situam abaixo deste valor de insatisfação sexual (o qual, ainda assim, não apresenta significado clínico, situando-se abaixo do ponto de corte de 30 pontos). Portanto, pese embora a presença de alguns casos extremos a nível global, a insatisfação sexual não parece ter grande significado, visto que mais de 75% dos casos não têm um valor de insatisfação sexual clinicamente significativo. (ver Anexo XXVIII).

Ao nível do grupo com um valor positivo na variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual”, verificamos um cenário muito semelhante: embora hajam casos situados nos extremos da distribuição, o valor da mediana é de 17 pontos, pelo que metade dos casos têm um valor de insatisfação sexual inferior ao ponto de corte clínico. Tal critério pode estender-se a pelo menos 75% dos casos, aonde tal percentagem engloba valores de insatisfação sexual ainda abaixo dos 30 pontos. Portanto, também nestes casos o valor de insatisfação sexual não tem um valor clínico significativo. (ver Anexo XXIX). No que concerne ao grupo com um valor nulo ou negativo na variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual”, a análise permite-nos observar que a mediana é ligeiramente superior a 19 pontos (logo, também sem significado clínico), e também que quase 90% dos casos não apresentam um valor de insatisfação sexual clinicamente significativo. (ver Anexo XXX).

Relativamente à Hipótese B, através da análise do diagrama podemos observar que, para ambos os grupos, a variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” apresenta uma mediana igual a 1, ou seja, metade das distribuições de ambos os grupos situa-se até esse valor; face a este dado poder-se-ia levantar a possibilidade, já sugerida por Milhausen e

Herold<sup>16,36</sup> de que a aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual se estará a esbater entre os jovens (o que seria apoiado pela análise da mediana do Grupo 1), mas a existência de uma ampla dispersão no grupo (com um valor de desvio-padrão muito elevado) não permite apoiar essa evidência de modo firme. Através da análise dos percentis, verificamos que o Grupo 1 apresenta valores mais elevados de aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual relativamente ao Grupo 2 (entre os percentis 50 e 90, o Grupo 1 apresenta um intervalo de valores mais elevado que o Grupo 2 – 10 pontos contra 5). A amplitude interquartis é também maior no Grupo 1 face ao Grupo 2 (9 pontos contra 4), o que é indicativo de uma maior dispersão dos dados no Grupo 1 relativamente ao Grupo 2 (ver Anexo XXXI).

Relativamente à Hipótese C, a análise das medianas de ambos os grupos mostra que a mediana do Grupo 1 é de 2 pontos, face a um valor de mediana de 0 pontos no Grupo 2. Ou seja, tal como obtido na análise das médias, parece que o Grupo 1 aceita de uma forma mais marcada a existência social de um Duplo Padrão Sexual face ao Grupo 2 (onde, curiosamente, metade dos sujeitos não o parecem aceitar). Pela análise dos percentis verificamos que os sujeitos do Grupo 2 parecem, também, mais renitentes em aceitar socialmente a existência de um Duplo Padrão Sexual face aos sujeitos do Grupo 1 (contrariamente ao Grupo 1, no Grupo 2 verifica-se que existem valores negativos no que concerne à variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” até ao percentil 25, ou seja, praticamente um quarto dos sujeitos do Grupo 2 rejeitam mesmo a existência do Duplo Padrão Sexual na sociedade). Portanto, e na linha do que foi observado na análise das médias, parece que o Duplo Padrão Sexual continua a existir socialmente, mas que essa opinião é mais sustentada pelos homens mais jovens face aos mais velhos e que, em termos pessoais, essa aceitação também predomina entre os mais jovens face aos mais velhos. (ver Anexo XXXII).

## DISCUSSÃO

O presente estudo procurou, na senda de investigações anteriores, saber um pouco mais acerca do fenómeno do Duplo Padrão Sexual em território nacional e, em especial, averiguar uma eventual relação deste com a insatisfação sexual. Foram, para tal, aventadas três hipóteses de estudo, sendo que duas delas não foram corroboradas pelos dados obtidos e a terceira apenas o foi parcialmente. A Hipótese A esperava encontrar uma relação entre a aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual e o grau de insatisfação sexual, hipotetizando-se que um elevado grau de insatisfação sexual estaria correlacionado com uma aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual. Tal correlação não foi encontrada, não tendo a Hipótese A sido corroborada pelos dados. Ao nível das medidas de dispersão, a insatisfação sexual também não revelou valores clinicamente significativos independentemente dos valores registados em termos da aceitação pessoal do Duplo Padrão Sexual.

É muito possível que a natureza dos instrumentos utilizados (questionários de auto-resposta) possa ter interferido nos resultados obtidos, quer pela possibilidade dos respondentes falsificarem os resultados (não correspondendo as respostas àquilo que estes efectivamente defendem) quer pelo próprio efeito de “desejabilidade social” que a temática em questão possa ter despoletado. Em termos da sexualidade, ninguém quer parecer “aberrante” ou “anormal” e, sendo este um assunto tão íntimo e delicado, muito menos se quererão fornecer, pelo menos de ânimo leve, pormenores acerca da vida privada, por muito particularmente “interessante” ou “diferente” que ela possa parecer aos olhos do experimentador. Nesta linha, autores como Jonason e Marks<sup>83</sup> propõem que se inclua uma escala de desejabilidade social em futuros estudos acerca do Duplo Padrão Sexual.

Será também uma possibilidade interessante considerar que as condições em que os dados foram recolhidos poderá também ter tido influência nos mesmos: segundo Marks<sup>84</sup>, em

condições de “atenção dispersa” (como na vida real, em que um indivíduo costuma, quase sempre, ter de considerar diversos estímulos ao mesmo tempo) o fenómeno de Duplo Padrão Sexual tenderá a emergir mais facilmente do que em condições de concentração da atenção numa única tarefa, uma vez que o Duplo Padrão Sexual poderá funcionar como um “estereótipo” economizador de recursos cognitivos. Então, é possível que, em aplicações colectivas dos instrumentos utilizados nesta investigação, a pressão social (até pela natureza do próprio tema em questão) tome o primado face aos julgamentos individuais, levando os sujeitos a manifestar mais claramente o fenómeno de Duplo Padrão Sexual. De notar que as aplicações no caso do Grupo 2 foram efectuadas em condições diferentes das verificadas no Grupo 1, ou seja, em contextos altamente reservados e em condições perfeitamente individualizadas, podendo tal efeito ter “neutralizado” o surgimento do Duplo Padrão Sexual. É possível, também, que existam outro tipo de variáveis a condicionar a expressão da satisfação sexual, de modo que as crenças e atitudes sexuais não serão os únicos (nem, porventura, os mais importantes) determinantes para a satisfação sexual. Possivelmente, o tipo de personalidade em questão (pessoas mais fechadas, menos dialogantes e expansivas) poderá ter tido também uma séria influência nos resultados obtidos: sabe-se que uma maior abertura face à sexualidade é muito importante para aumentar a satisfação sexual do casal, segundo MacNeil e Byers<sup>85</sup>. O próprio nível sociocultural e educacional (recorde-se que todos os sujeitos do Grupo 1 frequentavam o Ensino Superior, sendo portanto diferenciados do ponto de vista académico) pode também ter tido influência nos resultados, novamente em termos daquilo que se espera “socialmente adequado”. Um outro aspecto a ter em conta é que alguns estudos não encontraram qualquer relação entre uma atitude rígida face à variabilidade de comportamentos sexuais e a própria satisfação sexual<sup>86</sup> – portanto, será também possível que sejam os comportamentos (mais do que as atitudes e crenças sexuais) a estar mais

relacionados com a satisfação sexual em si mesma. Sabemos que a satisfação sexual está longe de ser um conceito simples e monolítico – diversos estudos mostram que a satisfação sexual é mais marcada quando as motivações sexuais estão relacionadas ao aumento da intimidade entre os membros do casal e não se prendem exclusivamente com a ideia de “agradar ao outro” (em especial, ao homem).

Relativamente à Hipótese B, esta admitia que o Grupo 1 (composto por homens dos 20 aos 30 anos) revelaria uma adesão pessoal ao Duplo Padrão Sexual significativamente menor, face ao Grupo 2 (homens dos 40 aos 50 anos). O próprio “efeito de grupo”, segundo Marks<sup>84</sup>, poderá ter levado ao surgimento de um Duplo Padrão Sexual no Grupo 1 (dos 20 aos 30 anos), ao contrário daquilo que era esperado – para este autor, as pessoas exibem o Duplo Padrão Sexual em público, mas não o farão em privado, onde não existirá esse efeito “normalizador” causado pela experiência de grupo – a interacção social tenderá a salientar as normas sociais e a sua importância, pelo que o Duplo Padrão Sexual terá então, emergido fortemente no Grupo 1, mas não tanto no Grupo 2, levando à não corroboração da Hipótese B: sabemos que, numa fase do desenvolvimento em que os jovens adultos procuram afirmar-se (quase como se ainda fossem adolescentes) poderá ter contribuído, ironicamente, para uma forma mais “social” e menos individualizada de pensar, mais de acordo com as directrizes sociais e “expectáveis” para aquele grupo: o comportamento mais “normal” tenderá a ser, assim, avaliado de forma mais positiva, de acordo com Vanwesenbeeck<sup>87</sup>. Assim, em condições de aplicação grupais estandardizadas numa sala, é possível que o Duplo Padrão Sexual tenha emergido, mais por um efeito de “desejabilidade social” do que pelo julgamento isento e sincero dos participantes. O facto de não ter surgido um Duplo Padrão Sexual tão pronunciado no Grupo 2 poderá dever-se também ao facto da sexualidade da meia-idade ser mais, por assim dizer, “um saber de experiência feito”, e é bem possível que os homens (e casais) mais maduros

estejam mais despertos para uma vertente mais emocional, mais partilhada e menos estritamente física da sexualidade, podendo disfrutar mais aberta e descontraidamente do sexo, longe de dogmas sociais que pregam a “perfeição” e a exigência sexuais sobre os ombros do macho, efeito esse que será mais sentido por parte dos jovens adultos (o caso do Grupo 1). As próprias mulheres poderão, desde logo, estar a “assustar” os novos homens com as suas crescentes exigências e reivindicações por “melhor sexo”, na linha daquilo que Sanchez e colaboradores<sup>88</sup> definiram como uma “motivação de intimidade”, contrastante com uma “motivação de aprovação [por parte do parceiro]”. Isto poderá levar os homens a “refugiarem-se” em regras feitas porque mais protectoras e confortáveis para eles, levando-os a manterem-se defensores do Duplo Padrão Sexual não apenas ao nível social como também (e ainda) ao nível pessoal.

Não obstante toda esta “revolução sexual” iniciada desde os anos 60, a verdade é que ainda hoje parece existir um Duplo Padrão Sexual ao nível social – como ficou bem patente pelos resultados da Hipótese C (sub-hipótese C1) onde se verificou que, independentemente do grupo a que pertenciam, os sujeitos defenderam a existência do Duplo Padrão Sexual a esse nível. A sub-hipótese C2 hipotetizava que, no Grupo 1, o valor médio da variável “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” seria positivo e o valor médio da variável “Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” seria nulo ou negativo, apenas se tendo verificado a primeira parte da sub-hipótese C2 (possivelmente devido à vulnerabilidade apresentada pelos jovens para o “politicamente correcto” social, como foi referido acima). Quanto à sub-hipótese C3, esta foi inteiramente corroborada pelos dados, visto que o Grupo 2 manifestou valores médios positivos destas duas variáveis. Em suma, a Hipótese C foi apenas parcialmente corroborada pelos dados, ao passo que as Hipóteses A e B não o foram de todo.

## LIMITAÇÕES DO ESTUDO E DIRECÇÕES FUTURAS

Antes de mais, é necessário admitir que as dimensões da amostra são bastante reduzidas (com apenas  $n = 262$  sujeitos ao todo) sendo uma amostra de conveniência e não-representativa da população o que, no mínimo, limita a possibilidade de quaisquer conclusões minimamente robustas e generalizáveis às populações donde a amostra foi retirada. Os indivíduos foram seleccionados a partir de uma zona específica do País, concretamente a zona da Grande Lisboa havendo, em futuros estudos, a necessidade de procurar extrapolar os resultados para outras zonas de âmbito mais nacional. O Grupo 1 foi seleccionado e observado a partir de uma instituição de Ensino Superior, logo em condições algo artificiais e afastadas dum contexto natural. De igual modo, também a orientação sexual poderá ter tido alguma influência sobre os resultados, visto que todos os indivíduos que constituíam a amostra eram heterossexuais não se sabendo, pois, o que teria sucedido aos resultados caso fossem considerados indivíduos com outras orientações sexuais (em particular os homossexuais e os bissexuais).

Em relação aos instrumentos utilizados nesta investigação, é fundamental salientar que nenhum deles, como já foi referido, se encontrava validado para a população masculina portuguesa – será, portanto, essencial que, em futuros estudos, se possa proceder à validação destes instrumentos para esta população específica. A própria metodologia de investigação, assente em questionários de auto-resposta, poderá facilitar a distorção e falsificação dos resultados por parte dos respondentes.

Será de grande importância avaliar também homens pertencentes a outras faixas etárias, e não apenas os jovens adultos e os homens dos 40 aos 50 anos. Seria importante um estudo que pudesse abranger o máximo de idades e sujeitos possível, até para que o processo da

validação possa ser completado com êxito, atestando as qualidades de precisão e validade dos instrumentos para os fins a que se destinam.

Em termos de direcções para o futuro, esta investigação lançou um primeiro olhar sobre a perspectiva masculina acerca dos fenómenos de satisfação sexual, duplo padrão sexual e eventuais relações entre ambos. Será fundamental, em termos da clínica psicológica, médica e sexológica, compreender que se vivem tempos de transição ao nível das atitudes e comportamentos sexuais, onde as amarras de uma sexualidade patriarcal e “machocrática”, embora ainda existam, se têm vindo a afrouxar o que provocará, compreensivelmente, alguma preocupação nos homens, habituados que estavam (e ainda estão) a mulheres submissas e cumpridoras do domínio masculino. Concordamos com autores como Milhausen e Herold<sup>16,36</sup> quando sustentam a transição de padrões sexuais na sociedade actual (de um duplo padrão sexual para um padrão sexual singular – por exemplo, ao nível do indicador “liberdade sexual”), mas defendemos que tal não tem sucedido sem muito “sacrifício” de valores e ideais patriarcalmente instalados, a tal ponto que cremos existir ainda um forte legado transgeracional de padrões sexuais conservadores de geração em geração, quanto mais não seja pela necessidade que os jovens machos sentem de encontrar o seu espaço numa sociedade que está a ser fortemente conquistada pelas mulheres, mais exigentes e reivindicativas a todos os níveis, provavelmente como nunca o foram até hoje; e os homens, muito naturalmente, voltam-se para o que conhecem, para os modelos tidos ainda como normativos. Urge, porém, compreender que tais modelos estão sob um ataque cada vez mais cerrado e que, em termos clínicos, nós, enquanto profissionais de saúde mental e sexual, deveremos não apenas ajudar, como também preparar mulheres e (muito especialmente) homens para a emergência de novos padrões sexuais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup>Foucault M, *História da sexualidade – Volume I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal; 2003.

<sup>2</sup>Alferes V, *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Afrontamento; 1997.

<sup>3</sup>Giddens A, *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1997.

<sup>4</sup>Richardson D, Sexuality and Feminism, in Robinson V, Richardson D (eds.), *Women's Studies* (2ª Ed). New York: Macmillan; 1997.

<sup>5</sup>Gagnon J, Simon W, *Sexual conduct – the social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine Publishing Company; 1973.

<sup>6</sup>Reiss I, The scaling of premarital sexual permissiveness. *Journal of Marriage and the Family*, 26: 188-198; 1964.

<sup>7</sup>Reiss I, *An End to Shame – Shaping our Next Sexual Revolution*. New York: Prometheus Books; 1990.

<sup>8</sup>Herold E, Mewhinney D, Gender differences in casual sex and AIDS prevention: a survey of dating bars. *Journal of Sex Research*, 30(1), 36-42; 1993.

<sup>9</sup>Alves MP, Representações sociais e sexualidade: duplo padrão sexual ou padrão sexual de género? *Psychologica*,41, 25-43; 2006.

<sup>10</sup>Oliveira JM, Amâncio L, Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado. *Sociologia, Problemas e Práticas*,40, 45-61; 2002.

<sup>11</sup>Duby G, Perrot M, *História das Mulheres no Ocidente* (4 vols). Porto: Afrontamento; 1990.

<sup>12</sup>Badinter E, *Um é o Outro*. Lisboa: Relógio D'Água; 1986.

<sup>13</sup>Beauvoir S, *O Segundo Sexo – Os Factos e os Mitos*. Lisboa: Bertrand; 1975.

<sup>14</sup>Nogueira C, *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género – Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2001.

<sup>15</sup>Bettelheim B, *Sobrevivência*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.

<sup>16</sup>Milhausen R, Herold S, Reconceptualizing the sexual double standard. *Journal of Psychology and Human Sexuality*,13(2), 63-83; 2001.

<sup>17</sup>Gilligan C, *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press; 1982.

<sup>18</sup>Freud S, *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil; 1962.

<sup>19</sup>McDougall J, *Las Mil y Una Caras de Eros – La Sexualidad Humana en Busca de Soluciones*. Barcelona: Paidós; 1998.

<sup>20</sup>Neto F, *Psicologia Social* (2 vols). Lisboa: Universidade Aberta; 2000.

<sup>21</sup>Amâncio L, *Masculino e Feminino – A Construção Social da Diferença* (2ª Ed). Porto: Afrontamento; 1998.

<sup>22</sup>Machado JP, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. (5ª Ed). Lisboa: Livros Horizonte; 2003.

<sup>23</sup>Winstead B, Derlega V, Rose S, *Gender and Close Relationships*. London: Sage; 1997.

<sup>24</sup>Money J, Tucker P, *Os Papéis Sexuais*. Brasília: Brasiliense; 1981.

<sup>25</sup>MacInnes J, *O Fim da Masculinidade*. Porto: Âmbar; 1998.

<sup>26</sup>Gagnon J, *Human Sexualities*. Illinois: Scott Foresman; 1977.

<sup>27</sup>Tiefer L, *Sex and Gender*. New York: Sage; 1987.

<sup>28</sup>Hite S, *El Orgasmo Femenino – Teorías sobre la Sexualidad Humana*. Barcelona: Ediciones B; 2002.

<sup>29</sup>Prazeres V, *O Voo Desordeiro de Eros*. Lisboa: Dom Quixote; 2008.

<sup>30</sup>Machado Vaz JG, *O Ensino da Sexologia – Relato de uma Experiência*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto. Porto; 1988.

<sup>31</sup>Machado Vaz JG, Vilar D, Cardoso S, *Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta; 1996.

<sup>32</sup>McCary JL, *Human Sexuality*. New York: Van Nostrand; 1978.

<sup>33</sup>Pais MJ, Sexualidade, in Almeida J, Torres A, Machado F, Ferreira P, Nunes J (eds.), *Jovens de Hoje e de Aqui – Resultados do Inquérito à Juventude do Concelho de Loures*. Lisboa: Departamento Socio-Cultural da Câmara Municipal de Loures; 1996.

<sup>34</sup>Vasconcelos P, Práticas e Discursos da Conjugalidade e Sexualidade dos Jovens Portugueses, in Cabral MV, Pais J, Alves N, Fernandes A, Nunes J (eds.), *Jovens Portugueses de Hoje – Resultados de um Inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora; 1998.

<sup>35</sup>Gall A, Mullet E, Shafighi S. Age, religious beliefs, and sexual attitudes. *Journal of Sex Research*, 39(3), 207-216; 2002.

<sup>36</sup>Milhausen R, Herold S. Does the sexual double standard still exist? Perceptions of university women. *Journal of Sex Research*, 36(4), 361-368; 1999.

<sup>37</sup>Vilar D, *Falar disso: A educação sexual nas famílias dos adolescentes*. Porto: Afrontamento; 2003.

<sup>38</sup>Gentry M, College H, The sexual double standard – the influence of number of relationships and level of sexual activity on judgements of women and men. *Psychology of Women Quarterly*, 22, 505-511; 1998.

<sup>39</sup>Sprecher S, McKinney K, Orbuch TL, The effect of current sexual behavior on friendship, dating and marriage desirability. *Journal of Sex Research*, 28(3), 387-408; 1991.

<sup>40</sup>Sack AR, Keller JF, Hinkle D, The sexual double standard: how prevalent today? *College Student Journal*, 15, 47-52; 1981.

<sup>41</sup>Vicente A, *As Mulheres em Portugal na Transição do Milénio*. Lisboa: Multinova; 1998.

<sup>42</sup>Mark MM, Miller ML, The effects of sexual permissiveness, target gender, subject gender, and attitudes toward women on social perception: in search of double standard. *Sex Roles*, 15(5/6), 311-322; 1986.

<sup>43</sup>Muehlenhard CL, “Nice women” don’t say yes and “real men” don’t say no: how miscommunication and the double standard can cause sexual problems. *Women and Therapy*, 7, 95-108; 1988.

<sup>44</sup>Hillier L, Harrison L, Warr D, When you carry condoms all the boys think you want it: negotiating competing discourses about safe sex. *Journal of Adolescence*,21, 15-29; 1998.

<sup>45</sup>Hendrick S, Hendrick C, Multidimensionality of sexual attitudes. *Journal of Sex Research*, 23(4), 502-526; 1987.

<sup>46</sup>Sprecher S, Premarital sexual standards for different categories of individuals. *Journal of Sex Research*,26(2), 232-248; 1989.

<sup>47</sup>Weinberg M, Lottes I, Shaver F, Sociocultural correlates of permissive sexual attitudes: a test of Reiss's hypothesis about Sweden and the United States. *Journal of Sex Research*, 37(1), 44-52; 2000.

<sup>48</sup>Weinberg M, Lottes I, Shaver F, Swedish or American heterosexual college youth: who is more permissive? *Archives of Sexual Behavior*,24(4), 409-437; 1995.

<sup>49</sup>Hendrix WH, Rueb JD, Steel RP, Sexual harassment and gender differences. *Journal of Social Behavior and Personality*,13(2), 235-252; 1998.

<sup>50</sup>Edmonds EM, Cahoon DD, The "new" sexism: females' negativism toward males. *Journal of Social Behavior and Personality*,8(3), 481-487; 1993.

<sup>51</sup>Lonsway KA, Fitzgerald LF, Rape myths: in review. *Psychology of Women Quarterly*,18(2), 133-164; 1994.

<sup>52</sup>Milhausen R, *Double Standard or Reverse Double Standard: Comparative Analysis of Male and Female Perspective*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Guelph, Ontário, Canadá; 2000.

<sup>53</sup>Lévi-Strauss C, *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes; 1976.

<sup>54</sup>Levine S, *Sexuality in mid-life*. New York: Plenum Press; 1998.

<sup>55</sup>Byers ES, Demmons S, Lawrance K, Sexual satisfaction with dating relationships: a test of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*,15, 257-267; 1998.

<sup>56</sup>Parish WL, Luo Y, Stolzenberg R, Laumann EO, Farrer G, Pan S, Sexual practices and sexual satisfaction: a population-based study of Chinese urban adults. *Archives of Sexual Behavior*,36, 5-20; 2007.

<sup>57</sup>Pechorro P, *Funcionamento sexual e ciclo de vida em mulheres portuguesas*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa: 2006.

<sup>58</sup>Davis J, Petretic-Jackson P, The impact of childhood sexual abuse on adult interpersonal functioning: a review and synthesis of the empirical literature. *Aggression and Violent Behavior*,5,291-328; 2000.

<sup>59</sup>DeLamater J, Emotions and sexuality. In McKinney K, Sprecher S (eds)., *Sexuality in Close Relationships*. New Jersey: Lawrence Erlbaum; 1991.

<sup>60</sup>Legkauskas V, Stankevičiene D, Premarital sex and marital satisfaction of middle aged men and women: a study of married Lithuanian couples. *Sex Roles*,60, 21-32; 2009.

<sup>61</sup>Cardoso J, Sexualidade e Envelhecimento. In *Sexualidade & Planeamento Familiar*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família; 2004.

<sup>62</sup>McCann JT, Biaggio MK, Sexual satisfaction in marriage as a function of life meaning. *Archives of Sexual Behavior*,18(1), 1989.

<sup>63</sup>Carpenter LM, Nathanson CA, Kim YJ, Physical women, emotional men: gender and sexual satisfaction in midlife. *Archives of Sexual Behavior*,38, 87-107; 2009.

<sup>64</sup>Sprecher S, Sexual satisfaction in premarital relationships: associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*,39, 190-197; 2002.

<sup>65</sup>Fuertes A, López F, *Para Compreender a Sexualidade*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família; 1999.

<sup>66</sup>Barbre JW, Meno-boomers and moral guardians: an exploration of the cultural construction of menopause. In Weitz R (ed.), *The politics of women's bodies: Sexuality, appearance and behavior*. Oxford: Oxford University Press; 1998.



<sup>67</sup>Winterich JA, Sex, menopause and culture: sexual orientation and the meaning of menopause for women's sex lives. *Gender & Society*, 17,627-642; 2003.

<sup>68</sup>Bancroft J, Loftus J, Long JS, Distress about sex: a national survey of women in heterosexual relationships. *Archives of Sexual Behavior*,32, 193-208; 2003.

<sup>69</sup>Haavio-Mannila E, Kontula O, Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*,26, 399-419; 1997.

<sup>70</sup>Laumann EO, Gagnon JH, Michael RT, Michaels S, *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press; 1994.

<sup>71</sup>Pedersen W, Blekesaune M, Sexual satisfaction in young adulthood: cohabitation, committed dating or unattached life? *Acta Sociologica*,46, 179-193; 2003.

<sup>72</sup>Haavio-Mannila E, Kontula O, Single and double standards in Finland, Estonia and St. Petersburg. *Journal of Sex Research*, 40, 36-49; 2003.

<sup>73</sup>Leal I, Carvalho C, Ramos V, Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: a hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*,23(2), 173-185; 2005.

<sup>74</sup>Hudson WW, Index of Sexual Satisfaction. In Davis C, Yarber W, Bauserman R, Schreer G, Davis S (eds.), *Handbook of Sexually-Related Measures*. Thousand Oaks, California: Sage; 1998.

<sup>75</sup>Hudson WW, Index of Sexual Satisfaction. In Corcoran K, Fischer J (eds.), *Measures for clinical practice: A sourcebook*. New York: Free Press; 2000.

<sup>76</sup>Hudson WW, Harrison DF, Crosscup PC, A short-form scale to measure sexual discord women. *Journal of Sex Research*, 17, 157-174; 1981.

<sup>77</sup>Iglesias PS, Sierra JC, García M, Martínez A, Sánchez A, Tapia MI, Índice de Satisfacción Sexual (ISS) : un estudio sobre su fiabilidad y validez. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 9(2), 259-273; 2009.

<sup>78</sup>Edwards WM, Coleman E, Defining sexual health: a descriptive overview. *Archives of Sexual Behavior*, 33(3), 189-195; 2004.

<sup>79</sup>Vieira RX, Pechorro P, Diniz A, Validation of Index of Sexual Satisfaction for use with Portuguese women. *Sexologies*, 17 (sup.1), s. 115; 2008.

<sup>80</sup>Vieira RX, Pechorro P, Diniz A , Satisfação sexual feminina : relação com o funcionamento sexual e comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, 27(1), 99-108; 2009.

<sup>81</sup>Capellà A, *Sexualidades Humanas, Amor e Loucura – Conferências de Psicanálise*. Lisboa: Climepsi; 1998.

<sup>82</sup>Jonason PK, A mediation hypothesis to account for the gender difference in reported number of sexual partners: an intrasexual competition approach. *International Journal of Sexual Health*,19, 41-49; 2007.

<sup>83</sup>Jonason PK, Marks MJ, Common vs. uncommon sexual acts: evidence for the sexual double standard. *Sex Roles*,60, 357-365; 2009.

<sup>84</sup>Marks MJ, Evaluations of sexually active men and women under divided attention: a social cognitive approach to the sexual double standard. *Basic and Applied Social Psychology*,30, 84-91; 2008.

<sup>85</sup>MacNeil S, Byers, ES, Role of sexual self-disclosure in the sexual satisfaction of long-term heterosexual couples. *Journal of Sex Research*, 46(1), 3-14; 2009.

<sup>86</sup>Brody S, Costa RM, Satisfaction (sexual, life, relationship, and mental health) is associated directly with penile-vaginal intercourse, but inversely with other sexual behavior frequencies. *Journal of Sexual Medicine*, 6, 1947-1954; 2009.

<sup>87</sup>Vanwesenbeeck I, Doing gender in sex and sex research. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 883-898; 2009.

<sup>88</sup>Sanchez DT, Moss-Racusin CA, Phelan JE, Crocker J, Relationship contingency and sexual motivation in women: implications for sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 99-110; 2011.

## ANEXOS

## Anexo I :

### Folha de Rosto dos Questionários

O meu nome é Nuno Miguel Marques e estou a efectuar uma investigação de Mestrado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, acerca de atitudes e comportamentos sexuais.

Assim, o que lhe peço é que responda tão sincera e honestamente quanto possível aos dois questionários que se seguem.

Não existem respostas certas nem erradas, sendo que a aplicação demora, no total, cerca de 15 a 20 minutos.

Desde já esclareço que as questões apresentadas remetem para aspectos do foro íntimo pelo que, se não se sentir à vontade para responder, não o faça.

Poderá, se for este o caso, não responder e devolver imediatamente os questionários.

Muito Obrigado pela sua Colaboração!!!!

## Anexo II :

### Termo de Consentimento Informado

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Para os devidos efeitos, declaro que aceito participar na investigação de Mestrado intitulada “*O Duplo Padrão Sexual no masculino: uma perspectiva transgeracional portuguesa*”, tendo a garantia, por parte das pessoas e instituições envolvidas, de que os dados por mim fornecidos serão mantidos em absoluto anonimato e confidencialidade, sendo descaracterizados e utilizados de forma estritamente estatística, de forma a proteger a minha privacidade.

Tomei conhecimento e aceito os termos acima descritos,

---

(Assinatura)



### Anexo III :

#### Contactos com Autores e Instituições

## **Contactos com os Autores / Editoras dos Instrumentos**

PARA : [walmyr@walmyr.com](mailto:walmyr@walmyr.com)

Dear Sirs,

My name is Nuno Marques and I am doing a Master's thesis concerning the sexual double standard and its relations with sexual satisfaction. I would like to hear from you in order to be authorized to proceed with my investigation. My email is [psimarques@gmail.com](mailto:psimarques@gmail.com).

Best Regards,

Nuno Marques

PARA : [rmilhaus@uoguelph.ca](mailto:rmilhaus@uoguelph.ca); [rmilhaus@indiana.edu](mailto:rmilhaus@indiana.edu)

Dear Professor Robin Milhausen,

My name is Nuno Marques and I am doing a Master's thesis concerning the sexual double standard and its relations with sexual satisfaction. I am very interested in using your Questionnaire to evaluate the sexual double standard. Could you reach me a copy of it? I would like to hear from you in order to be authorized to proceed with my investigation. My email is [psimarques@gmail.com](mailto:psimarques@gmail.com).

Best Regards,

Nuno Marques

Anexo IV :

Índice de Satisfação Sexual

## ISS

(Hudson *et al.*, 1981)

Este questionário foi projectado para medir o grau de satisfação que você tem no seu relacionamento sexual com o(a) seu(sua) companheiro(a). Não é um teste, logo não existem respostas certas ou erradas. Responda a cada item de forma tão cuidadosa e precisa quanto puder, colocando um número de acordo com a escala seguinte:

1 = Nunca

2 = Muito raramente

3 = Poucas vezes

4 = Algumas vezes

5 = Bastantes vezes

6 = A maioria das vezes

7 = Sempre

1. \_\_\_\_ Sinto que o(a) meu(minha) companheiro(a) gosta da nossa vida sexual.
2. \_\_\_\_ A nossa vida sexual é muito excitante.
3. \_\_\_\_ O sexo é divertido para o(a) meu(minha) companheiro(a) e para mim.
4. \_\_\_\_ O sexo com o(a) meu(minha) companheiro(a) tornou-se para mim uma rotina.
5. \_\_\_\_ Sinto que o nosso sexo é sujo e desagradável.
6. \_\_\_\_ A nossa vida sexual é monótona.
7. \_\_\_\_ Quando fazemos sexo, é de forma demasiado apressada e rápida.
8. \_\_\_\_ Sinto que a minha vida sexual tem falta de qualidade.
9. \_\_\_\_ O meu(minha) companheiro(a) é sexualmente muito excitante.
10. \_\_\_\_ Gosto das técnicas sexuais que o(a) meu(minha) companheiro(a) gosta ou usa.
11. \_\_\_\_ Sinto que o(a) meu(minha) companheiro(a) quer demasiado sexo de mim.
12. \_\_\_\_ Penso que o nosso sexo é maravilhoso.
13. \_\_\_\_ O(A) meu(minha) companheiro(a) insiste demasiado no sexo.
14. \_\_\_\_ Tento evitar o contacto sexual com o(a) meu(minha) companheiro(a).

15. \_\_\_\_ O(A) meu(minha) companheiro(a) é demasiado rude ou bruto(a) quando fazemos sexo.
16. \_\_\_\_ O(A) meu(minha) companheiro(a) é um(a) parceiro(a) sexual maravilhoso(a).
17. \_\_\_\_ Sinto que o sexo é uma função normal do nosso relacionamento.
18. \_\_\_\_ O(A) meu(minha) companheiro(a) não quer fazer sexo quando eu quero.
19. \_\_\_\_ Sinto que a nossa vida sexual é uma mais-valia para o nosso relacionamento.
20. \_\_\_\_ O(A) meu(minha) companheiro(a) parece evitar o contacto sexual comigo.
21. \_\_\_\_ É fácil para mim ficar sexualmente excitado com o meu(minha) companheiro(a).
22. \_\_\_\_ Sinto que o(a) meu(minha) companheiro(a) está sexualmente contente comigo.
23. \_\_\_\_ O(A) meu(minha) companheiro(a) é muito sensível às minhas necessidades e desejos sexuais.
24. \_\_\_\_ O(A) meu(minha) companheiro(a) não me satisfaz sexualmente.
25. \_\_\_\_ Sinto que a minha vida sexual é aborrecida.

**Muito Obrigado pela Sua Colaboração!**

## Anexo V :

### Questionário de Avaliação do Duplo Padrão Sexual

As suas respostas são anónimas e confidenciais. Por favor, responda honestamente a todas as questões que lhe são colocadas.

1) Idade:\_\_\_\_\_

2) Sexo: F ☐ M ☐

3) Ano de Escolaridade:\_\_\_\_\_

4) Profissão do Pai:\_\_\_\_\_

5) Profissão da Mãe:\_\_\_\_\_

6) Com quem vive?\_\_\_\_\_

7) Onde reside?\_\_\_\_\_

8) Se mudou de residência, indique:

Em que zona do país vivia anteriormente?\_\_\_\_\_

Há quanto tempo reside no local onde se encontra actualmente?\_\_\_\_\_

9) Que tipo de relação amorosa mantém actualmente?

- ☐ Não tenho nenhuma relação amorosa.
- ☐ Tenho encontros amorosos com mais de uma pessoa.
- ☐ Tenho encontros amorosos casuais com uma pessoa.
- ☐ Mantenho uma relação estável com uma pessoa.
- ☐ Moro com o meu parceiro.
- ☐ Mantenho um casamento ou união de facto.

10) Como descreve a sua orientação sexual?

- ☐ Heterossexual
- ☐ Homossexual
- ☐ Bissexual

11) Qual a sua religião?\_\_\_\_\_

12) Com que frequência vai à igreja ou pratica actividades de carácter religioso?

- ☐ Mais do que uma vez por semana.
- ☐ Uma vez por semana.
- ☐ Duas ou três vezes por mês.
- ☐ Uma vez por mês.
- ☐ Algumas vezes por ano.
- ☐ Um vez por ano ou menos.
- ☐ Nunca.

As afirmações que se seguem referem-se a **comportamentos sexuais frequentes em homens e mulheres da sua idade**. Indique qual o seu nível de concordância ou discordância relativamente às afirmações apresentadas colocando um, (X), na resposta que expressa a sua opinião pessoal.

	Concordo Totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
13) Eu teria uma grande consideração por uma mulher que dissesse que gosta muito de sexo.					
14) Eu questiono o carácter de um homem que tenha tido muitas parceiras.					
15) Eu pensaria mal de uma mulher que gostasse de ver vídeos de sexo explícito.					
16) Hoje em dia é pior para um homem dormir com muitas parceiras do que para uma mulher.					
17) Eu pensaria mal de uma mulher que ocasionalmente visse um strip masculino.					
18) Eu ficaria bem impressionado com um homem que tivesse tido anteriormente 10 parceiros sexuais.					
19) Eu pensaria mal de um rapaz de 16 anos, que tivesse tido relações sexuais.					
20) Eu pensaria mal de uma mulher que tivesse relações sexuais, mesmo que protegidas, com alguém que acabara de conhecer.					
21) Homens que tenham tido muitas parceiras sexuais são julgadas mais severamente do que as mulheres que tenham tido muitos parceiros.					
22) Eu pensaria mal de um homem que tivesse tido relações sexuais, mesmo que protegidas com uma mulher, sem que estivesse envolvida emocionalmente por ela.					
23) Hoje em dia é pior para a mulher dormir com muitos parceiros do que é para o homem.					
24) Eu pensaria mal de uma mulher que entrasse num bar, com o intuito de conhecer um homem e ter sexo com ele.					
25) Eu teria uma grande consideração por um homem que dissesse que gosta muito de sexo.					
26) Eu de certo modo admiro uma mulher que tenha tido sexo com muitos homens.					



	Concordo Totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
27) Eu pensaria mal de uma mulher que tivesse tido relações sexuais, mesmo que protegidas, com um homem sem que estivesse emocionalmente envolvida por ele.					
28) Eu pensaria mal de um homem que gostasse de ver vídeos de sexo explícito.					
29) Eu pensava mal de uma rapariga de 16 anos que tivesse tido relações sexuais.					
30) Eu de certo modo admiro um homem que tenha tido sexo com muitas mulheres.					
31) Eu questiono o carácter de uma mulher que tenha tido muitos parceiros sexuais.					
32) Eu pensaria mal de um homem que entrasse num bar, com o intuito de conhecer uma mulher e ter sexo com ela.					
33) As mulheres que tenham tido muitos parceiros sexuais são julgadas mais severamente do que os homens.					
34) Eu pensaria mal de um homem que tivesse relações sexuais, mesmo que protegidas, com alguém que acabara de conhecer.					
35) Eu ficaria bem impressionado com uma mulher que tivesse tido 10 parceiros sexuais.					
36) Eu pensaria mal de um homem que visse ocasionalmente um strip feminino.					

As perguntas que se seguem referem-se a um **local de trabalho**. Coloque um círculo na resposta que acha mais correcta.

37) Num local de trabalho, quem é que acha que deverá ter mais cuidado ao dizer "piadas" sobre sexo?	Homens	Mulheres	Ambos os sexos têm de ter cuidado	Nenhum dos sexos tem de ter cuidado
38) Quem é que acha que tem de ter mais cuidado ao proferir qualquer tipo de comentário sobre sexo, com os outros colegas?	Homens	Mulheres	Ambos os sexos têm de ter cuidado	Nenhum dos sexos tem de ter cuidado
39) Quem é que acha que deverá ter mais cuidado ao fazer comentários sobre o aspecto físico do colega do sexo oposto?	Homens	Mulheres	Ambos os sexos têm de ter cuidado	Nenhum dos sexos tem de ter cuidado
40) Quem é que acha que deverá ter mais cuidado em estabelecer qualquer tipo de contacto físico com um colega?	Homens	Mulheres	Ambos os sexos têm de ter cuidado	Nenhum dos sexos tem de ter cuidado

As afirmações seguintes são **dirigidas a si**. Tendo em conta a escala seguinte, indique qual o seu nível de concordância e discordância relativamente às afirmações.

	Concordo Totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
41) Eu desencorajaria o meu melhor amigo de sair com uma mulher que tivesse tido 10 parceiros sexuais anteriormente.					
42) Às vezes, faço de conta que não tenho interesse em sexo, quando estou num grupo de homens.					
43) Eu consigo imaginar-me a mim mesmo, a fazer sexo casual com diferentes parceiros confortável e agradavelmente.					
44) Eu desencorajaria a minha melhor amiga de sair com um homem que tivesse tido 10 parceiras sexuais anteriormente.					
45) Eu teria que estar bastante ligado a alguém (emocional e psicologicamente), para me sentir confortável e desfrutar plenamente da relação sexual com essa pessoa.					
46) No que respeita a sexo, uma das coisas que me preocupa é ficar com má reputação.					
47) Em tempos, avisei uma amiga minha para evitar um potencial encontro com uma pessoa devido à sua reputação sexual.					
48) É O.K. ter sexo sem amor.					
49) Às vezes, faço de conta que não tenho interesse em sexo quando estou num grupo de mulheres.					
50) Em tempos, avisei um amigo meu para evitar um potencial encontro com uma pessoa, devido à sua reputação sexual.					

As afirmações que se seguem referem-se aos **homens e às mulheres**. Indique qual o seu nível de concordância ou discordância relativamente às afirmações apresentadas.

	Concordo Totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
51) A verdade é que os homens gostam que as mulheres tomem a iniciativa, mesmo quando a sua resposta é negativa.					
52) É fácil para a mulher excitar sexualmente um homem, se ela realmente o quiser.					
53) Na generalidade, as mulheres não gostam tanto de sexo como os homens.					
54) A verdade é que a maioria dos homens não recusariam ter uma aventura sexual, mesmo que isso significasse ser infiel.					
55) A maior parte dos homens mais novos gostariam de ter uma aventura sexual com uma mulher mais velha e mais experiente.					

	Concordo Totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
56) É mais difícil para o homem do que para a mulher estabelecer a diferença entre o que é o amor e o desejo ardente.					
57) Se uma mulher quer ter relações sexuais, ela tem o direito de esperar que o parceiro esteja disponível para ela.					
58) A maioria das mulheres preferem ter relações sexuais com menor frequência do que os homens.					
59) Na generalidade, os homens precisam mais de sexo do que as mulheres.					

Lembrando que **todas as respostas são confidenciais**, responda às seguintes questões sobre a sua experiência sexual anterior:

60) Com quantos parceiros diferentes já teve relações sexuais (com coito)?

\_\_\_\_\_

61) Com quantos parceiros diferentes teve relações sexuais no último ano (com coito)?

\_\_\_\_\_

62) Com quantos parceiros diferentes teve relações sexuais apenas uma única vez e em uma só ocasião (com coito)?

\_\_\_\_\_

63) Quando falo com o meu novo parceiro sobre a minha vida sexual passada, eu posso:

- ☐ De certa maneira subestimar o meu número de parceiros sexuais anteriores.
- ☐ De certa maneira sobrestimar o meu número de parceiros sexuais anteriores.
- ☐ Não comentar o meu número de parceiros sexuais anteriores.
- ☐ Revelar exactamente o meu número de parceiros sexuais anteriores.

64) Quando falo com um amigo chegado sobre a minha vida sexual passada, eu posso:

- ☐ De certa maneira subestimar o meu número de parceiros sexuais anteriores.
- ☐ De certa maneira sobrestimar o meu número de parceiros sexuais anteriores.
- ☐ Não comentar o meu número de parceiros sexuais anteriores.
- ☐ Revelar exactamente o meu número de parceiros sexuais anteriores.

65) Quem é que acha que tem maior liberdade sexual actualmente?

- ☐ Os homens têm mais liberdade sexual.
- ☐ Os homens têm ligeiramente mais liberdade sexual.
- ☐ Os homens e as mulheres têm a mesma liberdade sexual.
- ☐ As mulheres têm ligeiramente mais liberdade sexual.
- ☐ As mulheres têm mais liberdade sexual.

66) De que maneira acha que os homens, hoje em dia, têm maior liberdade sexual do que as mulheres?

---

---

---

---

---

67) De que maneira acha que as mulheres, hoje em dia, têm maior liberdade sexual do que os homens?

---

---

---

---

---

68) Que palavras utiliza para descrever uma mulher que tenha tido muitos parceiros sexuais?

---

---

---

---

---

69) Que palavras utiliza para descrever um homem que tenha tido muitas parceiras sexuais?

---

---

---

---

---

70) Relativamente aos tópicos e às questões apresentadas neste questionário tem algum comentário a fazer?

---

---

---

---

---

**Obrigado pela sua Colaboração!**

Anexo VI :

*Output* SPSS – Estatística Descritiva do Grupo 1

```

FREQUENCIES VARIABLES=Idade Sexo AnoEscolaridade ComQuemVive OndeReside Ti
poRelaçãoAmorosaActual OrientaçãoSexual Religião Actividad
eReligiosa
/STATISTICS=STDDEV MEAN MEDIAN MODE
/ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes  
e Mestrado Nuno Marques Versão Final 29 Março\tesenunofinal.sav

**Statistics**

		Idade	Sexo	Ano Escolaridade	ComQuem Vive	OndeReside
N	Valid	132	132	132	132	132
	Missing	0	0	0	0	0
	Mean	23,88	1,00	3,00	1,17	,00
	Median	23,00	1,00	3,00	1,00	,00
	Mode	23	1	3	1	0
	Std. Deviation	2,406	,000	,000	,660	,000

**Statistics**

		TipoRelação Amorosa Actual	Orientação Sexual	Religião	Actividade Religiosa
N	Valid	132	132	132	132
	Missing	0	0	0	0
	Mean	2,20	,00	1,64	4,73
	Median	3,00	,00	,00	5,00
	Mode	3	0	0	6
	Std. Deviation	1,502	,000	2,283	1,676

## Frequency Table

**Idade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	20	3	2,3	2,3	2,3
	21	15	11,4	11,4	13,6
	22	23	17,4	17,4	31,1
	23	35	26,5	26,5	57,6
	24	14	10,6	10,6	68,2
	25	10	7,6	7,6	75,8
	26	8	6,1	6,1	81,8
	27	9	6,8	6,8	88,6
	28	9	6,8	6,8	95,5
	29	3	2,3	2,3	97,7

**Idade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	30	3	2,3	2,3	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

**Sexo**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	132	100,0	100,0	100,0

**AnoEscolaridade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Freq. Univ. ou Superior	132	100,0	100,0	100,0

**ComQuemVive**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sozinho	2	1,5	1,5	1,5
	Família Nuclear (Pais, Irmãos, Avós, Tios)	117	88,6	88,6	90,2
	Amigos ou Colegas	6	4,5	4,5	94,7
	Companheiro/a ou Namorado/a	2	1,5	1,5	96,2
	Cônjuge	5	3,8	3,8	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

**OndeReside**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Grande Lisboa	132	100,0	100,0	100,0

**TipoRelaçãoAmorosaActual**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nenhuma Relação	35	26,5	26,5	26,5
	Encontros com 2 ou mais pessoas	3	2,3	2,3	28,8
	Encontros casuais com 1 pessoa	15	11,4	11,4	40,2
	Relação Estável	66	50,0	50,0	90,2
	Mora com o Parceiro/a	5	3,8	3,8	93,9
	Casamento / União de Facto	8	6,1	6,1	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

**OrientaçãoSexual**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Heterossexual	132	100,0	100,0	100,0



### Religião

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Católico	84	63,6	63,6	63,6
	Sem religião	14	10,6	10,6	74,2
	Agnóstico	8	6,1	6,1	80,3
	Ateu	14	10,6	10,6	90,9
	Não Sabe / Não Responde	12	9,1	9,1	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

### Atividade Religiosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Bissemanal ou superior	6	4,5	4,5	4,5
	Semanal	5	3,8	3,8	8,3
	Duas ou três vezes por mês	6	4,5	4,5	12,9
	Mensal	3	2,3	2,3	15,2
	Algumas vezes por ano	19	14,4	14,4	29,5
	Anual ou inferior	39	29,5	29,5	59,1
	Nunca	51	38,6	38,6	97,7
	Não Sabe / Não Responde	3	2,3	2,3	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

## Anexo VII :

*Output* SPSS –Estatística Descritiva do Grupo 2

```

FREQUENCIES VARIABLES=Idade Sexo AnoEscolaridade ComQuemVive OndeReside Ti
poRelaçãoAmorosaActual OrientaçãoSexual Religião Actividad
eReligiosa
/STATISTICS=STDDEV MEAN MEDIAN MODE
/ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes  
e Mestrado Nuno Marques Versão Final 29 Março\tesenunofinal.sav

**Statistics**

		Idade	Sexo	Ano Escolaridade	ComQuem Vive	OndeReside
N	Valid	130	130	130	130	130
	Missing	0	0	0	0	0
	Mean	45,27	1,00	1,40	3,60	,00
	Median	46,00	1,00	1,50	4,00	,00
	Mode	44	1	2	4	0
	Std. Deviation	3,060	,000	1,090	1,111	,000

**Statistics**

		TipoRelação Amorosa Actual	Orientação Sexual	Religião	Actividade Religiosa
N	Valid	130	130	130	130
	Missing	0	0	0	0
	Mean	4,60	,00	,66	4,21
	Median	5,00	,00	,00	4,00
	Mode	5	0	0	4
	Std. Deviation	1,111	,000	1,687	1,450

## Frequency Table

**Idade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	40	11	8,5	8,5	8,5
	41	4	3,1	3,1	11,5
	42	16	12,3	12,3	23,8
	43	8	6,2	6,2	30,0
	44	21	16,2	16,2	46,2
	45	4	3,1	3,1	49,2
	46	14	10,8	10,8	60,0
	47	15	11,5	11,5	71,5
	48	12	9,2	9,2	80,8
	49	14	10,8	10,8	91,5

**Idade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	50	11	8,5	8,5	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

**Sexo**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	130	100,0	100,0	100,0

**AnoEscolaridade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ensino Básico	37	28,5	28,5	28,5
	9º ao 12º Ano	28	21,5	21,5	50,0
	Ensino Secundário	41	31,5	31,5	81,5
	Freq. Univ. ou Superior	24	18,5	18,5	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

**ComQuemVive**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sozinho	8	6,2	6,2	6,2
	Família Nuclear (Pais, Irmãos, Avós, Tios)	4	3,1	3,1	9,2
	Amigos ou Colegas	4	3,1	3,1	12,3
	Cônjuge	114	87,7	87,7	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

**OndeReside**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Grande Lisboa	130	100,0	100,0	100,0

**TipoRelaçãoAmorosaActual**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Encontros com 2 ou mais pessoas	8	6,2	6,2	6,2
	Encontros casuais com 1 pessoa	4	3,1	3,1	9,2
	Relação Estável	4	3,1	3,1	12,3
	Casamento / União de Facto	114	87,7	87,7	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

**OrientaçãoSexual**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Heterossexual	130	100,0	100,0	100,0

### Religião

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Católico	111	85,4	85,4	85,4
	Sem religião	8	6,2	6,2	91,5
	Ateu	4	3,1	3,1	94,6
	Não Sabe / Não Responde	7	5,4	5,4	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

### ActividadeReligiosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Bissemanal ou superior	4	3,1	3,1	3,1
	Semanal	7	5,4	5,4	8,5
	Duas ou três vezes por mês	4	3,1	3,1	11,5
	Mensal	8	6,2	6,2	17,7
	Algumas vezes por ano	50	38,5	38,5	56,2
	Anual ou inferior	34	26,2	26,2	82,3
	Nunca	23	17,7	17,7	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

## Anexo VIII :

*Output* SPSS - Valores de *alpha*-Cronbach dos instrumentos

## RELIABILITY

```

/VARIABLES=ISS1 ISS2 ISS3 ISS4 ISS5 ISS6 ISS7 ISS8 ISS9 ISS10 ISS11 ISS1
2 ISS13 ISS14 ISS15 ISS16 ISS17 ISS18 ISS19 ISS20 ISS21 IS
S22 ISS23 ISS24 ISS25
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL
/MODEL=ALPHA
/SUMMARY=TOTAL.

```

## Reliability

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

## Scale: ALL VARIABLES

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	262	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	262	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,910	25

### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ISS1	55,03	319,903	,687	,904
ISS2	54,38	310,573	,734	,902
ISS3	54,72	315,190	,676	,903
ISS4	54,37	324,049	,391	,910
ISS5	55,94	339,199	,349	,909
ISS6	54,84	309,665	,688	,903
ISS7	54,73	320,238	,619	,905
ISS8	54,95	313,055	,773	,902
ISS9	54,78	316,868	,683	,903
ISS10	54,87	314,292	,708	,903
ISS11	54,34	352,832	-,102	,920
ISS12	54,66	306,884	,774	,901
ISS13	54,51	354,787	-,137	,920
ISS14	55,69	332,368	,441	,908
ISS15	55,73	350,105	-,050	,915
ISS16	54,95	312,296	,754	,902

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ISS17	54,94	314,146	,648	,904
ISS18	54,23	329,279	,374	,909
ISS19	54,81	314,237	,595	,905
ISS20	55,32	320,816	,615	,905
ISS21	55,31	335,189	,311	,910
ISS22	55,08	321,642	,676	,904
ISS23	54,21	318,437	,542	,906
ISS24	55,18	324,102	,479	,907
ISS25	55,20	306,530	,806	,900



## RELIABILITY

```

/VARIABLES=ITEM13 ITEM14 ITEM15 ITEM16 ITEM17 ITEM18 ITEM19 ITEM20 ITEM2
1 ITEM22 ITEM23 ITEM24 ITEM25 ITEM26 ITEM27 ITEM28 ITEM29
ITEM30 ITEM31 ITEM32 ITEM33 ITEM34 ITEM35 ITEM36 ITEM41 ITEM42 ITEM43 I
TEM44 ITEM45 ITEM46 ITEM47 ITEM48 ITEM49 ITEM50
ITEM51 ITEM52 ITEM53 ITEM54 ITEM55 ITEM56 ITEM57 ITEM58 ITEM59
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL
/MODEL=ALPHA
/SUMMARY=TOTAL.

```

## Reliability

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

## Scale: ALL VARIABLES

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	262	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	262	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,853	43

### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ITEM13	121,61	263,787	,035	,856
ITEM14	121,47	254,243	,370	,849
ITEM15	121,97	250,091	,541	,845
ITEM16	121,83	255,182	,295	,850
ITEM17	121,87	245,748	,641	,843
ITEM18	120,73	270,430	-,161	,859
ITEM19	122,12	251,318	,465	,847
ITEM20	121,38	243,310	,583	,843
ITEM21	121,94	258,533	,197	,852
ITEM22	121,76	249,287	,488	,846
ITEM23	121,15	247,077	,466	,846
ITEM24	121,26	246,969	,488	,846
ITEM25	121,13	265,061	,003	,857
ITEM26	120,45	257,582	,256	,851

# Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ITEM27	121,53	249,790	,486	,846
ITEM28	122,04	249,994	,581	,845
ITEM29	121,73	246,122	,656	,843
ITEM30	120,75	266,657	-,041	,857
ITEM31	121,22	245,305	,587	,843
ITEM32	121,61	248,813	,486	,846
ITEM33	120,82	245,642	,522	,845
ITEM34	121,56	246,830	,561	,844
ITEM35	120,61	268,576	-,100	,859
ITEM36	122,20	253,196	,528	,847
ITEM41	121,26	240,605	,663	,841
ITEM42	122,03	260,011	,188	,852
ITEM43	121,52	257,684	,178	,854
ITEM44	121,24	240,373	,678	,841
ITEM45	120,94	251,920	,307	,850
ITEM46	121,35	253,049	,373	,849
ITEM47	121,69	245,258	,641	,843
ITEM48	120,97	277,689	-,368	,864
ITEM49	121,91	264,467	,034	,855
ITEM50	121,82	249,254	,518	,845
ITEM51	120,50	261,623	,150	,853
ITEM52	120,08	262,852	,126	,853
ITEM53	121,35	255,448	,252	,851
ITEM54	120,65	265,027	,013	,856
ITEM55	120,22	262,495	,124	,853
ITEM56	120,85	259,818	,200	,852
ITEM57	120,90	265,776	-,015	,857
ITEM58	120,92	253,879	,378	,849
ITEM59	121,08	255,108	,301	,850

Anexo IX :

*Output SPSS – Hipótese A:*

*T*-teste sobre a igualdade de valores médios (Total ISS)

```
T-TEST GROUPS=AceitaçãoPessoalDPS(1)
/MISSING=ANALYSIS
/VARIABLES=TotalISS
/CRITERIA=CI(.95).
```

## T-Test

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 3 Abril\tesenunofinal.sav

**Group Statistics**

AceitaçãoPessoalDPS		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
TotalISS	>= 1	142	22,2582	14,21679	1,19305
	< 1	120	20,5278	9,96573	,90974

**Independent Samples Test**

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means	
		F	Sig.	t	df
TotalISS	Equal variances assumed	13,948	,000	1,121	260
	Equal variances not assumed			1,153	251,780

**Independent Samples Test**

		t-test for Equality of Means		
		Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference
TotalISS	Equal variances assumed	,263	1,73043	1,54409
	Equal variances not assumed	,250	1,73043	1,50033

**Independent Samples Test**

		t-test for Equality of Means	
		95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper
TotalISS	Equal variances assumed	-1,31009	4,77095
	Equal variances not assumed	-1,22437	4,68523

Anexo X :

*Output* SPSS - Hipótese A :

Teste de Correlação Linear de Pearson (Global)

# CORRELATIONS

```
/VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS TotalISS
/PRINT=TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.
```

## Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes  
e Mestrado Nuno Marques Versão Final 3 Abril\tesenunofinal.sav

**Correlations**

		Aceitação PessoalDPS	TotalISS
AceitaçãoPessoalDPS	Pearson Correlation	1	-,055
	Sig. (2-tailed)		,379
	N	262	262
TotalISS	Pearson Correlation	-,055	1
	Sig. (2-tailed)	,379	
	N	262	262

Anexo XI :

*Output* SPSS - Hipótese A : Teste de Correlação Linear de Pearson

(Total ISS x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Positiva)

## CORRELATIONS

```
/VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS TotalISS
/PRINT=TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.
```

## Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 3 Abril\tesenunofinal.sav

**Correlations**

		Aceitação PessoalDPS	TotalISS
AceitaçãoPessoalDPS	Pearson Correlation	1	-,182
	Sig. (2-tailed)		,030
	N	142	142
TotalISS	Pearson Correlation	-,182	1
	Sig. (2-tailed)	,030	
	N	142	142

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).



## Anexo XII :

*Output* SPSS - Hipótese A : Teste de Correlação Linear de Pearson

(Total ISS x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Nula ou Negativa)

# CORRELATIONS

```
/VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS TotalISS
/PRINT=TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.
```

## Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes  
e Mestrado Nuno Marques Versão Final 3 Abril\tesenunofinal.sav

**Correlations**

		Aceitação PessoalDPS	TotalISS
AceitaçãoPessoalDPS	Pearson Correlation	1	,015
	Sig. (2-tailed)		,870
	N	120	120
TotalISS	Pearson Correlation	,015	1
	Sig. (2-tailed)	,870	
	N	120	120

### Anexo XIII :

*Output* SPSS - Hipótese A : Teste de Correlação Linear de Pearson

(Total ISS igual ou superior a 30 pontos x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual)

```

FILTER OFF.
USE ALL.
EXECUTE.
USE ALL.
COMPUTE filter_$=(TotalISS >= 30).
VARIABLE LABEL filter_$ 'TotalISS >= 30 (FILTER)'.
VALUE LABELS filter_$ 0 'Not Selected' 1 'Selected'.
FORMAT filter_$ (f1.0).
FILTER BY filter_$.
EXECUTE.
CORRELATIONS
  /VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS TotalISS
  /PRINT=TWOTAIL NOSIG
  /MISSING=PAIRWISE.

```

## Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 3 Abril\tesenunofinal.sav

**Correlations**

		Aceitação PessoalDPS	TotalISS
AceitaçãoPessoalDPS	Pearson Correlation	1	-,026
	Sig. (2-tailed)		,851
	N	55	55
TotalISS	Pearson Correlation	-,026	1
	Sig. (2-tailed)	,851	
	N	55	55

#### Anexo XIV :

*Output* SPSS – Hipótese B : T-teste sobre a igualdade de valores médios

(Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual)

```

T-TEST GROUPS=ridade(1 2)
/MISSING=ANALYSIS
/VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS
/CRITERIA=CI(.95).

```

## T-Test

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 3 Abril\tesenunofinal.sav

**Group Statistics**

Escalaões		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	132	3,11	5,614	,489
	40-50	130	1,77	4,950	,434

**Independent Samples Test**

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means
		F	Sig.	t
AceitaçãoPessoalDPS	Equal variances assumed	14,882	,000	2,043
	Equal variances not assumed			2,045

**Independent Samples Test**

		t-test for Equality of Means		
		df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference
AceitaçãoPessoalDPS	Equal variances assumed	260	,042	1,337
	Equal variances not assumed	256,895	,042	1,337

**Independent Samples Test**

		t-test for Equality of Means		
		95% Confidence Interval of the Difference		
		Std. Error Difference	Lower	Upper
AceitaçãoPessoalDPS	Equal variances assumed	,654	,048	2,625
	Equal variances not assumed	,654	,050	2,624

## Anexo XV :

*Output* SPSS - Hipótese B : Teste de Correlação Linear de Pearson

(Idade x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual)

# CORRELATIONS

```
/VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS Idade
/PRINT=TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.
```

## Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 3 Abril\tesenunofinal.sav

**Correlations**

		Aceitação PessoalDPS	Idade
AceitaçãoPessoalDPS	Pearson Correlation	1	-,145
	Sig. (2-tailed)		,019
	N	262	262
Idade	Pearson Correlation	-,145	1
	Sig. (2-tailed)	,019	
	N	262	262

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).



Anexo XVI :

*Output* SPSS - Hipótese C, Sub-hipótese C1 :

Média da variável “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” (Global)

```

FREQUENCIES VARIABLES=PercepçãoSocialDPS
  /STATISTICS=STDDEV MEAN
  /ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

PercepçãoSocialDPS

N	Valid	262
	Missing	0
	Mean	1,12
	Std. Deviation	1,568

### PercepçãoSocialDPS

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	-2	12	4,6	4,6	4,6
	-1	18	6,9	6,9	11,5
	0	84	32,1	32,1	43,5
	1	32	12,2	12,2	55,7
	2	71	27,1	27,1	82,8
	3	19	7,3	7,3	90,1
	4	26	9,9	9,9	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

Anexo XVII :

*Output* SPSS - Hipótese C, Sub-hipótese C2 :

Médias das variáveis “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” e  
“Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” no Grupo 1

```

FREQUENCIES VARIABLES=PercepçãoSocialDPS AceitaçãoPessoalDPS
  /STATISTICS=STDDEV MEAN
  /ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

		Percepção SocialDPS	Aceitação PessoalDPS
N	Valid	132	132
	Missing	0	0
	Mean	1,67	3,11
	Std. Deviation	1,323	5,614

## Frequency Table

### PercepçãoSocialDPS

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	-1	3	2,3	2,3	2,3
	0	31	23,5	23,5	25,8
	1	18	13,6	13,6	39,4
	2	50	37,9	37,9	77,3
	3	15	11,4	11,4	88,6
	4	15	11,4	11,4	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

### AceitaçãoPessoalDPS

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	-8	2	1,5	1,5	1,5
	-4	8	6,1	6,1	7,6
	-3	12	9,1	9,1	16,7
	-2	3	2,3	2,3	18,9
	-1	15	11,4	11,4	30,3
	0	17	12,9	12,9	43,2
	1	11	8,3	8,3	51,5
	2	8	6,1	6,1	57,6
	3	3	2,3	2,3	59,8
	4	7	5,3	5,3	65,2
	5	5	3,8	3,8	68,9
	6	3	2,3	2,3	71,2
	8	6	4,5	4,5	75,8
	9	3	2,3	2,3	78,0
	10	15	11,4	11,4	89,4

**AceitaçãoPessoalDPS**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	11	6	4,5	4,5	93,9
	12	2	1,5	1,5	95,5
	14	3	2,3	2,3	97,7
	17	3	2,3	2,3	100,0
Total		132	100,0	100,0	

Anexo XVIII :

*Output* SPSS - Hipótese C, Sub-hipótese C3 :

Médias das variáveis “Percepção Social do Duplo Padrão Sexual” e  
“Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual” no Grupo 2

```

FREQUENCIES VARIABLES=PercepçãoSocialDPS AceitaçãoPessoalDPS
  /STATISTICS=STDDEV MEAN
  /ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

		Percepção SocialDPS	Aceitação PessoalDPS
N	Valid	130	130
	Missing	0	0
	Mean	,56	1,77
	Std. Deviation	1,604	4,950

## Frequency Table

### PercepçãoSocialDPS

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	-2	12	9,2	9,2	9,2
	-1	15	11,5	11,5	20,8
	0	53	40,8	40,8	61,5
	1	14	10,8	10,8	72,3
	2	21	16,2	16,2	88,5
	3	4	3,1	3,1	91,5
	4	11	8,5	8,5	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

### AceitaçãoPessoalDPS

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	-5	4	3,1	3,1	3,1
	-3	12	9,2	9,2	12,3
	-2	7	5,4	5,4	17,7
	-1	15	11,5	11,5	29,2
	0	25	19,2	19,2	48,5
	1	10	7,7	7,7	56,2
	2	15	11,5	11,5	67,7
	3	11	8,5	8,5	76,2
	4	12	9,2	9,2	85,4
	6	11	8,5	8,5	93,8
	8	4	3,1	3,1	96,9
	24	4	3,1	3,1	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

## Anexo XIX :

*Output* SPSS - O indicador “Liberdade Sexual” (Global)



```
FREQUENCIES VARIABLES=LiberdadeSexual
/ORDER=ANALYSIS.
```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

LiberdadeSexual

N	Valid	262
	Missing	0

### LiberdadeSexual

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens têm Mais Liberdade Sexual	48	18,3	18,3	18,3
	Homens têm Ligeiramente Mais Liberdade Sexual	80	30,5	30,5	48,9
	Mesma Liberdade Sexual Ambos os Sexos	127	48,5	48,5	97,3
	Mulheres têm Mais Liberdade Sexual	7	2,7	2,7	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

Anexo XX :

*Output* SPSS - O indicador “Liberdade Sexual” (Grupo 1)

```
FREQUENCIES VARIABLES=LiberdadeSexual
/ORDER=ANALYSIS.
```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

LiberdadeSexual

N	Valid	132
	Missing	0

### LiberdadeSexual

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens têm Mais Liberdade Sexual	26	19,7	19,7	19,7
	Homens têm Ligeiramente Mais Liberdade Sexual	51	38,6	38,6	58,3
	Mesma Liberdade Sexual Ambos os Sexos	55	41,7	41,7	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

Anexo XXI :

*Output* SPSS - O indicador “Liberdade Sexual” (Grupo 2)

```
FREQUENCIES VARIABLES=LiberdadeSexual
/ORDER=ANALYSIS.
```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes  
e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

LiberdadeSexual

N	Valid	130
	Missing	0

### LiberdadeSexual

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens têm Mais Liberdade Sexual	22	16,9	16,9	16,9
	Homens têm Ligeiramente Mais Liberdade Sexual	29	22,3	22,3	39,2
	Mesma Liberdade Sexual Ambos os Sexos	72	55,4	55,4	94,6
	Mulheres têm Mais Liberdade Sexual	7	5,4	5,4	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

Anexo XXII :

*Output* SPSS - A dimensão “Percepção do Duplo Padrão Sexual no  
Local de Trabalho” (Global)

```
FREQUENCIES VARIABLES=CuidadoPiadasSexo CuidadoComentáriosSexo CuidadoComentáriosAspectoFísico CuidadoContactoFísico
/ORDER=ANALYSIS.
```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

		Cuidado PiadasSexo	Cuidado Comentários Sexo	Cuidado Comentários AspectoFísico	Cuidado Contacto Físico
N	Valid	262	262	262	262
	Missing	0	0	0	0

## Frequency Table

### CuidadoPiadasSexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	31	11,8	11,8	11,8
	Mulheres	41	15,6	15,6	27,5
	Ambos	148	56,5	56,5	84,0
	Nenhum	42	16,0	16,0	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

### CuidadoComentáriosSexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	32	12,2	12,2	12,2
	Mulheres	41	15,6	15,6	27,9
	Ambos	151	57,6	57,6	85,5
	Nenhum	38	14,5	14,5	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

### CuidadoComentáriosAspectoFísico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	51	19,5	19,5	19,5
	Mulheres	43	16,4	16,4	35,9
	Ambos	127	48,5	48,5	84,4
	Nenhum	41	15,6	15,6	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

**CuidadoContactoFísico**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	27	10,3	10,3	10,3
	Mulheres	39	14,9	14,9	25,2
	Ambos	166	63,4	63,4	88,5
	Nenhum	30	11,5	11,5	100,0
	Total	262	100,0	100,0	



Anexo XXIII :

*Output* SPSS - A dimensão “Percepção do Duplo Padrão Sexual no  
Local de Trabalho” (Grupo 1)

```

FREQUENCIES VARIABLES=CuidadoPiadasSexo CuidadoComentáriosSexo CuidadoComentáriosAspectoFísico CuidadoContactoFísico
/ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tese e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

		Cuidado PiadasSexo	Cuidado Comentários Sexo	Cuidado Comentários AspectoFísico	Cuidado Contacto Físico
N	Valid	132	132	132	132
	Missing	0	0	0	0

## Frequency Table

### CuidadoPiadasSexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	16	12,1	12,1	12,1
	Mulheres	27	20,5	20,5	32,6
	Ambos	69	52,3	52,3	84,8
	Nenhum	20	15,2	15,2	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

### CuidadoComentáriosSexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	16	12,1	12,1	12,1
	Mulheres	30	22,7	22,7	34,8
	Ambos	74	56,1	56,1	90,9
	Nenhum	12	9,1	9,1	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

### CuidadoComentáriosAspectoFísico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	36	27,3	27,3	27,3
	Mulheres	24	18,2	18,2	45,5
	Ambos	46	34,8	34,8	80,3
	Nenhum	26	19,7	19,7	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

**CuidadoContactoFísico**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	27	20,5	20,5	20,5
	Mulheres	18	13,6	13,6	34,1
	Ambos	69	52,3	52,3	86,4
	Nenhum	18	13,6	13,6	100,0
	Total	132	100,0	100,0	

Anexo XXIV :

*Output* SPSS - A dimensão “Percepção do Duplo Padrão Sexual no  
Local de Trabalho” (Grupo 2)

```

FREQUENCIES VARIABLES=CuidadoPiadasSexo CuidadoComentáriosSexo CuidadoComentáriosAspectoFísico CuidadoContactoFísico
/ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

### Statistics

		Cuidado PiadasSexo	Cuidado Comentários Sexo	Cuidado Comentários AspectoFísico	Cuidado Contacto Físico
N	Valid	130	130	130	130
	Missing	0	0	0	0

## Frequency Table

### CuidadoPiadasSexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	15	11,5	11,5	11,5
	Mulheres	14	10,8	10,8	22,3
	Ambos	79	60,8	60,8	83,1
	Nenhum	22	16,9	16,9	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

### CuidadoComentáriosSexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	16	12,3	12,3	12,3
	Mulheres	11	8,5	8,5	20,8
	Ambos	77	59,2	59,2	80,0
	Nenhum	26	20,0	20,0	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

### CuidadoComentáriosAspectoFísico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	15	11,5	11,5	11,5
	Mulheres	19	14,6	14,6	26,2
	Ambos	81	62,3	62,3	88,5
	Nenhum	15	11,5	11,5	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

**CuidadoContactoFísico**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Mulheres	21	16,2	16,2	16,2
	Ambos	97	74,6	74,6	90,8
	Nenhum	12	9,2	9,2	100,0
	Total	130	100,0	100,0	

Anexo XXV :

*Output* SPSS - O indicador “Número de Parceiros Sexuais” (Global)

```

FREQUENCIES VARIABLES=ITEM60 ITEM61 ITEM62
  /STATISTICS=STDDEV MEAN MEDIAN
  /ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

**Statistics**

		ITEM60	ITEM61	ITEM62
N	Valid	262	262	262
	Missing	0	0	0
	Mean	5,12	1,54	1,34
	Median	4,00	1,00	1,00
	Std. Deviation	4,467	1,461	1,930

## Frequency Table

**ITEM60**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	50	19,1	19,1	19,1
	2	33	12,6	12,6	31,7
	3	31	11,8	11,8	43,5
	4	47	17,9	17,9	61,5
	5	26	9,9	9,9	71,4
	6	17	6,5	6,5	77,9
	7	6	2,3	2,3	80,2
	8	3	1,1	1,1	81,3
	9	3	1,1	1,1	82,4
	10	15	5,7	5,7	88,2
	12	11	4,2	4,2	92,4
	15	10	3,8	3,8	96,2
	18	6	2,3	2,3	98,5
	20	4	1,5	1,5	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

**ITEM61**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	8	3,1	3,1	3,1
	1	186	71,0	71,0	74,0
	2	39	14,9	14,9	88,9
	3	13	5,0	5,0	93,9
	4	6	2,3	2,3	96,2
	5	3	1,1	1,1	97,3



**ITEM61**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	7	3	1,1	1,1	98,5
	10	4	1,5	1,5	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

**ITEM62**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	116	44,3	44,3	44,3
	1	71	27,1	27,1	71,4
	2	27	10,3	10,3	81,7
	3	11	4,2	4,2	85,9
	4	23	8,8	8,8	94,7
	5	7	2,7	2,7	97,3
	8	4	1,5	1,5	98,9
	11	3	1,1	1,1	100,0
	Total	262	100,0	100,0	

Anexo XXVI :

*Output* SPSS - Teste de Correlação Linear de Pearson

(Número de Parceiros Sexuais x Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual)

## CORRELATIONS

```
/VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS ITEM60 ITEM61 ITEM62
/PRINT=TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.
```

## Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\João Marques\Ambiente de trabalho\Tes e Mestrado Nuno Marques Versão Final 4 Abril\tesenunofinal.sav

**Correlations**

		Aceitação PessoalDPS	ITEM60	ITEM61	ITEM62
AceitaçãoPessoalDPS	Pearson Correlation	1	,104	,016	-,074
	Sig. (2-tailed)		,094	,796	,234
	N	262	262	262	262
ITEM60	Pearson Correlation	,104	1	,286	,464
	Sig. (2-tailed)	,094		,000	,000
	N	262	262	262	262
ITEM61	Pearson Correlation	,016	,286	1	,542
	Sig. (2-tailed)	,796	,000		,000
	N	262	262	262	262
ITEM62	Pearson Correlation	-,074	,464	,542	1
	Sig. (2-tailed)	,234	,000	,000	
	N	262	262	262	262

\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo XXVII :

Lista de vocábulos utilizados para descrever homens e mulheres  
que tenham tido muitos parceiros sexuais

Itens Qualitativos do QADPS - Lista de Opiniões e Vocábulo Usados

<u>IDADE</u>	<u>HOMENS:</u>	<u>MULHERES:</u>
25	Boémios, Irresponsáveis	Levianas, Inseguras
21	Campeões	Sabidas
23	Normais	Mulheres da vida
23	Desenrascados	Porcas
22	Machos	Vadias, Cachorras, Putas
29	Experientes	Experientes
22	Poligâmicos	Poligâmicas
25	Morangos com açúcar	Bicicletas, Malucas, 112
28	Egoístas, Azarentos	Normais, Confusas
24	Fáceis, Garanhões	Cabras, Fáceis, Putas
22	Inconscientes	Malucas
27	Normais	Normais
24	Gigolos, playboys	Oferecidas, Rameiras
27	Machos	Ninfomaniacas
22	Não se respeitam	Pêgas
23	Gigolos, Playboys, Cabrões	Pêgas, Ninfomaniacas, Brutais
23	Cabrões	Vacas
21	Garanhões	Oferecidas
27	Safados	Safadas
24	Engatados, mulherengos, gigolos, machos	Bicicletas, oferecidas, porcas, prostitutas
28	Muito Requisitados, Conquistadores, Muito Aptos	Fáceis, Imorais, Irresponsáveis, Maus Exemplos
49	Sexualmente activos	Sexualmente activas
50	Machos	Gulosas
47	Promíscuos	Promíscuas
49	Malucos, Levianos, Tarados Sexuais	Sexuadas, Levianas, Taradas Sexuais, Malucas
42	Putanheiros	Vacas
44	Tarados	Gulosas
40	Machos	Brasas
42	Prazerosos, Desejantes	Sacanas, Fingidas, Mal Amadas, Velhacas
40	Livres	Liberais
44	Fodilhões, Garanhões	Gostam de sexo, Fodilhonas
41	Promíscuos	Promíscuas
40	Extrovertidos, Curiosos, Sem Preconceitos	Extrovertidas, Curiosas, Sem Preconceitos
43	Infiéis (se casados), Bem Sucidados (se solteiros)	Não Conservadoras
44	Gostam Muito de Sexo	Experientes
44	Machos	Vadias, Que Não Interessam

## Anexo XXVIII :

*Output* SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese A (Global)

```

EXAMINE VARIABLES=TotalISS
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF
/COMPARE GROUP
/PERCENTILES(5,10,25,50,75,90,95) HAVERAGE
/STATISTICS DESCRIPTIVES EXTREME
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.

```

## Explore

[DataSet1] C:\Documents and Settings\joao\Ambiente de trabalho\Tese Mestra do Nuno Marques Versão Final 21 Abril\tesenunofinal.sav

### Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
TotalISS	262	100,0%	0	,0%	262	100,0%

### Descriptives

			Statistic	Std. Error
TotalISS	Mean		21,4656	,76970
95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound		19,9500	
	Upper Bound		22,9813	
	5% Trimmed Mean		20,4880	
	Median		18,6667	
	Variance		155,218	
	Std. Deviation		12,45864	
	Minimum		2,00	
	Maximum		62,67	
	Range		60,67	
	Interquartile Range		14,17	
	Skewness		1,196	,150
	Kurtosis		1,644	,300

### Percentiles

		Percentiles				
		5	10	25	50	75
Weighted Average (Definition 1)	TotalISS	5,3333	8,6667	12,0000	18,6667	26,1667
Tukey's Hinges	TotalISS			12,0000	18,6667	26,0000

### Percentiles

		Percentiles	
		90	95
Weighted Average (Definition 1)	TotalISS	37,3330	50,6667

### Extreme Values

			Case Number	Value
TotalISS	Highest	1	153	62,67
		2	181	62,67
		3	216	62,67
		4	149	59,33
		5	177	59,33 <sup>a</sup>
	Lowest	1	254	2,00
		2	222	2,00
		3	187	2,00
		4	159	2,00
		5	127	2,67 <sup>b</sup>

a. Only a partial list of cases with the value 59,33 are shown in the table of upper extremes.

b. Only a partial list of cases with the value 2,67 are shown in the table of lower extremes.

## TotalISS

### TotalISS Stem-and-Leaf Plot

```

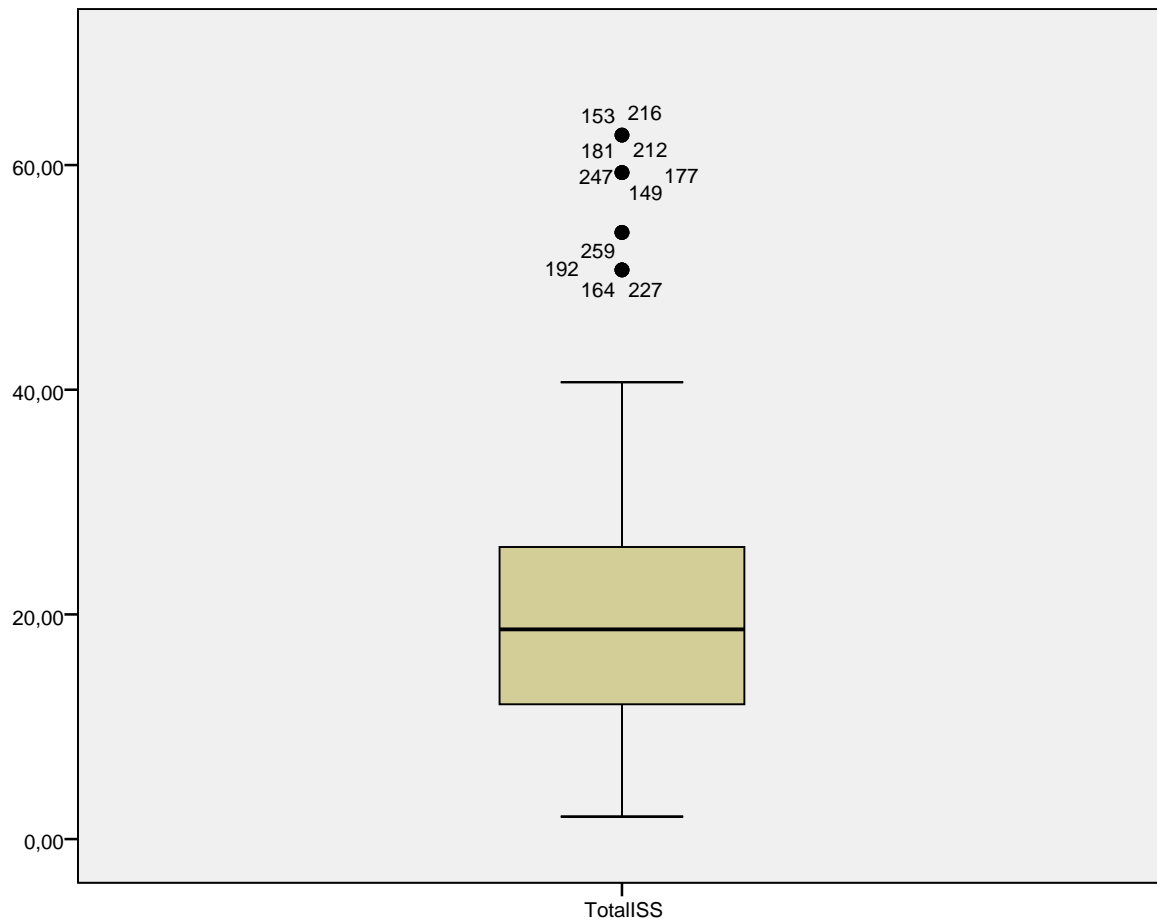
Frequency      Stem & Leaf

    12,00      0 .  222222244444
    26,00      0 .  5556666888888888888888888888999
    43,00      1 .  000000000000000000000222222233344444444444
    55,00      1 .  55666666666666666666666666667778888888888888888888889
999
    50,00      2 .  00000000000000000111111122222223333333334444444444
    21,00      2 .  5555555666666666666666888
    18,00      3 .  000000011111222222
    19,00      3 .  5556666667777779999
     3,00      4 .  000
    15,00 Extremes      (>=51)

Stem width:      10,00
Each leaf:       1 case(s)

```





Anexo XXIX :

*Output* SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese A

(Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Positiva)

```

EXAMINE VARIABLES=TotalISS
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF
/COMPARE GROUP
/PERCENTILES(5,10,25,50,75,90,95) HAVERAGE
/STATISTICS DESCRIPTIVES EXTREME
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.

```

## Explore

[DataSet1] C:\Documents and Settings\joao\Ambiente de trabalho\Tese Mestra do Nuno Marques Versão Final 21 Abril\tesenunofinal.sav

### Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
TotalISS	142	100,0%	0	,0%	142	100,0%

### Descriptives

			Statistic	Std. Error
TotalISS	Mean		22,2582	1,19305
95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound		19,8996	
	Upper Bound		24,6168	
	5% Trimmed Mean		21,1158	
	Median		17,0000	
	Variance		202,117	
	Std. Deviation		14,21679	
	Minimum		2,67	
	Maximum		62,67	
	Range		60,00	
	Interquartile Range		17,00	
	Skewness		1,206	,203
	Kurtosis		1,009	,404

### Percentiles

		Percentiles				
		5	10	25	50	75
Weighted Average (Definition 1)	TotalISS	6,6667	8,6667	10,6667	17,0000	27,6667
Tukey's Hinges	TotalISS			10,6667	17,0000	26,6667

### Percentiles

		Percentiles	
		90	95
Weighted Average (Definition 1)	TotalISS	40,2667	58,5333

### Extreme Values

			Case Number	Value
TotalISS	Highest	1	153	62,67
		2	181	62,67
		3	216	62,67
		4	149	59,33
		5	177	59,33 <sup>a</sup>
	Lowest	1	127	2,67
		2	81	2,67
		3	35	2,67
		4	111	4,67
		5	65	4,67

a. Only a partial list of cases with the value 59,33 are shown in the table of upper extremes.

## TotalISS

TotalISS Stem-and-Leaf Plot

```

Frequency      Stem & Leaf

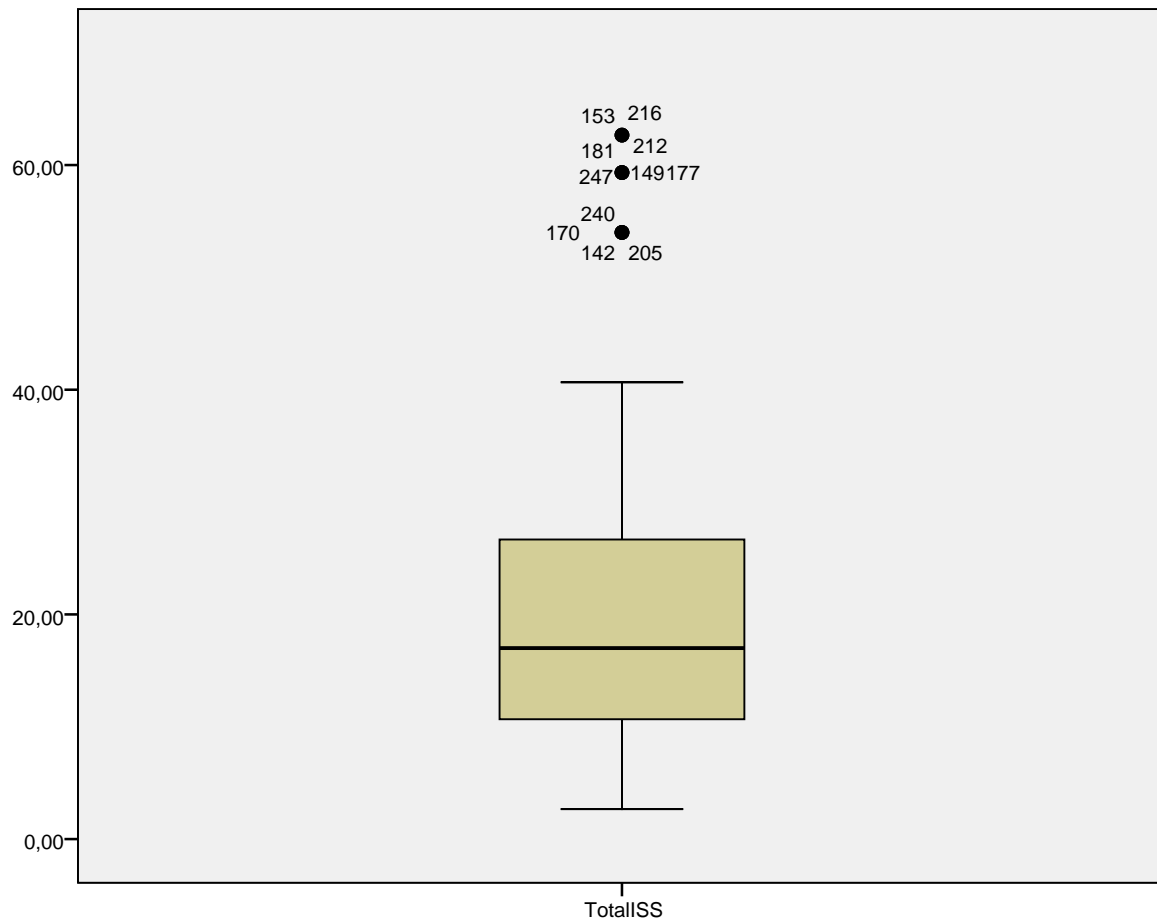
    5,00        0 .  22244
   19,00        0 .  6666888888888888999
   28,00        1 .  0000000000002222244444444444
   22,00        1 .  5566666666666666666777
   26,00        2 .  00000012223333333334444444
    7,00        2 .  666666
    8,00        3 .  00011222
   13,00        3 .  6666667779999
    3,00        4 .  000
   11,00 Extremes      (>=54)

```

```

Stem width:      10,00
Each leaf:       1 case(s)

```



Anexo XXX :

*Output* SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese A

(Aceitação Pessoal do Duplo Padrão Sexual Nula ou Negativa)

```

EXAMINE VARIABLES=TotalISS
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF
/COMPARE GROUP
/PERCENTILES(5,10,25,50,75,90,95) HAVERAGE
/STATISTICS DESCRIPTIVES EXTREME
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.

```

## Explore

[DataSet1] C:\Documents and Settings\joao\Ambiente de trabalho\Tese Mestra do Nuno Marques Versão Final 21 Abril\tesenunofinal.sav

### Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
TotalISS	120	100,0%	0	,0%	120	100,0%

### Descriptives

			Statistic	Std. Error
TotalISS	Mean		20,5278	,90974
95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound		18,7264	
	Upper Bound		22,3292	
	5% Trimmed Mean		20,0802	
	Median		19,3333	
	Variance		99,316	
	Std. Deviation		9,96573	
	Minimum		2,00	
	Maximum		50,67	
	Range		48,67	
	Interquartile Range		9,33	
	Skewness		,715	,221
	Kurtosis		1,292	,438

### Percentiles

		Percentiles				
		5	10	25	50	75
Weighted Average (Definition 1)	TotalISS	4,6667	8,6667	16,0000	19,3333	25,3333
Tukey's Hinges	TotalISS			16,0000	19,3333	25,3333

## Percentiles

### Weighted Average (Definition 1)

Case Number

TotalISS

b. Only a partial list of cases with the value 4,67 are shown in the table of lower extremes.

## TotalISS Stem-and-Leaf Plot

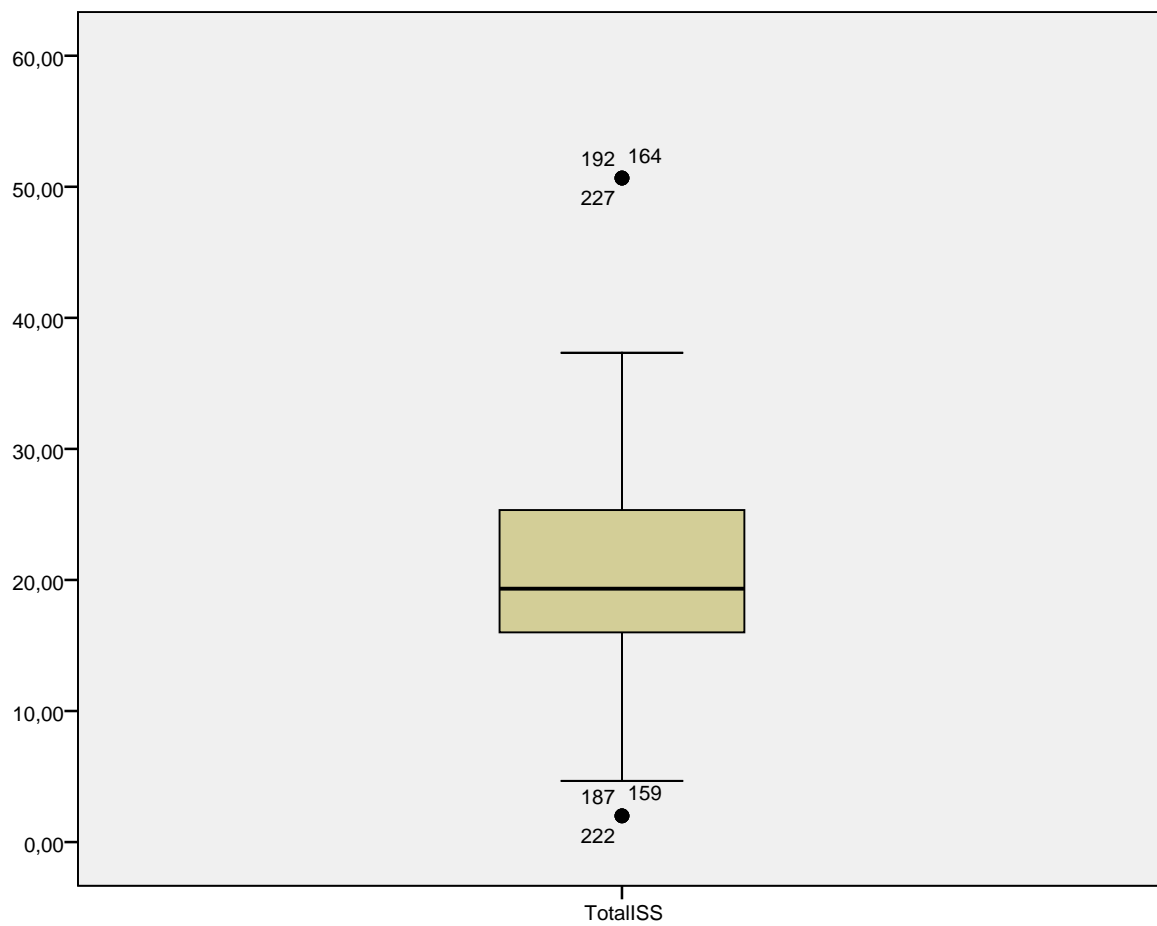
[illegible]



4,00 Extremes (>=51)

Stem width: 10,00

Each leaf: 1 case(s)



Anexo XXXI :

*Output* SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese B

```

EXAMINE VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS BY ridade
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF
/COMPARE GROUP
/PERCENTILES(5,10,25,50,75,90,95) HAVERAGE
/STATISTICS DESCRIPTIVES EXTREME
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.

```

## Explore

[DataSet1] C:\Documents and Settings\joao\Ambiente de trabalho\Tese Mestra do Nuno Marques Versão Final 21 Abril\tesenunofinal.sav

## Escalões

**Case Processing Summary**

		Cases		
		Valid		Missing
		N	Percent	N
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	132	100,0%	0
	40-50	130	100,0%	0

**Case Processing Summary**

		Cases		
		Missing	Total	
		Percent	N	Percent
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	,0%	132	100,0%
	40-50	,0%	130	100,0%

**Descriptives**

Escalões			Statistic
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	Mean	3,11
		95% Confidence Interval for Mean	
		Lower Bound	2,14
		Upper Bound	4,07
		5% Trimmed Mean	2,90
		Median	1,00
		Variance	31,515
		Std. Deviation	5,614
		Minimum	-8
		Maximum	17
		Range	25
		Interquartile Range	9
		Skewness	,536
		Kurtosis	-,602

### Descriptives

Escalões			Std. Error
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	Mean	,489
		Skewness	,211
		Kurtosis	,419

### Descriptives

Escalões			Statistic	
AceitaçãoPessoalDPS	40-50	Mean	1,77	
		95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	,91
			Upper Bound	2,63
		5% Trimmed Mean	1,21	
		Median	1,00	
		Variance	24,504	
		Std. Deviation	4,950	
		Minimum	-5	
		Maximum	24	
		Range	29	
		Interquartile Range	4	
		Skewness	2,760	
		Kurtosis	10,507	

### Descriptives

Escalões			Std. Error
AceitaçãoPessoalDPS	40-50	Mean	,434
		Skewness	,212
		Kurtosis	,422

### Percentiles

				Percentiles		
				5	10	25
Weighted Average (Definition 1)	AceitaçãoPessoalDPS	20-30		-4,00	-3,00	-1,00
		40-50		-3,00	-3,00	-1,00
Tukey's Hinges	AceitaçãoPessoalDPS	20-30				-1,00
		40-50				-1,00

### Percentiles

				Percentiles	
				50	75
Weighted Average (Definition 1)	AceitaçãoPessoalDPS	20-30		1,00	8,00
		40-50		1,00	3,00
Tukey's Hinges	AceitaçãoPessoalDPS	20-30		1,00	8,00
		40-50		1,00	3,00

### Percentiles

			Percentiles	
			90	95
Escalões				
Weighted Average (Definition 1)	AceitaçãoPessoalDPS	20-30	11,00	12,70
		40-50	6,00	8,00

### Extreme Values

Escalões				Case Number	Value
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	Highest	1	37	17
			2	83	17
			3	129	17
			4	13	14
			5	54	14 <sup>a</sup>
		Lowest	1	110	-8
			2	64	-8
			3	123	-4
			4	120	-4
			5	107	-4 <sup>b</sup>
	40-50	Highest	1	154	24
			2	182	24
			3	217	24
			4	249	24
			5	137	8 <sup>c</sup>
		Lowest	1	256	-5
			2	224	-5
			3	189	-5
			4	161	-5
			5	255	-3 <sup>d</sup>

a. Only a partial list of cases with the value 14 are shown in the table of upper extremes.

b. Only a partial list of cases with the value -4 are shown in the table of lower extremes.

c. Only a partial list of cases with the value 8 are shown in the table of upper extremes.

d. Only a partial list of cases with the value -3 are shown in the table of lower extremes.

## AceitaçãoPessoalDPS

### Stem-and-Leaf Plots

AceitaçãoPessoalDPS Stem-and-Leaf Plot for  
ridade= 20-30

Frequency      Stem & Leaf

2,00          -0 . 88  
              ,00          -0 .

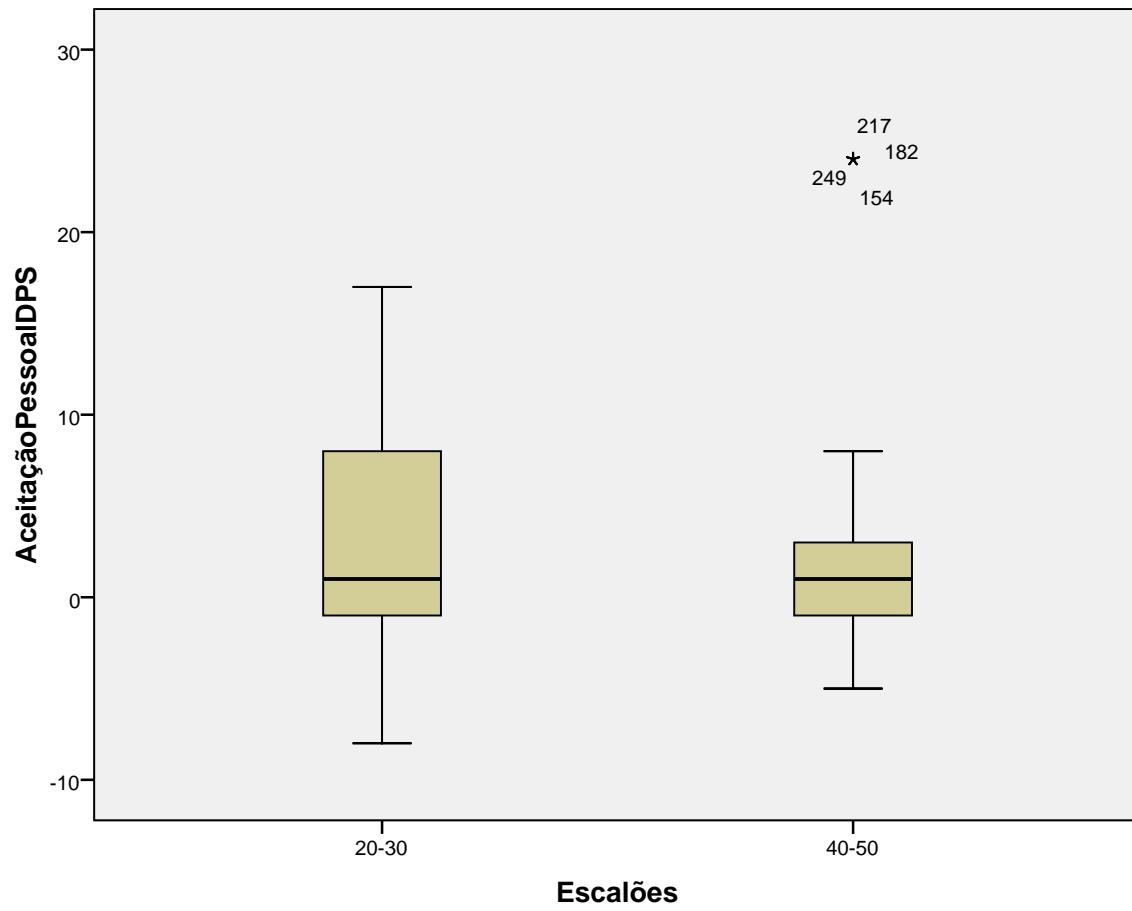
8,00	-0 .	44444444
15,00	-0 .	2223333333333333
15,00	-0 .	1111111111111111
28,00	0 .	0000000000000000111111111111
11,00	0 .	22222222333
12,00	0 .	444444455555
3,00	0 .	666
9,00	0 .	888888999
21,00	1 .	0000000000000000111111
2,00	1 .	22
3,00	1 .	444
3,00	1 .	777

Stem width: 10  
Each leaf: 1 case(s)

AceitaçãoPessoalDPS Stem-and-Leaf Plot for  
ridade= 40-50

Frequency	Stem &	Leaf
4,00	-5 .	0000
,00	-4 .	
12,00	-3 .	000000000000
7,00	-2 .	0000000
15,00	-1 .	0000000000000000
,00	-0 .	
25,00	0 .	000000000000000000000000
10,00	1 .	0000000000
15,00	2 .	0000000000000000
11,00	3 .	00000000000
12,00	4 .	000000000000
,00	5 .	
11,00	6 .	000000000000
,00	7 .	
4,00	8 .	0000
4,00	Extremes	(>=24,0)

Stem width: 1  
Each leaf: 1 case(s)



Anexo XXXII :

*Output* SPSS : Diagrama de extremos-e-quartis Hipótese C



```

EXAMINE VARIABLES=AceitaçãoPessoalDPS PercepçãoSocialDPS BY ridade
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF
/COMPARE GROUP
/PERCENTILES(5,10,25,50,75,90,95) HAVERAGE
/STATISTICS DESCRIPTIVES EXTREME
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.

```

## Explore

[DataSet1] C:\Documents and Settings\joao\Ambiente de trabalho\Tese Mestra do Nuno Marques Versão Final 21 Abril\tesenunofinal.sav

## Escalões

**Case Processing Summary**

		Cases		
		Valid		Missing
		N	Percent	N
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	132	100,0%	0
	40-50	130	100,0%	0
PercepçãoSocialDPS	20-30	132	100,0%	0
	40-50	130	100,0%	0

**Case Processing Summary**

		Cases		
		Missing	Total	
		Percent	N	Percent
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	,0%	132	100,0%
	40-50	,0%	130	100,0%
PercepçãoSocialDPS	20-30	,0%	132	100,0%
	40-50	,0%	130	100,0%

**Descriptives**

Escalões				Statistic
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	Mean		3,11
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound		2,14
		Upper Bound		4,07

**Descriptives**

Escalões			Std. Error
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	Mean	,489

### Descriptives

Escalaões			Statistic
Aceitação Pessoal DPS	20-30	5% Trimmed Mean	2,90
		Median	1,00
		Variance	31,515
		Std. Deviation	5,614
		Minimum	-8
		Maximum	17
		Range	25
		Interquartile Range	9
		Skewness	,536
		Kurtosis	-,602
	40-50	Mean	1,77
		95% Confidence Interval for Mean	
		Lower Bound	,91
		Upper Bound	2,63
		5% Trimmed Mean	1,21
		Median	1,00
		Variance	24,504
		Std. Deviation	4,950
		Minimum	-5
		Maximum	24
Percepção Social DPS	20-30	Mean	1,67
		95% Confidence Interval for Mean	
		Lower Bound	1,44
		Upper Bound	1,89
		5% Trimmed Mean	1,65
		Median	2,00
		Variance	1,751
		Std. Deviation	1,323
		Minimum	-1
		Maximum	4
	40-50	Range	5
		Interquartile Range	2
		Skewness	,074
		Kurtosis	-,757
		Mean	,56
		95% Confidence Interval for Mean	
		Lower Bound	,28
		Upper Bound	,84

### Descriptives

Escalões			Std. Error
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	Skewness	,211
		Kurtosis	,419
	40-50	Mean	,434
		Skewness	,212
PercepçãoSocialDPS	20-30	Kurtosis	,422
		Mean	,115
	40-50	Skewness	,211
		Kurtosis	,419
		Mean	,141

### Descriptives

Escalões			Statistic
PercepçãoSocialDPS	40-50	5% Trimmed Mean	,51
		Median	,00
		Variance	2,574
		Std. Deviation	1,604
		Minimum	-2
		Maximum	4
		Range	6
		Interquartile Range	2
		Skewness	,573
		Kurtosis	-,152

### Descriptives

Escalões			Std. Error
PercepçãoSocialDPS	40-50	Skewness	,212
		Kurtosis	,422

### Percentiles

Escalões			Percentiles		
			5	10	25
Weighted Average (Definition 1)	AceitaçãoPessoalDPS	20-30	-4,00	-3,00	-1,00
		40-50	-3,00	-3,00	-1,00
	PercepçãoSocialDPS	20-30	,00	,00	,00
		40-50	-2,00	-1,00	,00
Tukey's Hinges	AceitaçãoPessoalDPS	20-30			-1,00
		40-50			-1,00
	PercepçãoSocialDPS	20-30			,00
		40-50			,00

### Percentiles

				Percentiles	
				50	75
Escalões					
Weighted Average (Definition 1)	AceitaçãoPessoalDPS	20-30		1,00	8,00
		40-50		1,00	3,00
	PercepçãoSocialDPS	20-30		2,00	2,00
		40-50		,00	2,00
Tukey's Hinges	AceitaçãoPessoalDPS	20-30		1,00	8,00
		40-50		1,00	3,00
	PercepçãoSocialDPS	20-30		2,00	2,00
		40-50		,00	2,00

### Percentiles

				Percentiles	
				90	95
Escalões					
Weighted Average (Definition 1)	AceitaçãoPessoalDPS	20-30		11,00	12,70
		40-50		6,00	8,00
	PercepçãoSocialDPS	20-30		4,00	4,00
		40-50		3,00	4,00

### Extreme Values

Escalões				Case Number	Value
AceitaçãoPessoalDPS	20-30	Highest	1	37	17
			2	83	17
			3	129	17
			4	13	14
			5	54	14 <sup>a</sup>
	40-50	Lowest	1	110	-8
			2	64	-8
			3	123	-4
			4	120	-4
			5	107	-4 <sup>b</sup>

a. Only a partial list of cases with the value 14 are shown in the table of upper extremes.

b. Only a partial list of cases with the value -4 are shown in the table of lower extremes.

### Extreme Values

Escalaões				Case Number	Value
AceitaçãoPessoalDPS	40-50	Highest	1	154	24
			2	182	24
			3	217	24
			4	249	24
			5	137	8 <sup>c</sup>
		Lowest	1	256	-5
			2	224	-5
			3	189	-5
			4	161	-5
			5	255	-3 <sup>d</sup>
PercepçãoSocialDPS	20-30	Highest	1	13	4
			2	15	4
			3	18	4
			4	22	4
			5	37	4 <sup>e</sup>
		Lowest	1	120	-1
			2	74	-1
			3	28	-1
			4	128	0
			5	127	0 <sup>f</sup>
	40-50	Highest	1	154	4
			2	164	4
			3	182	4
			4	192	4
			5	193	4 <sup>e</sup>
		Lowest	1	248	-2
			2	247	-2
			3	246	-2
			4	213	-2
			5	212	-2 <sup>g</sup>

c. Only a partial list of cases with the value 8 are shown in the table of upper extremes.

d. Only a partial list of cases with the value -3 are shown in the table of lower extremes.

e. Only a partial list of cases with the value 4 are shown in the table of upper extremes.

f. Only a partial list of cases with the value 0 are shown in the table of lower extremes.

g. Only a partial list of cases with the value -2 are shown in the table of lower extremes.

### AceitaçãoPessoalDPS

## Stem-and-Leaf Plots

AceitaçãoPessoalDPS Stem-and-Leaf Plot for  
ridade= 20-30

Frequency	Stem &	Leaf
2,00	-0 .	88
,00	-0 .	
8,00	-0 .	44444444
15,00	-0 .	2223333333333333
15,00	-0 .	1111111111111111
28,00	0 .	0000000000000000111111111111
11,00	0 .	22222222333
12,00	0 .	444444455555
3,00	0 .	666
9,00	0 .	888888999
21,00	1 .	000000000000000111111
2,00	1 .	22
3,00	1 .	444
3,00	1 .	777

Stem width: 10  
Each leaf: 1 case(s)

AceitaçãoPessoalDPS Stem-and-Leaf Plot for  
ridade= 40-50

Frequency	Stem &	Leaf
4,00	-5 .	0000
,00	-4 .	
12,00	-3 .	000000000000
7,00	-2 .	0000000
15,00	-1 .	000000000000000
,00	-0 .	
25,00	0 .	000000000000000000000000
10,00	1 .	0000000000
15,00	2 .	000000000000000
11,00	3 .	00000000000
12,00	4 .	000000000000
,00	5 .	
11,00	6 .	00000000000

```

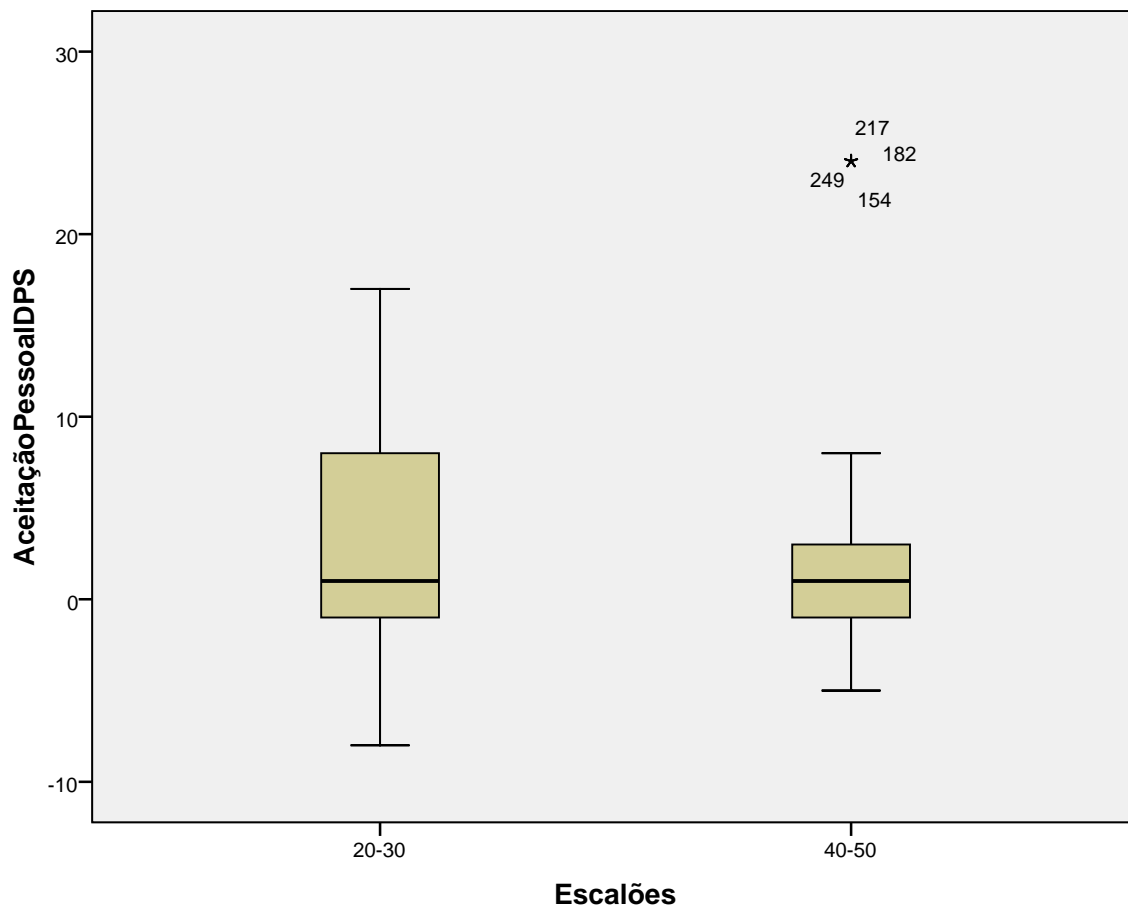
,00      7 .
4,00     8 . 0000
4,00 Extremes    (>=24,0)

```

```

Stem width:      1
Each leaf:       1 case(s)

```



## Percepção Social DPS

### Stem-and-Leaf Plots

Percepção Social DPS Stem-and-Leaf Plot for  
 idade= 20-30

```

Frequency      Stem & Leaf
3,00          -1 . 000
,00           -0 .

```

```
Stem width:      1
Each leaf:      1 case(s)
```

Frequency	Stem & Leaf
-----------	-------------

```
Stem width:      1
Each leaf:       1 case(s)
```



